UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GABRIELA DIOGUARDI

ARGUMENTAÇÃO E REDES SOCIAIS: O *TWEET* COMO GÊNERO E
A EMERGÊNCIA DE NOVAS PRÁTICAS COMUNICATIVAS

VERSÃO CORRIGIDA

DE ACORDO: _____

SÃO PAULO

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GABRIELA DIOGUARDI

ARGUMENTAÇÃO E REDES SOCIAIS: O *TWEET* COMO GÊNERO E
A EMERGÊNCIA DE NOVAS PRÁTICAS COMUNICATIVAS

VERSÃO CORRIGIDA

DE ACORDO: _____

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Luda', followed by a series of loops and a long horizontal stroke.

SÃO PAULO

2014

GABRIELA DIOGUARDI

ARGUMENTAÇÃO E REDES SOCIAIS: O *TWEET* COMO GÊNERO E A EMERGÊNCIA
DE NOVAS PRÁTICAS COMUNICATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração:
Filologia e Língua Portuguesa

Orientadora: Prof^ª. Dra. Zilda Gaspar Oliveira
de Aquino

SÃO PAULO

2014

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: DIOGUARDI, Gabriela.

Título: Argumentação e Redes Sociais: o *tweet* como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora:

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Para Tomás, Giuseppe e Regina.

AGRADECIMENTOS

À Professora e Orientadora Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, pelo exemplo, rigor e delicadeza com os quais me guiou pelos difíceis caminhos da pesquisa acadêmica.

Às Professoras Helena Nagamine Brandão e Vanda Elias, por quem tenho profundo respeito e admiração, por terem acolhido meu trabalho com muita generosidade durante meu processo de Qualificação. Seus ensinamentos foram, e são, muito importantes em minha formação.

À Escola Viva, que permitiu que esta pesquisa fosse realizada. E, especialmente, a Paulo Storace Rota, meu diretor, amigo e entusiasta e Elizabeth Fantauzzi, pela ajuda e orientação na elaboração da sequência didática.

Aos meus alunos de 2012, por embarcarem comigo nessa aventura.

Ao meu filho, Tomás, a quem espero um dia servir de exemplo e a quem peço perdão pela minha ausência durante o processo de elaboração desta Dissertação.

Ao meu pai, Giuseppe, meu maior crítico e incentivador.

À minha mãe, Regina, que me ensinou a ensinar.

À minha avó, que mesmo enferma, ensinou-me a ter força.

Ao meu companheiro, Fernando, pela compreensão, paciência e companhia durante os momentos mais difíceis que enfrentei durante o processo de construção deste trabalho.

Ao meu irmão, Giuseppe, por ter sido companheiro do meu filho quando não pude estar com ele.

Aos meus amigos, Camila Calia, Flávia Simões Pinto, Bruno Vichi e Paola Lazzarini. Desculpem-me se não estive presente nos momentos em que vocês precisaram de mim.

À Regina Cohen, por todo o incentivo e doçura.

À Maria del Carmen Lizarzaburu, que me ensinou a amar a Língua Portuguesa. (*in memoriam*)

A todos os meus colegas com quem convivi nesses dois anos e, especialmente, Ana Luísa Feiteiro Cavalari Lotti, por sua amizade verdadeira.

A toda minha TL e seguidores do *Twitter*.

Cado novo fluxo de tweets é uma onda no oceano de conversas.

Pierre Lèvy, em sua *timeline* no *Twitter*

RESUMO

Argumentação e Redes Sociais: o *tweet* como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas

Esta pesquisa tem por objetivo estudar o funcionamento argumentativo do *tweet*, um gênero textual digital emergente – o *tweet* – particularizado pela produção escrita de até cento e quarenta caracteres e que circula somente no ambiente *Twitter*. O *corpus* constitui-se de cinquenta *tweets* do tipo argumentativo produzidos por alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola privada da cidade de São Paulo, desenvolvidos a partir de uma sequência didática apresentada em aulas de Língua Portuguesa. Em razão de toda produção discursivo-textual não poder ser separada de seu contexto específico de produção, esta pesquisa também examina a rede mundial digital, a *Internet*, em sua concepção de produtora de ambientes virtuais nos quais circulam variados gêneros textuais digitais emergentes. Tendo em vista que poucos são os estudos sobre o funcionamento da Argumentação em ambientes digitais virtuais, buscamos detectar quais estratégias argumentativas são acionadas para a tomada de um posicionamento em uma condição tão particular de produção, para conhecer o valor argumentativo dos elementos linguísticos e não-linguísticos que utilizados de modo coesivo ou não, constituem o gênero *tweet*. Por se tratar de uma perspectiva de reflexão linguístico-textual sobre os usos da língua em procedimentos argumentativos, o embasamento teórico deste trabalho fundamenta-se nas referências de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) sobre estratégias argumentativas; na concepção de instâncias argumentativas propostas por Amossy (2007); no conceito e funcionalidade de Redes Sociais e, particularmente do *Twitter*, apontados por Santaella e Lemos (2010); nos postulados bakhtinianos da constituição e transmutação de gêneros e na perspectiva sociocognitiva-interacionista da Linguística Textual acerca da materialização linguística dos gêneros textuais digitais conforme Marcuschi (2002, 2008, 2010, 2012) Koch (2000, 2002, 2006) e Koch e Elias (2009). Os resultados permitem afirmar que a orientação argumentativa dos aspectos linguísticos presentes nos enunciados e em seus encadeamentos organizam-se no sentido de indicar o posicionamento do locutor que, em função da necessidade de economia de uma economia de escrita, circunscreve seu “querer-dizer” a determinada dimensão estética.

Palavras-chave: Gêneros Digitais, Twitter, Tweet, Argumentação, Estratégias

ABSTRACT

Argumentation and Social Networks: the *tweet* as a genre and the new emerging communicative practices

This work's objective is to study the argumentative function of the *tweet*, an emerging genre of digital text that is specified by the written production of a hundred and forty characters and circulates only on the *Twitter* environment. The *corpus* is constituted of fifty *tweets* produced by grade ten students from a private school in São Paulo, developed after a didactic sequence presented in the Portuguese classes. Due to the fact that any discursive-textual production can't be separated from its specific context of production, this research paper also examines the worldwide web, the *Internet*, as generator of a virtual environment in which a number of emerging digital textual genres circulate. Having in mind that there are few studies about the function of Argumentation in digital virtual environments, we aim at detecting which argumentative strategies are driven to the decision-making in a condition that is so particular of the production, in order to understand the argumentative value of the linguistic and non-linguistic elements that, utilized in a cohesive way or not, constitute the genre *tweet*. As it is a perspective in the textual-linguistic reflection on the uses of the language in argumentative procedure, this work is based on the references of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) about argumentative strategies; in the conception of argumentative instances proposed by Amossy (2007); in the concept and functionality of Social Networks and, particularly *Twitter*, pointed out by Santaella and Lemos (2010); Bakhtinian postulates of constitution and transmutation of genres and the sociocognitive-interactionist of Textual Linguistics about the linguistic materialization of digital textual genres on the point of Marcuschi (2002, 2008, 2010, 2012), Koch (1990, 2001, 2002, 2004 2010, 2011), and Koch and Elias (2009). The results grant assertion that the argumentative orientation of the linguistic aspects presented on the statement and in its joints organize themselves on the sense of indicating the speaker's positioning that, on the purpose of the necessity of dealing with a restrict number of words, encircles what they mean to a determined aesthetical dimension.

Key Words: Digital Genres, Twitter, Tweet, Argummentation, Strategies

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Análise intergenérica, segundo Marcuschi	49
TABELA 2 – Comparação Intergenérica entre o <i>Tweet</i> 1, o <i>e-mail</i> e o <i>chat</i> aberto	53
TABELA 3 – Comparação Intergenérica entre o <i>Tweet</i> 2, o <i>e-mail</i> e o <i>chat</i> aberto	57
TABELA 4 – Formas de Coesão textuais	82
TABELA 5 – Formas de Coesão sequencial	83
TABELA 6 – Esquemas dos processos de coesão sequencial	84
TABELA 7 – Elementos linguísticos e tipos textuais	101
TABELA 8 – Distribuição de frequência das variáveis estudadas em cinquenta <i>tweets</i>	155
TABELA 9 – Distribuição da frequência das relações entre variáveis estudadas em cinquenta <i>tweets</i>	156

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Critérios de textualidade	83
FIGURA 2 – A base do discurso, segundo Van Dijk	96
FIGURA 3 – Diferença entre tipos e gêneros textuais	99
FIGURA 4 – <i>Hipertexto 1</i>	160
FIGURA 5 – <i>Hipertexto 2</i>	162
FIGURA 6 – <i>Hipertexto 3</i>	170

LISTA DE ABREVIATURAS

CMD – Conversa Mediada por Dispositivo Móvel

CV – Comunidades Virtuais

LT – Linguística Textual

MCs – Marcadores Conversacionais

RSI – Rede Social da Internet

RT – *Retweet*

SMS – *Short Message Service*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – A constituição dos gêneros textuais em ambientes digitais e o <i>tweet</i> como gênero textual digital	
1.1 A <i>Internet</i> e seus impactos na comunicação global	28
1.2 A definição do <i>Twitter</i> e as contribuições da Linguística Textual e da Semiótica	30
1.2.1 O <i>Twitter</i> como ambiente virtual e rede social 3.0	30
1.2.2 As contribuições da Linguística Textual e da Semiótica	33
1.2.3 Possibilidades interacionais e fluxos informacionais no <i>Twitter</i> sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista da Linguística Textual	38
1.3 O <i>tweet</i> como gênero textual: concepções e funcionalidade	42
1.3.1 Considerações sobre as análises intergenéricas entre o <i>tweet</i> e os gêneros <i>e-mail</i> e <i>chat</i> aberto	59
1.4 A CMD como prática sociocognitiva dos ambientes virtuais	60
1.5 A configuração das CMDs em gêneros e seus aspectos linguísticos	62
1.6 A imbricação do <i>continuum</i> fala/escrita e a materialização linguística das CMDs	65
1.7 Os marcadores conversacionais nas CMDs	67
CAPÍTULO 2 – As especificidades do gênero <i>tweet</i>	
2.1 A análise do gênero <i>tweet</i> sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista da Linguística Textual	73
2.2 Sobre o conceito e funcionalidade dos mecanismos textuais – os critérios linguísticos de textualidade: argumentatividade, coesão e coerência	78
2.2.1 Argumentatividade como critério de textualidade e orientação argumentativa	78
2.2.2 A coesão textual	80
2.2.2.1 A progressão textual e a relação tema/remã	86
2.2.3 A coerência	91
2.2.3.1 As contribuições de Van Dijk: os modelos mentais na construção da coerência	94
2.3 O <i>tweet</i> do tipo argumentativo sob a perspectiva da Linguística Textual sociocognitiva-interacionista	98
2.3.1 A orientação argumentativa na construção do tipológica do <i>tweet</i>	98
2.3.2 Considerações acerca das análises dos exemplos apresentados	107

CAPÍTULO 3 – Dimensão e estratégias argumentativas na construção de *tweets*

3.1 Breve Histórico das Teorias da Argumentação e a noção de instâncias argumentativas	109
3.2 Argumentação e Cognição	115
3.2.1 O papel da memória	117
3.3 As estratégias argumentativas	118
3.3.1 Análise de algumas estratégias argumentativas	121
3.3.1.1 A organização informacional <i>ouflow</i> e <i>inflow</i> na construção estratégica de um <i>tweet</i> argumentativo	121
3.3.1.2 O papel dos tempos verbais na construção linguística dos <i>tweets</i>	122
3.3.1.3 A ironia	125
3.3.1.4 O humor como estratégia argumentativa	129
3.3.1.5 Sinais de pontuação e letras maiúsculas como marcas estratégicas	132
3.3.1.6 As perguntas retóricas como estratégias argumentativas	138
3.3.1.7 As <i>hashtags</i> como estratégias argumentativas típicas do ambiente <i>Twitter</i>	143
3.3.1.8 Considerações acerca das análises efetuadas	146
3.4 O lugar da Argumentação no ensino da Língua Portuguesa: a questão dos gêneros	147

CAPÍTULO 4 – Análises complementares

4.1 A constituição do <i>corpus</i>	153
4.2 Distribuição de frequência das variáveis estudadas e das relações entre elas	154
4.3 Análises descritivas	156
4.4 Considerações sobre as análises efetuadas	177

CONCLUSÃO	181
-----------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	186
----------------------------------	-----

ANEXOS

Anexo 1 – Duzentos <i>tweets</i> produzidos pelos alunos	199
Anexo 2 – Cinquenta <i>tweets</i> analisados	224

INTRODUÇÃO

O profissional da Educação enfrenta grandes desafios na atualidade ligados às mudanças tecnológicas que presenciamos e vivemos com rapidez indiscutível. Lévy (1999) aponta para a rápida mudança nas relações estabelecidas em um meio virtual de interações como a *Internet*, que tem por consequência o redimensionamento dos espaços antes ocupados e, portanto, conhecidos. A isto denomina desterritorialização, fenômeno responsável pela perda das identidades antes instituídas e agora reorganizadas nesse *ciberespaço*, cujas interações passam a ocorrer simultaneamente, em um procedimento que o filósofo entende como troca de informação e saberes de forma generalizada e não mais a partir de uma informação institucionalizada.

Diante desse quadro, observa-se a necessidade de serem repensadas as identidades, incluindo-se aí, também as instituições. Neste ponto, parece-nos que, no rol institucional, a escola está em xeque, principalmente no que tange à produção de saberes e informações, uma vez que o fenômeno é real, irreversível e pertencente a toda sociedade. Em tal direcionamento, mesmo sendo parte fundamental de um corpo social, parece-nos que a instituição escolar ainda não considera a ocorrência de tais relações sociais fora de sua esfera.

Porém, frente ao estabelecimento de parâmetros governamentais norteadores da relação ensino-aprendizagem, alguns caminhos importantes estão sendo tomados. Quando o Ministério da Educação estabeleceu que os critérios reguladores de tal relação não fossem mais focados na apreensão de conteúdos, mas em desenvolvimento de capacidades, materializou este desafio na elaboração de matrizes de competências e habilidades que considera necessárias para a boa formação de um estudante ao fim de seu ciclo escolar e criou uma avaliação de caráter nacional que, em última instância, mede a qualidade do ensino oferecido pelas escolas: o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

A matriz de competências e habilidades referentes à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, da qual faz parte a disciplina de Língua Portuguesa, estabelece como “Competência de área 1 – Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida, quatro habilidades, sendo i) “H1– Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação”; ii) “H2 – Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais”; iii) “H3 – Relacionar infor-

mações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando as funções sociais desses sistemas” e iv) “H4 – Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação”¹. Se observarmos os parâmetros estabelecidos por um exame nacional aplicado a todos os alunos que terminam o Ensino Médio, constatamos que é função da escola garantir, além de reflexões, a mediação da construção de conhecimento acerca do uso e aprendizagem da língua materna também sob o ponto de vista tecnológico. Coerente com seus propósitos de ensino da língua, o ENEM cerca as diversas possibilidades de manifestações e usos, incluindo aquelas que afluem em contextos virtuais, dando um passo além da contemplação das variadas manifestações linguísticas que ocorrem em contextos não-virtuais e/ou do ensino-aprendizado focado apenas em conteúdos.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, a matriz de competências e habilidades referentes à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, apesar de não explicitar como tal, arrola determinadas competências e habilidades que abarquem também as produções textuais efetuadas na Internet e não ignora a pluralidade de tais acontecimentos sedimentados e reais. Tratando-as como fato, espera que a escola também o faça. Porém, é comum que no âmbito escolar, e também fora dele, dizeres que culpam a *Internet* pela “deficiente” produção textual de alunos, compreendendo como “deficientes” tanto a organização de encadeamento de enunciados como as marcas de oralidade muito presentes nos gêneros textuais produzidos em situação de ensino/aprendizagem e, que, às questões linguísticas, subjazam, principalmente, o descontentamento quanto à clareza do projeto do argumentar do estudante. Por outro lado, vê-se como prática comum de ensino de nossa língua, sob o pretexto de adequação ao exigido, adaptações do que se supõe uma aplicação tecnológica da disciplina quando se solicita, por exemplo, que textos da esfera escolar, como Artigo de Opinião ou Editoriais transportem-se de uma folha de papel para um *blog*, o qual, há um bom tempo, deixou de ser um gênero textual emergente do um diário pessoal, para se transformar em um ambiente no qual circulam diferentes gêneros.

Para aqueles inseridos nesse contexto de atividade profissional e entusiastas das novas formas de organização discursivo-textuais que surgem no ambiente virtual, uma potente

¹ Disponível em: <<http://www.infoenem.com.br/competencias-para-linguagens-codigos-e-suas-tecnologias/>>. Acesso em 25/10/2012

ferramenta de comunicação tem-lhes chamado a atenção: o *Twitter*. Em tal ambiente público de interação mediada pela escrita, a única regra existente consiste na realização de uma produção textual com delimitação espacial de até cento e quarenta caracteres, ou seja, pode-se argumentar, narrar, descrever, injungir ou expor sob uma forma de organização enunciativa específica, o que, claramente configura um objeto de pesquisa inovador no que diz respeito à Linguística Textual.

Trabalhar com o *Twitter* e seu gênero específico no ensino, não significa transportar um microconto, que poderia ser realizado em sala de aula normalmente e transferi-lo para outro meio. Quando se propõe o trabalho com o *Twitter*, busca-se o desenvolvimento de habilidades como concisão e precisão, objetivando-se o trabalho com os recursos linguísticos necessários para tipificar de forma específica, uma produção textual curta.

Em virtude disso, consideramos que as manifestações discursivo-textuais realizadas na Internet são valiosas para que se proponha uma pesquisa quanto aos seus modos de organização textual. *Chats*, *e-mails*, comentários, e *tweets* são importantes por estabelecerem, pelo uso da língua, novas formas de comunicação por gêneros e por serem realizadas nos mesmos moldes do postulado por Lévy (op. cit.).

Uma outra competência exigida, na mesma grande área de Linguagens, Códigos e Tecnologias, é a que determina à escola formar um estudante que ao término do Ensino Médio, seja capaz de “confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas”.² Entendemos que, aqui, há referência implícita às questões de Argumentação, tão necessárias para a formação de um cidadão que a escola tanto busca. Acrescentamos a isto, e em concordância ao apontamento de Aquino (1997, p. 15), a respeito das pesquisas da Argumentação em textos orais –, considerações em relação aos textos digitais, pois acreditamos que os estudos sobre a constituição da Argumentação nestes contextos ainda sejam escassos e muito pautados pelas relações sócio-históricas e ideológicas, sem que explorem específica e sistematicamente tal manifestação.

² Competência 7, <http://www.infoenem.com.br/competencias-para-linguagens-codigos-e-suas-tecnologias/> acessado em 25/10/2012.

Se a escola deve ser guiada pela noção de pertencimento social e de mundo, as matrizes de competências e habilidades direcionam-na neste sentido e, ao professor, especialmente aqueles que têm a linguagem como seu objeto de estudo e trabalho, pode bem caber o papel de relacionamento entre tais realidades. As formas de organização linguístico-discursivas que acontecem na *Internet*, precisa ser pensada pela escola, uma vez que a sala de aula é o espaço em que elas, muitas vezes, materializam-se.

A partir dessa concepção inicial, alguns questionamentos podem ser feitos: como ocorre, afinal, a organização textual argumentativa em um espaço delimitado de escrita? Que recursos linguísticos e não-linguísticos são acionados para organizar esse texto? Quais estratégias argumentativas são utilizadas para esse fim? É possível que os alunos consigam produzir textos ajustados à argumentação pretendida na enunciação? Nossas considerações acerca da importância do estudo da Argumentação em ambientes virtuais direcionam-nos a descrever e analisar os particulares modos de organização textual deste gênero digital em seus aspectos argumentativos realizados por aqueles que, de fato, o utilizam para, assim, considerar, sob esta perspectiva, o que constitui um texto argumentativo no ambiente *Twitter*. Mais especificamente, temos por objetivos descrever os mecanismos textuais ligados à construção da produção e organização de tweets argumentativos produzidos por alunos do 1º ano do EM de uma escola privada da cidade de São Paulo, para localizar e identificar as estratégias utilizadas conferem a tais tweets orientação argumentativa e marcação de ponto de vista do locutor nesse contexto.

Recorremos aos posicionamentos de Santaella e Lemos (2010) sobre a configuração e funcionalidade do *Twitter*. Em um movimento interdisciplinar que conjuga a perspectiva da Semiótica no que tange à maneira de organização dos fluxos informacionais *outflow* e *inflow* particulares do ambiente que à orientação argumentativa que se coaduna tanto à caracterização do *Twitter* como um auditório aberto – nos moldes do que preconizou Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]), como em relação a sua produção textual específica.

Nessa direção, a perspectiva bakhtiniana para analisar o *Twitter* e definir o *tweet* como o gênero textual deste ambiente, mostra-se adequada quando da definição de gênero por seus aspectos temáticos, estilísticos e principalmente composicionais e, a pertinência da teoria sociocognitivista-interacional da Linguística Textual tem seu fundamento quando abordamos os

trabalhos de Marcuschi (2002, 2005, 2008) acerca de tipologias textuais. Nesse sentido, trataremos da argumentação e da argumentatividade para que se tipifique um *tweet* como predominantemente argumentativo a partir da sua constituição como gênero textual emergente.

Os postulados de Aquino (1997) mostraram-se fundamentais para a constituição deste trabalho uma vez que, ao traçar com propriedade o percurso histórico da Argumentação, desde sua concepção clássica aristotélica, retomando e ampliando em seu aspecto persuasivo e discursivo o entendimento da Retórica, segundo as proposições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]), para, por fim, concentrar seus estudos nas operações estratégicas argumentativas em interações polêmicas, estabeleceu uma proposta de reorganização destas que nos serviram como norteadoras desta pesquisa. Ressaltamos que nosso enfoque concentra-se na identificação dessas estratégias visando à tipificação de um texto argumentativo realizado em cento e quarenta caracteres. As estratégias utilizadas constituem modos de ver o mundo a partir de enunciado a que faz referência, e, consequentemente, do estabelecimento de um ponto de vista do locutor, como afirma Amossy (2007).

Segundo Koch (2011, p. 17), “o ato de argumentar faz-se presente em todo e qualquer discurso, visto que, pela linguagem, todo homem procura agir sobre o outro e sobre si mesmo”. Assim, salientamos, também que os usuários do *Twitter* buscam em um auditório universal formar um auditório particular heterogêneo por meio de persuasão, entendemos que a argumentatividade faz-se presente em todo e qualquer discurso e que uma tipologia textual é relativa à predominância de estratégias e/ou de sequências que classifiquem os textos como predominantemente argumentativos, narrativos, expositivos, descritivos ou injuntivos.

Dada à característica formal do gênero de ser escrito em até cento e quarenta caracteres, observamos que a análise sequencial poderia não ser unicamente determinante em nosso estudo e, para tanto, a análise das estratégias mostraram-se essenciais. Para isso, partimos do exame da construção um *tweet* argumentativo para analisar a marcação do ponto de vista do locutor por meio da análise dos critérios de coerência apontados por Marcuschi (1983, 2008) e Van Dijk (1992, 2012), a partir da presença ou não de mecanismos textuais linguísticos e não-linguísticos coesivos referenciais e sequenciais que confirmam ao gênero sob análise uma orientação argumentativa. Nessa direção, por meio de estratégias argumentativas como o humor, a ironia, a entonação e as expressões faciais do locutor e, por fim, as perguntas retóricas, materializados

em variáveis linguísticas e não-linguística de posicionamento de ponto de vista do locutor, examinamos como se efetua a organização textual argumentativa desse gênero digital emergente.

Diante do exposto, a observação de um *tweet* argumentativo coerente mediante sua construção por meio da coesão referencial e sequencial – não somente focalizados na relação tema/rema – mostrou-se ferramenta importante na identificação destes elementos apontados, como estratégias argumentativas por constituírem-se em marcas linguísticas e não-linguísticas da enunciação no encadeamento de enunciados dando-lhes valor argumentativo.

Convém ressaltar que no *Twitter*, o uso de elementos específicos para a elaboração de *tweets* são muito comuns e, entre eles, elegemos as *hashtags* como foco de nossa observação mais demorada, uma vez que se constituem na escrita sem espaçamento de uma palavra, que pode ser inserida no texto de cada usuário que, necessariamente antecedida pelo símbolo de jogo da velha (#) pode ser utilizada tanto tema ou rema, como perguntas retóricas irônicas.

Com tal finalidade, durante quatro semanas, de 26/10/2012 a 23/11/2012, oitenta alunos de classe média alta do 1º ano do Ensino Médio da Escola Viva, localizada à rua Casa do Ator, 836, na cidade de São Paulo e divididos em três turmas (1º ano do EM-A, 1º ano do EM-B e 1º ano do EM-C), de acordo com suas escolhas, agruparam-se e dirigiram-se à sala de informática da instituição para, anonimamente, por meio da criação de um perfil de usuário que não contivesse os nomes desses alunos, mas o nome dos grupos escolhidos, interagissem com o ambiente *Twitter*:

Nesse período, foram produzidos duzentos *tweets*³, dos quais, a partir de uma sequência didática que apresentaremos a seguir, selecionamos intencionalmente⁴ cinquenta para a análise, baseando-nos nas proposições do Teorema do Limite Central⁵, segundo o qual, $n > 30$ permite a análise por métodos estatísticos.

³ Anexo 1

⁴ Trata-se de uma abordagem não-probabilística, na qual a seleção dos elementos para compor a amostra depende, ao menos em parte, do julgamento do pesquisador. (Mattar, 1996, p. 132).

⁵ Também conhecido como Teorema de Moivre-Laplace. Em 1738, o matemático francês Abraham de Moivre publicou em seu livro “*A Teoria do Acaso*”, um artigo em que demonstrava que “à medida que número de eventos do lançamento de moedas aumentava a distribuição binomial se aproximava de uma curva suave.” Em 1812, Pierre Simon de Laplace publicou a obra “*Teoria Analítica das Probabilidades*”, a qual ao recuperar os posicionamentos de Moivre, “mostrou que mesmo uma distribuição não sendo normal a média de repetidas amostras dessa distribuição é aproximadamente normal e que quanto maior for o tamanho da amostra melhor será essa aproximação.” (Bitencourt e Viali, 2008, p. 3)

É importante ressaltar que, durante o ano de 2012, constatamos que, de um total de 80 alunos, divididos em três salas de aula, 76 possuíam contas no site de relacionamento *Facebook*, 68 com perfis abertos no *Twitter* e 34 no *Instagram*, rede social de relacionamento a partir do compartilhamento de fotos e, desse modo, julgamos procedente observar, também, os *tweets* em outro contexto que não os realizados durante a atividade escolar e, com a devida autorização da escola e disponibilidade de utilização dos recursos pessoais tecnológicos por ela oferecidos, resolvemos desenvolver uma grande atividade, denominada Tecnolíngua, que contemplasse diferentes manifestações da Língua Portuguesa em gêneros digitais virtuais, a partir do uso interligado entre três ferramentas, o *Twitter*, o *paper.li* – um “*jornal on-line*” disparado, pelo menos uma vez ao dia, para os seguidores de determinado usuário do *Twitter* cujo conteúdo é formado pela seleção de *tweets* mais populares de perfis pré-selecionados – e o *blogger.com* – site de produção e armazenamento de *blogs*. Diante do exposto, coletamos os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, cuja metodologia seguiu os procedimentos abaixo descritos.

- No dia 26/10/2012, único dia da semana em que eram ministradas as aulas de Língua Portuguesa para as três salas, as turmas foram direcionadas à sala de informática para debaterem, a partir de seus conhecimentos prévios, questões relacionadas aos usos e finalidades do *Twitter*.
- Após essas discussões, a professora-assessora de Informática da Escola Viva explicou-lhes o conceito e funcionamento do *paper.li* e do *blogger.com*
- A partir dos conhecimentos prévios de cada aluno acerca do *Twitter*, para efeitos de pesquisa, os grupos foram por nós orientados a escolher e seguir perfis que julgassem polêmicos, seja pela produção textual ou pelo próprio usuário, além de terem sido também orientados a seguir os perfis correspondentes aos outros grupos, mesmo os de outra sala, bem como a seguir o perfil da professora de Língua Portuguesa. Deste ponto, cada membro de um grupo foi solicitado a produzir ao menos um *tweet* argumentativo, além de nanocontos e a determinar a atualização diária do jornal de resumos *online*.
- Cumprida esta etapa, cada grupo criou seu próprio *blog* para a postagem de resenhas críticas de livros paradigmáticos trabalhados durante o ano, como *O Duplo*, de Fiódor Dostoiévski, *Festa no Covil*, de Juan Pablo Villalobos e *Dom Quixote*, de Miguel de

Cervantes, e postagem do que mais julgassem pertinentes, como imagens, vídeos, músicas etc.

- O *Twitter* de cada grupo deveria, também, informar, com o devido *link*, cada novidade textual dos referidos *blogs*.
- Visando ao máximo de espontaneidade, as instruções limitaram-se à funcionalidade da ferramenta *paper.li*, bem como à organização do trabalho, deixando os alunos à vontade durante a escolha de perfis e produção de *tweets*. Para tanto, cada membro do grupo contou com a respectiva senha de sua conta no *Twitter*, para que a realização da atividade não ficasse restrita somente à sala de aula.
- O acompanhamento das atividades deu-se por meio do nosso próprio perfil no *Twitter* no qual fomos, constantemente informados em nossa própria *timeline*, que se configura em uma linha do tempo que expõe, em ordem cronológica e real, uma sequência de *tweets* dos perfis seguidos.

Quanto aos procedimentos de análise, destacamos que os *tweets* foram analisados a partir da observação dos critérios de textualidade a seguir:

- Coesão referencial.
- Coesão sequencial (pelo uso de mecanismos textuais para promovam a progressão sequencial e a relação tema/rema).
- Argumentatividade/ Argumentação: estratégias argumentativas como o humor, ironia, entonação, expressões faciais do locutor e perguntas retóricas, materializados em variáveis linguísticas e não-linguística de posicionamento de ponto de vista por meio de operadores e modalizadores, *hashtags*, pontuação (reticências, sinais de interrogação e exclamação, aspas, travessão), utilização elementos gráficos, utilização de letras maiúsculas, repetição de letras presença de semioses por *emoticons* ou *hipertexto*.
- Coerência.

Entendemos que a realização de uma análise qualitativa por meio de exemplos de cinquenta *tweets* selecionados no *corpus* desta pesquisa, permitiram-nos descrever os mecanismos textuais de coesão e coerência usados na construção argumentativa dos *tweets* selecionados e localizar, nesses *tweets*, as estratégias argumentativas que marcaram um posicionamento do locutor.

Além disso, sob uma perspectiva estatística, observamos a relação entre os elementos que expusemos e a organização e uso ajustados da Língua Portuguesa no que tange à elaboração de um texto argumentativo voltado a um gênero textual digital. Nesse sentido, em um primeiro momento, apontamos a frequência do uso das categorias de análise utilizadas nos tweets argumentativos (Tabela 8) e, em um segundo momento, indicamos a relação entre as categorias que se mostraram mais presentes (Tabela 9). Descrevemos, no Capítulo 4 deste trabalho, cinco *tweets* correspondentes a exemplos das categorias de análise de maior frequência observadas na amostra.

Em se tratando, especificamente de textos argumentativos e, notadamente, para a produção destes no que tange a uma instância primária de argumentação, circunscrita à marcação do locutor quanto ao seu posicionamento ou modo de ver, as análises nos direcionam para o entendimento de que tais construções são eficazes em seu propósito, a organização textual argumentativa tendo em vista que os alunos do Ensino Médio, foco de nossa pesquisa, dominam o ambiente do *ciberspaço* por eles amplamente conhecido e utilizado e este lhes confere o domínio da produção do gênero específico que ali circula, o *tweet*. Assim, em virtude do que acabamos de expor, as análises do corpus selecionado têm apontam, sob a perspectiva socio-cognitiva-interacionista da LT, para a produção de textos ajustados ao ambiente, o qual se configura em um espaço de experimentação da língua que necessita de conhecimentos linguísticos para a construção do gênero que nele circula – o *tweet*.

Tendo em vista nossa proposta, o presente trabalho está organizado em quatro capítulos:

Capítulo 1: A constituição dos gêneros textuais em ambientes digitais e o *tweet* como gênero textual digital. A finalidade desse capítulo consiste em estudar a constituição do *Twitter* em um ambiente virtual e em uma Rede Social, a influência da *Internet* na constituição de gêneros textuais digitais e suas peculiares características para, por fim, classificarmos um *tweet* como um gênero textual digital emergente.

Capítulo 2: As especificidades do gênero *tweet*. Esse capítulo tem por foco principal traçar, a partir do percurso da Linguística Textual sociocognitiva-interacionista e de seus procedimentos cognitivos no reconhecimento de um texto, o papel dos critérios de

textualidade argumentatividade, coesão e coerência na construção de tipologias textuais e, conseqüentemente, na construção e identificação de um *tweet* argumentativo.

Capítulo 3: Dimensão e estratégias argumentativas na construção de tweets. No último capítulo dedicado à discussão teórica, tratamos do panorama das Teorias da Argumentação, notadamente as de Perelman e Olbrechts-Tyteca, (2005) [1958]) e Amossy (2007) para, tendo como ponto de partida um estudo acerca dos conceitos de instâncias argumentativas, estabelecer um exame das estratégias em um *tweet* que tenha a argumentação como orientação discursiva. Por fim, realizaremos um recorte sobre o estudo da Argumentação em seu caráter pedagógico para que efetueemos nossas análises com mais propriedade.

Capítulo 4: Análises complementares. Este capítulo apresenta descrições de cinco *tweets* correspondentes a exemplos das categorias de análise de maior frequência observadas nos cinquenta *tweets* selecionados para esta pesquisa. Além disso, propõe-se a analisar quantitativamente a frequência do uso dos elementos linguísticos e não-linguísticos como estratégias argumentativas.

Acrescentamos que, ao longo dos três primeiros capítulos, realizamos análises de doze *tweets* pertencentes ao corpus dessa pesquisa quanto à:

- Configuração do *tweet* como um gênero textual emergente (Capítulo 1 – dois *tweets*);
- Possibilidade do estabelecimento de coesão sequencial a partir da relação tema/rema por meio do uso da *hashtag* e construção de um *tweet* do tipo argumentativo. (Capítulo 2 – três *tweets*).
- Observância do uso das estratégias argumentativa sob a perspectiva da orientação argumentativa e do ponto de vista do locutor. (Capítulo 3 – sete *tweets*).

Tal procedimento foi possível uma vez que está baseado nos objetivos e metodologia deste trabalho e sobre os quais, trataremos a seguir.

CAPÍTULO 1

A constituição dos gêneros textuais em ambientes digitais
e o *tweet* como gênero textual digital

1.1 A *Internet* e seus impactos na comunicação global

A discussão acerca da constituição dos gêneros textuais em ambientes virtuais requer, primeiramente, que se proceda ao estudo sobre o surgimento e evolução da *Internet* como meio de comunicação global que, além de inaugurar novas formas comunicativas, inaugurou, também, novas formas de configuração e uso da linguagem.

Nessa concepção, no final do século XX, a *Internet* significou uma revolução na troca de informações entre membros de uma sociedade e entre diferentes comunidades. Idealizada durante a Guerra Fria, tendo por objetivo o armazenamento de informações sigilosas, a ARPA (*Advanced Research Projects Agency*⁶), ligada ao governo norte-americano, desenvolveu um sistema de troca e compartilhamento de dados divididos em pacotes que contivessem um endereço de destinatário e que fossem transmitidos através de computadores interligados entre si, aos quais fosse possível a descentralização destas informações em caso de ataque soviético ao Pentágono. Entretanto, o embrião do que conhecemos como *e-mail*, por exemplo, foi testado, sob o mesmo sistema, somente em 1969 e envolveu pesquisadores da Universidade da Califórnia e do *Stanford Research Institute*.

Fruto de todas as revoluções tecnológicas desenvolvidas pela humanidade desde a escrita, a *Internet* conjugava em si os avanços científicos ocorridos ao longo dos séculos bem como a vontade e necessidade de disseminação de conhecimentos adquiridos por meio da massificação da utilização dos veículos necessários para o transporte de mensagens: o computador. Atingindo e superando o alcance de suportes como o rádio e a televisão, possibilitou a interação em tempo real, elemento que podemos entender como sua característica mais marcante. Tal interação, ao contrário de significar um acabamento, ou uma meta alcançada, permite que as constantes trocas de informações constituam-se elas mesmas em transformações de conhecimentos de maneira excepcionalmente rápida, desfigurando as noções de tempo e espaço estabelecidas e convertendo os antes confortáveis, pois conhecidos, papéis dos sujeitos sociais constituídos na relação entre os interlocutores de uma mensagem, observando que, se durante uma situação comunicativa houvesse alternância destes lugares, haveria, ainda assim, uma situação estabelecida.

⁶ Agência de Projetos de Pesquisas Avançadas

A rapidez no desenvolvimento tecnológico que presenciamos nos últimos anos e que culminou na popularização da *Internet*, além do grande impacto que promoveu nas relações sociais, modificou também as comunicações interpessoais. A comunicação mediada pelo computador (CMC), por exemplo, passou, com o advento do conceito de *Web 2.0*, a fazer parte da interação cotidiana das pessoas para estabelecer relações comunicativas de amizade, trabalho, comércio ou entretenimento, seja mediada pela escrita, por áudio ou por vídeo, de maneiras independentes ou correlacionadas. Os avanços na área da informática possibilitaram o acesso à informação que não se limita mais aos computadores de mesa e que permitiu às pessoas a produção e/ou o acesso a conteúdos digitais – escritos, em vídeo etc. – a qualquer momento e de qualquer dispositivo interligado à *Internet*. Nesse sentido, Crystal (2013) propôs a denominação CMD à comunicação mediada por meios digitais, em lugar de CMC.

Tal expansão massificou as trocas de informações por um lado; por outro, as inúmeras ações verbais que ocorrem na *Internet* processam-se em contextos, finalidades sociais e culturais específicos com respectiva redistribuição dos papéis sociais construídos colaborativamente. Nessa direção, Lévy (1999, p. 29) compreende como “inteligência coletiva” a interação que ocorre de modo pleno na produção e na troca de informações e de conhecimento entre todos os usuários conectados à rede numa relação “*TODOS-TODOS*”⁷, estabelecida pela dinamicidade e popularização da *Internet*. Esse estudioso indica ainda, que essa interação só faz sentido quando as ações que constituem tal relação são fundamentadas nos eventos compartilhados de atividade linguística. Além disso, ressalta que:

O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente a todas as atividades humanas (...). (Lévy, 2003, p. 17).

As palavras de Lévy (op. cit.) chamam-nos a atenção, principalmente no que se refere à necessidade de descobrir ou inventar “um além da escrita, um além da linguagem”; isto porque

⁷ Lévy (1999, p. 29), entende o caráter colaborativo da *Internet* como o estado comunicativo “*TODOS-TODOS*”, ou seja, aquele que promove a interação plena na produção e troca de informações e conhecimento entre todos os usuários conectados à rede. Esse posicionamento é importante pois antes do advento da *Internet*, a mediação tecnológica com seus recursos disponíveis, já se fazia presente nas interações comunicativas sociais. Nesse sentido, o autor justifica sua nomenclatura a partir da comparação entre os estados comunicativos do telefone – “*UM-UM*” –, bem como da televisão, rádio ou jornal, considerando-os, neste caso, um estado comunicativo “*UM-TODOS*”.

nos interessam, particularmente, as produções textuais efetivadas no meio digital, configuradas pela escrita, em que se observe a pluralização de situações comunicativas nas quais a economia da escrita não se constitui em uma regra, mas tão somente na busca por uma objetividade circunscrita a uma situação comunicativa. Nesse novo contexto, constituíram-se as redes sociais digitais que conhecemos atualmente e essa situação nos é muito cara por constituir-se em um terreno de estudos fértil acerca da materialização linguística no meio digital e, em especial, no *Twitter*, ambiente em que circula o *tweet*, objeto de nossa análise e aqui assumido como um gênero textual digital emergente, particularizado pela produção escrita, com espaços, de até cento e quarenta caracteres.

Desse modo, buscamos discutir o conceito de redes sociais, particularmente a concepção de *Twitter* como ambiente virtual, para, então, abordarmos os conceitos de linguagem e gêneros textuais⁸ da *Internet* e observarmos situações comunicativas que permitam analisar como se efetivam os procedimentos argumentativos em um espaço físico restrito de escrita, em mensagens trocadas entre alunos do primeiro ano do Ensino Médio, de uma escola privada da cidade de São Paulo.

1.2 A definição do *Twitter* e as contribuições da Linguística Textual e da Semiótica

1.2.1 O *Twitter* como ambiente virtual e rede social 3.0

Definimos o *Twitter* como uma rede social virtual pública e dinâmica de relacionamentos, na qual as pessoas e empresas encontram-se conectadas para partilhar e compartilhar os mais variados interesses, desde ampliar as relações pessoais entre amigos, até estabelecer contatos com desconhecidos e/ou clientes. Assim como o *Facebook*, o *Twitter* tem, em sua inspiração, a funcionalidade de um *blog* quando compreendido como um ambiente que permite o registro cronológico de opiniões, emoções, imagens ou qualquer outro conteúdo escolhido pelo usuário.

É muito importante frisar que a escolha do conteúdo a ser registrado pelo usuário, depende diretamente de sua motivação em criar um *blog* ou participar de qualquer rede social

⁸ Esta definição está baseada na percepção de que Bakhtin, embora não tenha utilizado a expressão “gêneros textuais” e sim “gêneros do discurso”, amplia a definição de discurso para qualquer tipo de texto, seja oral ou escrito.

virtual e, por isso, a subjetividade desses registros é uma característica fundamental e de difícil mensuração quando se trata de um estudo que leve em consideração os textos produzidos nesses ambientes. Isto porque, podem se tratar de textos objetivos e diretos, como também de textos aparentemente soltos e quase impossíveis de serem recuperados contextualmente. A dinamicidade *on-line* e cronológica que possuem, dão-lhes, muitas vezes, o caráter de diário pessoal público, no qual as pessoas têm a possibilidade de registrar pensamentos que não fazem sentido para o interlocutor, mas que fazem sentido para o locutor, naquele exato momento.

Uma situação que exija o estudo contextual desses registros textuais produzidos nesses ambientes torna-se mais complexa e difícil quando, por exemplo, os usuários dessas redes como o *Twitter* e o *Facebook*, não necessitam mais estar à frente de um computador pessoal para *postarem* seus conteúdos e, nesse sentido, a dinamicidade permitida pelo uso de aparelhos celulares com acesso à *Internet* facilita que se registrem os mais variados tipos de pensamentos ou emoções em tempo real.

O *Twitter* é um ambiente virtual atrelado diretamente às inovações tecnológicas que depende da rapidez cronológica das *postagens*, aproximando seus registros textuais a uma fotografia que registra um determinado momento, mas afastando-se delas, quando, na maioria das vezes, a recuperação de um texto produzido há algum tempo, pode simplesmente não fazer sentido algum. Essa fugacidade está relacionada também, ao número de usuários ativos que o ambiente registrou por mês no ano de 2014: aproximadamente 241 milhões, dos quais 76% utilizam o ambiente por meio de dispositivos móveis, segundo pesquisa realizada pela empresa *Topsy*⁹, especializada em análise e monitoramento do *Twitter* desde sua concepção, em 2006.

Em relação ao Brasil, essa pesquisa indicou que o país é o quinto maior em números de usuários que também são os que, no mundo, mais *tweetam* e *retweetam*, interessando-se, não somente por assuntos pessoais, mas também como os de utilidade pública, como trânsito ou política. A fugacidade em nossa país pode ser observada quando, por exemplo, 70% dos usuários brasileiros têm interesse em assuntos e conversas em tempo real efetuadas no ambiente por meio de aparelhos celulares.

⁹ Disponível em: <topsy.com>. Acesso em 28/03/2014.

Diante do exposto, o ambiente idealizado pelo norte-americano Jack Dorsey, em 1992, ao desenvolver um programa de rastreamento de taxistas que pudesse interagir com *softwares*, aparelhos móveis e também enviar, receber e acessar conteúdos, o *Twitter* tornou-se tecnologicamente possível somente em 2006, com a consolidação do conceito de *Web 2.0*. Mas são as particularidades de interação do ambiente que o fazem diferente das outras redes sociais virtuais, principalmente no que tange à produção de seu enunciado restrito em até cento e quarenta caracteres, já que essa é a única regra comum a toda e qualquer tipo de interação no ambiente.

A razão do espaço diminuto para formular enunciados e interagir pode ser encontrada em Dorsey (2011), para quem “Com um limite de tamanho, as pessoas são mais espontâneas e instantâneas. A ideia é minimizar os pensamentos.” Esse aspecto apontado pelo criador do *Twitter*, é essencial de ser observado pois quando se examina a funcionalidade do *Twitter*, nota-se que, estruturalmente, o usuário do deveria, no início, responder, à seguinte pergunta: “*o que você está fazendo?*”. Atualmente, no entanto, o usuário não é mais instado a responder a uma pergunta, mas sim, *a publicar um tweet*. O que eram respostas, hoje são atualizações de *status* que podem ser enviadas ou recebidas pelo acesso ao próprio site do *Twitter* – www.twitter.com –, seja por meio de *smartphones* ou de computadores pessoais, ou a partir de aplicativos, gratuitos ou não, disponíveis pelo sistema operacional de celulares. Contempla-se ainda que, se a configuração do *tweet* for respeitada, é possível que haja postagens de *links* de matérias jornalísticas, *blogs*, fotos ou arquivos, *hipertextos*.

As particularidades do *Twitter* surgem já no momento de sua definição que, relacionadas à sua funcionalidade, permitem conceituá-lo tanto como um *microblog* – em decorrência de uma limitação especial e por suas características multi-intencionais e multifuncionais –, como uma rede social, quando se assemelha a um ambiente, ou *site* de relacionamentos, assim como o *Facebook* – ressaltando, porém, que no caso do *Twitter*, é possível seguir sem ser seguido e ser seguido sem seguir algum usuário, e aqui há um distanciamento da reciprocidade, uma das características mais marcantes de sites de relacionamento. Nesse direcionamento, logo que adentra ao ambiente, um novo usuário deve formar sua *timeline*, que se constitui em escolher perfis a serem seguidos e que, de forma cronológica e em tempo real, organizarão uma sequência de *tweets*.

A partir desse momento, é possível que haja trocas de falantes, por meio do envio de proposições de interações síncronas¹⁰ ou assíncronas mesmo simples menções a (ou sobre) algum perfil, mediante a inserção do símbolo de representação desse usuário, qual seja, *@nome* e de respostas (*replies*) ou compartilhamento de *status* outras pessoas (*retweet*) que podem surgir na *timeline* pela ação de um outro usuário seguido. Ademais, se ambos os usuários seguem-se mutuamente, há a possibilidade de *conversarem* reservadamente, por meio de um recurso denominado *DM* ou *Direct Message*, funcionando como um *chat privado*, denominação de um dos gêneros digitais emergentes determinados por Marcuschi (2010 [2005]) para o conceito bakhtiniano de *diálogo cotidiano*.

O ambiente conta ainda, com uma particular ferramenta: a *hashtag*, palavra, ou palavras escritas sem espaçamento, que pode ser inserida no texto de cada usuário, antecedida pelo símbolo de jogo da velha (#) e que pode ser utilizada tanto para seguir, como para encontrar pessoas ou assuntos, agindo, portanto, como um indexador.

Nesse direcionamento, o *Twitter* apresenta-se como um ambiente digital no qual as proposições configuram-se mediante a escrita de um texto cuja extensão é pré-determinada e curta – em até cento e quarenta caracteres – e que se assemelha a uma grande reunião na qual todos falam sobre qualquer assunto e ao mesmo tempo, conformando-se em proposições que se caracterizam em *tweets* os quais nem sempre geram respostas.

1.2.2 As contribuições da Linguística Textual e da Semiótica

No âmbito da Linguística Textual, Marcuschi (op. cit., p. 26) define como ambientes virtuais os “entornos virtuais nos quais circulam, abrigam e condicionam, pela comunicação estabelecida entre os sujeitos participantes os gêneros discursivos que emergem deste contexto”. Para tanto, retoma o conceito de comunidades virtuais (CV), considerando-as como um conjun-

¹⁰ Para Marcuschi (2002), a sincronicidade nos gêneros textuais digitais é definida pelo tempo de questionamento e/ou resposta a um texto produzido em um intervalo regular de tempo e com permanência definida na rede. Para o linguista, por exemplo, os textos produzidos nos *blogs* são assíncronos. Komezu (2004, p. 114) defende a sincronicidade nos gêneros textuais digitais por meio de sua análise de *blogs* e a “simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede”, ou seja: “Ao mesmo tempo que o texto do *blog* é *eternizado* porque materializado pelos suportes (da escrita, da internet), ele é, também, extremamente *fugaz*, porque é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação.”.

to de sujeitos reunidos com a finalidade de, no meio virtual, formar uma rede de interações que tenham por elo interesses comuns, mostra-se frágil quando da análise da regularidade de práticas comuns. Nesse direcionamento, afirma que uma sala de bate-papo, ou um *chat*, por exemplo, não pode ser enquadrado nesta concepção de comunidade, uma vez que não reúne em seu entorno, necessariamente, práticas comuns. De todo modo, de acordo com seus postulados, não afasta o conceito de comunidade virtual de sua existência na *Internet*, já que considera como tal, trazendo exemplo, reuniões virtuais de sujeitos que não somente tenham algo em comum, mas que transformam suas similaridades em temas comuns e, sob tal concepção, entende que uma sala de aula virtual, materializada em *chats* educacionais, pela interatividade de práticas discursivas afins, mesmo que os sujeitos sejam diluídos e substituídos com o tempo, possa ser compreendida desta maneira.

E é a respeito de tal concepção que Marcuschi (op. cit.) traz-nos a noção de ambientes virtuais como espaços que se assemelham às comunidades virtuais no tocante à reunião de sujeitos em redes de relacionamento, bem como na reunião de seus aspectos constitutivos, mas que se afastam das CV em relação à necessidade de determinada regularidade temática. Menciona, de fato, que as comunidades realizam-se em determinados ambientes que lhes deem condições de efetivação bem como características próprias.

A partir dessas posições, parece-nos que percurso traçado para tal definição parte de um ambiente – o *Twitter* – que estabelece como regra uma produção textual particular e específica que, por sua vez tem como motivações tanto seu relacionamento com um gênero textual já existente – a conversa telefônica –, bem como sua própria delimitação espacial, que além de relacioná-lo, condiciona-o, tecnologicamente à configuração de um SMS (*Short Message Service*).

Sob a perspectiva da Semiótica, por ambiente virtual, depreende-se a concepção de espaço no qual se processam as interações que tenham por objetivo a interação em redes sociais digitais, a partir do modo de acesso às informações, fazendo diferença, principalmente, entre as maneiras monomodais de interação da década de 1990 das redes sociais (que tinham como atributo a unidirecionalidade – a busca por uma informação de um ponto para outro, com distrações pelo caminho) e as maneiras multimodais de interação que caracterizam no fim da primeira

década dos 2000. Nesse sentido, Santaella e Lemos (2010, p. 58) citam Hornik (2005)¹¹ para distinguir três fases da evolução das redes sociais digitais:

- “Redes 1.0: coordenação em tempo real entre usuários (ICQ, MSN);
- Redes 2.0: entretenimento, contatos profissionais, *marketing* social (Orkut, MySpace);
- Redes 3.0: aplicativos e mobilidade (Facebook e Twitter)”

Nesse cenário, Santaella e Lemos (op. cit., p. 58) asseveram que

A transição do modelo monomodal dos anos 1990 para o modelo multimodal, cujo exemplo primordial é o Twitter, surgiu no fim da década e começou a consolidar-se a partir de 2009, realizando-se através das redes sociais 2.0. (Santaella e Lemos, op. cit., p. 58)

As autoras (op. cit., p. 56, 57) afirmam que a evolução das redes sociais pode ser observada em mais de uma perspectiva, mas restringem suas análises a partir das modalidades diferenciais de interação e elegem o *Twitter*, assim como a presente pesquisa, também foco de seus estudos. Em relação ao caráter particular de interação de acesso e fluxo de informações contidas no ambiente, Santaella e Lemos (2010) trazem-nos contribuições importantes acerca da funcionalidade do ambiente diante de sua particularidade como rede social digital. Apesar de o foco principal de seus estudos não ser a materialização linguística de um *tweet*, acreditamos em sua relação com o impacto da velocidade de multiplicação de trocas de informações de modo a particularizar e reconfigurar as estratégias argumentativas nele contidas, uma vez que a tais informações, subjazem opiniões e tomadas de posicionamentos, como veremos mais adiante. Assim, entendem que:

O Twitter, que por nós foi escolhido para estudo detalhado, é um ambiente digital que possui uma dinâmica singular de interação social. Isso se dá por diversos motivos. Suas funcionalidades fazem com que uma ideia possa se reproduzir de forma viral e instantânea ao redor do planeta em questão de segundos. A conectividade *always on*¹² é, de forma cada vez mais abrangente, o fio invisível que se multiplica entrelaçando consciências, espaços, perguntas.

¹¹ HORNİK, David. *Social Networks 3.0 Ventureblog*, 2005. Disponível em: <www.ventureblog.com/articles/2005/12/social_networks.php>

¹² Santaella e Lemos (2010, p. 62) direcionam-nos para a dificuldade de se traduzir tal expressão, mas ressaltam tratar-se do termo que transmite na essência o conceito de redes sociais 3.0, uma vez que a conexão é extremamente contínua “a ponto de se perder o interesse pelo que aconteceu dois minutos atrás. Apenas o movimento do agora interessa.”

As pesquisadoras (2010, p. 14-15) relembram que, em todos os campos do conhecimento humano, o conceito de rede é onipresente e tem, dentre seus objetivos, reunir afinidades comuns nas mais diversas áreas do conhecimento, nas variadas ciências humanas, na matemática, física, biologia etc. e, em tal acepção, retomam Licoppe e Smoreda (2005) para indicar que, desde os anos 1970 são realizados trabalhos empíricos sobre a análise estrutural das redes sociais com o objetivo de investigar, sociologicamente, suas ações sociais e fenômenos coletivos e que, para tanto “partem da noção de sociabilidade como tendo três polos distintos”:

- Redes sociais como sendo conjuntos de laços e variedades métricas.
- Como trocas realizadas por meio de uma sucessão de gestos corporificados e atos de linguagem que podem assumir diferentes formatos e gêneros, mesmo dentro de um mesmo meio.
- E, finalmente, como vários meios disponíveis em uma dada historicidade que fazem a mediação das interações sociais.

As redes sociais ocorrem tanto como ações e fenômenos coletivos como produtos do estabelecimento de relações focalizadas em compartilhamento de conhecimentos e afinidades comuns e, dessa maneira, também ocorrem na *Internet*. Há muito o que se dizer sobre tais relações em rede e, como já ressaltam Santaella e Lemos (op. cit.), é necessário que se proceda a um recorte que nos encaminhe “para o campo específico das redes sociais e, dentro dele, das redes sociais na internet (RSIs)”.

Diante do exposto, a *Internet* e seu fenômeno de *desterritorialização*, apontado por Lévy (1999) como consequência do redimensionamento dos espaços e responsável pela perda das identidades antes instituídas e agora reorganizadas em *ciberespaço*, promoveu a virtualização dos agrupamentos sociais que desde sempre existiram como caráter colaborativo da humanidade. Na mesma direção, podemos considerar que a origem de tal virtualização remonta ao próprio surgimento da *Internet* quando da necessidade de troca de conhecimentos entre pesquisadores de universidades norte-americanas pela interligação de computadores que tão logo atingiram limites além dos acadêmicos, reunindo pessoas em torno de interesses comuns e, de tal maneira, os estudos de tais interações devem considerar que cada uma dessas possibilidades possui características e recursos próprios que moldam “as várias formas que as práticas relacionais podem ter” e que é de fundamental importân-

cia, que tais análises levem em consideração o “papel que as diferentes mídias desempenham nas interações e na presumível transformação da sociabilidade.” (Santaella e Lemos, op. cit.).

As evoluções tecnológicas que culminaram na chamada segunda geração da rede, relacionaram e alargaram a utilização da *web*, não somente para troca de informações nas interações via *e-mail* ou *chats*, mas também para trocas de informações e colaborações rápidas entre usuários com comunidades, *sites* e serviços virtuais que permitem, por exemplo, que haja um conjunto de páginas (ou *sites*), interligadas neste ambiente virtual, nos quais seja possível o acesso e edição por qualquer pessoa. É o que se compreende como um sistema colaborativo, veloz e *on-line* de organização de informações e conteúdos entre os usuários da rede para fins de compartilhamento e trocas constantes de informações.

Como já mencionado, o processo de massificação e consequente difusão do acesso à *Internet* – e das redes sociais digitais – que constatamos atualmente, só foi possível graças a *Web 2.0*, assim compreendida por estar muito mais direcionada à mudança de comportamento do usuário da rede do que a um salto tecnológico de interatividade. Como um elemento presente desde sempre na gênese da *Internet* e que, desde sua popularização bem como do acesso aos computadores, permite ao participante buscar o resgate, a efetivação e o aperfeiçoamento deste caráter colaborativo constitutivo, possibilita-nos conviver com páginas que permitem não só a organização conjunta de conteúdos, mas também a criação de uma rede de contatos, baseados em qualquer tipo de afinidades e materializados na troca de informações cada vez mais rápidas.

Quanto à funcionalidade do *Twitter*, Santaella e Lemos (op. cit., p. 60) acentuam a importância de se observar que as RSI 3.0 implicam em mudanças estruturais que reconfiguram as práticas de interação na *Internet*. Isto porque, as autoras entendem que “reações e padrões comportamentais em rede geram sem cessar novos tipos de demandas, que, por sua vez, são atendidas com novos aplicativos. Essa é uma característica fundamental das RSI 3.0.”. Dessa forma, anotam que a característica funcional primordial do *Twitter* consiste em sua própria origem, qual seja: o nascimento de um ambiente virtual direcionado à promoção eficiente de uma interatividade móvel e que, para tanto, a redução do espaço de tela de um computador de mesa para um dispositivo como um telefone celular, constituiu-se não somente em um desafio

de mobilidade, mas também “uma completa mudança de linguagem” (op. cit., p. 61) uma vez que o espaço de cento e quarenta caracteres adaptou-se à interface dos dispositivos móveis. Nesse sentido, no item a seguir, examinaremos com mais propriedade os meios de efetivação das organizações informacionais relacionados às possibilidades de interação que o ambiente *Twitter* proporciona por meio dos *tweets*, é fundamentalmente necessário para abordarmos as questões sob o prisma da Linguística Textual sociocognitiva-interacionista e, em tal acepção, as contribuições da Semiótica por meio dos estudos de Santaella e Lemos (2010) ainda nos são muito caras por serem muito específicas.

1.2.3 Possibilidades interacionais e fluxos informacionais no *Twitter* sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista da Linguística Textual

Como bem frisam Santaella e Lemos (2010, p. 68) – e como já observado quando tratamos da funcionalidade do ambiente –, o *Twitter* como RSI possui um processo de inserção mais complexo do que outras redes sociais. Isto porque seu principal objetivo é

proporcionar convergência, em um mesmo fluxo, de múltiplos fluxos informacionais provenientes de todos os diversos canais que possam ser de interesse do usuário ao mesmo tempo que a postagem de conteúdo feita pelo usuário irá determinar o fluxo e a natureza de seus novos seguidores.

Se logo observamos que a aquisição de seguidores por meio do fluxo informacional que se transmite pelos *tweets* produzidos constitui um objetivo a ser alcançado, as estudiosas (op. cit., p. 68-73) estabelecem as etapas, processos e estratégias necessárias para que a inserção no ambiente torne-se eficaz. Assim, ressaltam que a primeira medida a ser tomada quando se quer o estabelecimento de contatos, é, sem dúvida, formar uma *timeline* a partir da escolha de perfis a serem seguidos, como conhecidos e/ou amigos que já se encontram no *Twitter*, ou mesmo celebridades. Nessa direção, apontam que, ao menos que o novo usuário seja famoso, ou mesmo um *expert* em alguma área de atuação, essa conquista não será fácil.

Administrar os fluxos informacionais por meio dos *tweets* produzidos ou lidos é o que também torna essa rede social diversa de outras. Isto porque, o novo usuário deve estar ciente do que ele deseja do ambiente, uma vez que é muito comum o silêncio como resposta. Para o

usuário comum, a dependência do interesse de “um público ou nicho específico” que se formam a partir de redes criadas tendo como ponto de partida “comunidades de interesse ao redor de temas específicos”, dependerão do condicionamento da qualidade do conteúdo postado e veiculado, bem como de “estratégias específicas de interação social em rede” (Santaella e Lemos, 2010, p. 70) (grifos nossos).

Consideramos, para este trabalho, que as estratégias a que se referem as autoras supracitadas podem ser compreendidas como *estratégias argumentativas produzidas em um tweet* e sobre tal aspecto, por uma questão organizacional e metodológica, discutiremos nos capítulos seguintes a este.

Nesse direcionamento, não somente como curiosidade, mas especificamente por considerarmos as questões referentes a “postar um *tweet*”; “responder ao *tweet* de fulano de tal”; “formular frases em 140 caracteres” e “dar menos atenção aos seus amigos e família para tentar impressionar quem você nem conhece”, uma extensa lista compilada por Nickerson (2009)¹³, traduzida e adaptada por Santaella e Lemos (op. cit., p. 70-72) que estabelecem, de forma bem-humorada, os estágios mais comuns pelos quais passam os novos usuários, tomamos a liberdade de acrescentar mais dois itens: “lembrar que esta lista não tem 140 caracteres” e “pensar em uma solução para fazê-la em 140 caracteres”:

1. Ouvir falar do Twitter. Pestanejar.
2. Ouvir outra pessoa falar do Twitter. Pestanejar outra vez.
3. Ouvir falar que alguma celebridade está usando o Twitter. Pestanejar, mas dessa vez prestando atenção.
4. Entrar no Facebook para compensar.
5. Entrar no Twitter.
6. Desistir porque parece estúpido.
7. Criticar veementemente quem está no Twitter.
8. Seguir @lucianohuck, @marcelotas, @arnaldojabor, @caetanoveloso e a única pessoa que você conhece na vida real.

¹³ NICKERSON, Shane. 2009. Disponível em: <www.shanenickerson.com/nickerblog/2009/06/the-46-stages-of-twitter.html>, apud Santaella e Lemos (2010. p. 70-72).

9. Postar um *tweet*, que é uma variante de “experimentando este negócio”.
10. Tentar se aprofundar um pouco no Twitter.
11. Notar o uso de palavras estranhas como: “*tweet*, *twitter*, *twitterverse*, *tweetie*, *tweeddeck*, e uma coisa chamada “RT”.
12. Pestanejar de novo, mas dessa vez se sentindo confuso.
13. Dizer aos amigos que você “entrou nesse negócio de Twitter, mas achou uma bobagem”.
14. Entrar no Facebook porque pelo menos o Facebook você entende.
15. Ler um artigo sobre o Twitter em algum lugar.
16. Entrar no Twitter.
17. Tentar evitar usar palavras como *tweet*, *twitter*, *twitterverse*, *tweetie*, *tweeddeck* e *retweet*.
18. Responder ao *tweet* @fulano de tal.
19. Arrepende-se dessa recaída.
20. Passar os próximos quatro meses fora.
21. Entrar de novo, só para ver.
22. Postar alguma coisa engraçada.
23. Ser retuitado!
24. Descobrir que RT quer dizer retweet.
25. A missão da sua vida agora é ser retuitado.
26. Instalar o Twitter no celular.
27. Perder a vergonha de dizer: “Preciso retuitar isso”.
28. Fazer coisas só para tuitar sobre elas.
29. Cruzar os dedos para levar um RT.
30. Recarregar a página. Recarregar a página. Recarregar a página.
31. Desligar o computador.
32. Ligar o computador. Recarregar a página. Recarregar a página.
33. Formular frases em 140 caracteres.
34. Checar o Twitter pelo celular o dia inteiro.
35. Tuitar que você está obcecado pelo Twitter.

36. Dar menos atenção aos seus amigos e família para tentar impressionar quem você nem conhece. (Grifos nossos).
37. Emagrecer porque você não se lembra mais de comer.
38. Deixar o celular do lado da cama para checar o Twitter logo de manhã.
39. Defender o Twitter até a morte!
40. Perceber de repente que você está se tornando “@vocemesmo”.
41. Começar a sentir seu ego inflado.
42. Jurar que você vai sair do Twitter para manter a sanidade mental.
43. Ler esta lista e mudar de ideia.
44. Pensar de novo: “Humm, preciso tuitar isso.”
45. Lembrar que esta lista não tem 140 caracteres.
46. Pensar em uma solução para fazê-la em 140 caracteres.
47. Reconhecer a ironia de tudo isso.
48. Postar no Twitter.

Nesse direcionamento, salientamos que, em 2010, o Instituto Sysomos¹⁴ divulgou os resultados de uma pesquisa quantitativa na qual observou 1,2 bilhões de *tweets* produzidos entre agosto e setembro de 2009 para concluir que pouco mais de 1% das tentativas de proposições convertem-se em diálogos – ou *replies* – e que cerca de 71% dos *tweets* são ignorados. Sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT, e na qual se inscreve esta pesquisa, embora com humor, a coadunação entre a lista e os dados apresentados exemplificam a dinâmica interacional complexa do ambiente que necessita de uma materialização linguística estratégica para a produção de conteúdo postado por meio dos *tweets* e, de tal maneira, entendemos que esses dados nos são essenciais na medida que apontam para a dificuldade de contextualização do *tweet* como gênero textual digital, uma vez que a eficácia das ações do usuário não estão condicionadas somente às habilidades estratégicas de construção textual por parte do locutor, mas também do número de seguidores/interlocutores que possui.

Em relação à construção textual estratégica, ressaltamos que a examinamos com mais detalhes, no capítulo a seguir. Por ora, recorremos novamente a Santaella e Lemos (2010, p.

¹⁴ Disponível em: www.sysomos.com. Acesso em: 23/03/2014.

73-83), para tratarmos dos modos de seleção de informações a que recorrem os usuários do *Twitter* e que possibilitam o aumento do número de interlocutores, mediante a efetivação de proposições que gerem respostas ou troca de falantes.

Ao que as autoras (op. cit., p. 74) denominam *inflow*, corresponde o conteúdo informacional que se escolhe para abastecer uma *timeline* ou *feed* de notícias por meio do perfil do usuário que se deseja seguir e que formam um *design* do fluxo interno de informação que equivale “à soma de nossas escolhas graduais” dos usuários seguidos e que refletem “a identidade coletiva dos usuários, marcas e veículos” que se pretende seguir; por *outflow*, compreendem o conteúdo informacional produzido pelo próprio usuário para o ambiente e seus seguidores. Tais ações processam-se de forma individualizada e sugerem (p.74), que “a maioria dos usuários consegue equilibrar *inflow* e *outflow* em participação tanto como produtores quanto como receptores de conteúdo.” Nessa direção, afirmam que não há uma regra a ser seguida, uma vez que o que importa é o objetivo do usuário.

Santaella e Lemos (2010) tratam de uma evolução das redes sociais a partir das evoluções tecnológicas, as formas de produção textual também são passíveis de serem analisadas em tais contextos e, por tal motivo, buscamos coadunar as contribuições da Semiótica aos preceitos da Linguística Textual sociocognitiva-interacionista para delinearmos as possibilidades interacionais do ambiente *Twitter* e as especificidades das práticas discursivas presentes no gênero textual que nele emergem: o *tweet*.

1.3 O *tweet* como gênero textual: concepções e funcionalidade

A partir da concepção do *Twitter* como um ambiente virtual que condiciona um gênero específico, produzido em até cento e quarenta caracteres e que possui tal estrutura composicional em função de outro gênero textual que lhe deu origem, o SMS, o *tweet*, pode ser compreendido como um gênero textual da esfera digital que tem, por origem, outro gênero: o diálogo cotidiano.

sistema discursivo complexo, socialmente construído pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um *continuum* de oralidade e escrita, e configurado pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas.

Essa posição parece possível de ser aceita tendo em vista as investigações a que procedemos a partir do que pressupõem Bakhtin (1992) em confluência com Miller (1994), Erickson (1997, 2000) e Marcuschi (2002, 2005) acerca da constituição do gênero e de sua transmutação, conforme discutimos a seguir.

Bakhtin (1992, p. 279) entende que, a partir da concepção de que toda a atividade humana se dá por meio da língua e em esferas de comunicação, os gêneros são enunciados que “refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas”. Ressalva, ainda, que o entendimento do conceito de esfera comunicacional está ligado à compreensão de que a língua deve ser vista não como um sistema estável, mas sim como um lugar de interação humana nos quais são os gêneros são os responsáveis por essa interação verbal.

No decorrer de sua teoria, entretanto, notamos que, devido à multiplicidade de esferas nas quais há a interação de toda e qualquer atividade humana, tendo como embasamento a concepção dialógica e social do sujeito, suas ideias estão mais focadas no direcionamento da diversidade de gêneros discursivos do que em suas categorizações. Tal enfoque é pertinente uma vez que as categorizações estão ligadas ao processo de transmutação dos gêneros, fenômeno inerente ao constante desenvolvimento e ampliação das esferas de comunicação humanas. Além disso, se os gêneros do discurso constituem os tipos de enunciados produzidos nesses lugares, é óbvio que eles também acompanham tal acontecimento, diferenciando-se e ampliando-se na mesma medida. Assim, traz-se a ideia central de discurso como fator preponderante na formação dos gêneros. Embora seja perceptível que Bakhtin entenda o discurso e não o texto como a unidade de comunicação humana, entende-se também que o autor aponta para a noção de enunciado como correspondente à unidade concreta da comunicação verbal. Assim, esse enunciado é determinado pela alternância dos sujeitos falantes e por seu acabamento, noção que nos é fundamental neste trabalho, por incorporar a ideia de estabilidade relacionada à compreensão da limitação da dimensão criativa do locutor.

Bakhtin (1992, p. 279) revela-nos que o acabamento é a “totalidade acabada do enunciado”, condicionada às situações concretas e típicas de interação de determinada esfera comunicativa. Para tanto, toma como exemplo as esferas nas quais circulam as réplicas cotidianas e

as ordens militares que ampliam e reduzem, conseqüentemente, a criatividade do sujeito. Neste contexto, a intenção do locutor limita-se entre o “querer-dizer” e o quê e como se pode dizer de acordo com a esfera. Este “querer-dizer” é relativamente estável, porque se esgota quando da escolha do gênero.

Para Bakhtin (op. cit.), toda enunciação é possível somente dentro de um determinado gênero, mesmo que haja ignorância do locutor em relação a isso. Além disso, observa que há formas típicas de estruturação de um gênero que seriam passíveis de combinação não arbitrária ou aleatória, mas determinadas pelo gênero que, por sua vez, é constituído socialmente dentro de uma esfera comunicativa que possui necessidade de um acabamento que permita a atitude responsiva do outro. Sua dimensão estética pode implicar gestos, modulações e entonações que são desdobramentos essenciais à construção de seu sentido baseadas nas semioses características de cada esfera, configurando o gênero como não restritivo ou impeditivo da individualidade. A limitação da dimensão criativa do locutor nota-se a partir do entendimento de que as formas gramaticais da língua e as características prescritivas de cada gênero conferem-lhe certa normatividade e conseqüente estabilidade relativa.

Segundo Bakhtin (1992, p. 283), tais esferas são formadas por “um repertório de gêneros” que lhes são próprios e, nesta direção, entendemos com o autor que:

(...) ignorar a natureza dos enunciados e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração(...). A língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Na perspectiva bakhtiniana, portanto, não é a modalidade da língua utilizada que define o gênero, mas sim a esfera a que o gênero é vinculado. E, por estarem ligadas às atividades humanas, tais esferas mudam e complexificam-se, levando os gêneros a acompanhá-las, podendo desaparecer, modificarem-se ou mesmo migrarem uns para outros. Segundo Bakhtin (1992, p. 286), os gêneros podem sofrer “processos de reestruturação e renovação”, constituídos no que define como transmutação dos gêneros e que correspondem à noção de que gêneros secundários são originados pela migração de gêneros primários de uma esfera para outra, concretizando-se, principalmente, na escrita. Nessa mesma obra, Bakhtin salienta, ainda, que “todos os gêneros

secundários incorporam uma diversidade de gêneros simples” (p. 295) em sua composição. Para tanto, utiliza como exemplo a conversa, o *diálogo cotidiano* (gênero primário) transmutado para dentro do romance (gênero secundário) e o domínio discursivo.

Todavia, ressaltamos que, embora possam ocorrer transmutações, os gêneros devem ser reconhecidos e que, mesmo passíveis de variações, por sua liberdade e maleabilidade, precisam obedecer a algumas estruturas típicas estabelecidas pelo contexto e interação das esferas comunicativas a qual pertencem.

Quando observamos os estudos atuais sobre gêneros textuais digitais, é impossível não identificarmos em sua gênese a questão da concepção de gêneros discursivos designada por Bakhtin (1992). Isto porque, suas observações em relação ao tema, além de serem relevantes, são pressupostos para a análise sobre gêneros textuais que, segundo Marcuschi (2010, p. 15 [2005]) “estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais tomando a noção de transmutação dos gêneros bakhtiniana a partir do entendimento da constante complexificação da sociedade e suas esferas comunicativas de interação”. Trata-se da aceitação de que os gêneros digitais têm correspondentes similares em outras esferas, tanto na oralidade como na escrita e que tampouco se consolidaram, mas que “já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social” (op. cit., p. 15) por estarem inseridos em ambientes extremamente variáveis.

Como modelo, Marcuschi (op. cit.) relaciona o gênero mais comum por nós praticado, a conversação, ao bate-papo *on-line*, considerando que este é a transmutação do primeiro no ambiente virtual. Entretanto, salvasa que esta transmutação não se dá somente na reorganização de sua estrutura, mas também sob aspectos cognitivos, já que não se deve simplesmente contextualizar o gênero em uma nova situação exteriorizada.

Marcuschi (2002, p. 3), ao classificar como “novo modo discursivo também denominado ‘discurso eletrônico’”, apontou que, se o estudo dos gêneros textuais vem sendo tratado desde a década de sessenta por meio das disciplinas da Linguística Textual, Análise da Conversação e Análise do Discurso, os estudos acerca dos “gêneros textuais no domínio da mídia virtual” ainda necessitam de mais aprofundamentos específicos.

Com o pesquisador, destacamos a posição de Miller (1994) e Erickson (1997, 2000) por entenderem que o gênero textual digital deve ser estudado como sendo *situado*, ou seja, a partir de suas perspectivas sociais, históricas, culturais e comunicativas, ampliando, de tal maneira, seu entendimento clássico taxionômico proposto pela teoria bakhtiniana.

Segundo Erickson (1997, p. 3), se “a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”, acreditamos que, em tal contexto, o conceito de *Web 2.0* por meio da participação ativa dos usuários da rede, no que tange à produção livre de conteúdos, permitiu a pulverização de variados ambientes com interlocutores que, neste processo, passaram a fabricar, sem transmutar, gêneros conhecidos. É o que ocorre, por exemplo, de *blogs* jornalísticos que abrangem artigos de opinião. Defendemos que, neste caso, o condicionamento do gênero dá-se pela necessidade de uma economia da escrita fundamentada na objetividade sujeita à velocidade inerente à rede, já que não se tem mais tempo a perder diante da avalanche de informações a que estamos sujeitos.

Nas palavras de Marcuschi (2002, p. 4):

Se tomarmos o gênero como texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido.

A partir da posição de Marcuschi (2002, 2005), alguns pesquisadores brasileiros têm-se dedicado a compreender os enunciados produzidos no meio virtual. Com embasamento na noção bakhtiniana de transmutação dos gêneros, na configuração da constituição dos gêneros textuais digitais merecem atenção os estudos de Nader (2001), Araújo e Biasi-Rodrigues (2007), Araújo (2010) e Paiva (2010). Sucintamente, os três primeiros autores tratam sobre as interações virtuais do diálogo na *Internet* na emergência do gênero *chat*, e Paiva (op. cit.), especificamente, focaliza seus estudos sobre a constituição do *e-mail* como um novo gênero textual digital.

Estabelecendo uma relação análoga a esses entendimentos, consideramos serem seus conceitos perfeitamente aplicáveis quando da observação do *Twitter* e *tweet*. Como Paiva

(2010) apontou para o *e-mail*, entendemos que o *Twitter* também produz um texto específico que contém características de outros gêneros. Afirma, ainda, a respeito do *e-mail* que “O correio eletrônico é um novo canal de mediação de gêneros já conhecidos e deu origem a um novo gênero que agrega características do memorando, do bilhete, da carta, da conversa face a face e da interação telefônica.” (op. cit., p. 101). Nesse direcionamento, a hibridização referente às diversas possibilidades de associação de gêneros, parece-nos característica fundamental dos gêneros textuais digitais.

Retomando Marcuschi (2002, p. 20-21), observamos que o pesquisador considera a caracterização do gênero não só por aspectos formais (linguísticos e estruturais), mas também por suas propriedades característico-funcionais e destaca que “em muitos casos, são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos, serão as funções” e, em relação à tecnologia, o estudioso afirma ainda que esta não origina um gênero *per se*, mas sim

a intensidade de usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão, por sua vez, propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (*e-mails*), bate-papos virtuais (*chats*), aulas virtuais (aulas *chats*) e assim por diante.

Tais considerações são relevantes para este trabalho, pois nos fazem refletir sobre o posicionamento bakhtiniano (2011) quanto ao “diálogo cotidiano” e sua transmutação, observada por Marcuschi (2010, p. 17 [2005]), em relação ao *chat* e *e-mail*. O linguista refere-se ao primeiro como um “gênero emergente” em relação à conversa face a face, e ao segundo, como um “gênero emergente” em relação à carta ou bilhete. Esse percurso metodológico que leve em relação as propriedades intergenéricas entre os gêneros textuais digitais mencionado, parece-nos também ajustado para a concepção de *tweet*. Embora com a peculiaridade de ser escrito em até cento e quarenta caracteres, compreendemos o gênero sob análise como sendo produzido com correspondência a outros gêneros textuais digitais já existentes, como o *chat*, o *e-mail*, e até mesmo o SMS.

Em tal acepção, ressaltamos que à época da publicação dos trabalhos de Marcuschi (2002 e 2005) e de Erickson (1997, 2000), o *Twitter* não era uma realidade, mas assumimos o posicionamento do linguista brasileiro para afirmarmos que o *Twitter* configura-se em um ambiente virtual que abriga e condiciona o gênero *tweet*, que, sendo produzido em até cento e quarenta caracteres, pode ser realizado sob formas tipológicas diversas – o que abordaremos com mais propriedade no segundo capítulo deste trabalho.

Por meio de uma análise que leve em consideração a “dimensão intergenérica que um gênero estabelece com o (s) outro (s) para se constituir como tal” (Komezu, 2003, 2004) e, uma vez que no *Twitter* circula um gênero específico e emergente, as observações de Erickson (1997, p. 4-5), Nader (op. cit.), Araújo e Biasi-Rodrigues (op. cit.) e Araújo (op. cit.) e Paiva (2010) acerca da conceituação dos *chats* abertos e *e-mails*, respectivamente, podem ser aplicados em nossas observações, conforme discutiremos a seguir, uma vez que as interações por meio dos *tweets* podem ser síncronas – assim como os *chats* – ou assíncronas – assim como os *e-mails*.

Ressaltamos que Erickson (op. cit.) classifica o *chat* aberto como um gênero *participativo*, uma vez que permite aos interlocutores uma participação natural como ocorre em seus cotidianos, por meio do que entendeu ser a sequencialidade, a interatividade e o conteúdo comum presente a eles. No caso do *Twitter*, especificamente, não consideramos que haja um conteúdo comum, mas sim *assuntos comuns*, os quais podem ser acessados pelas *hashtags* ou mesmo pelas interações efetuadas por meio de *replies* entre interlocutores que se seguem mutuamente ou não, tendo fundamental importância nesse caso, também os *RTs*. (*retweets*).

Ainda sob a perspectiva da busca pela correlação entre o *tweet* e outros gêneros textuais digitais, não menos importantes são as considerações sobre as questões de estilo no gênero *chat* observadas por Araújo e Biasi-Rodrigues (2007, p. 78-92). Ao, assim como Erickson (op. cit.) estudarem *chats* abertos, procuraram, no entanto, identificar elementos que fossem considerados como marcas estilísticas que pudessem ser identificadas “nos rastros deixados pela transmutação” a partir da estreita relação bakhtiniana entre gênero e estilo.

Para Bakhtin (1992, p. 279 [1953]), a discussão sobre identificação do gênero mediante a ótica tripartite tema, composição e estilo, passa, obrigatoriamente, pelo reconhecimento do

estilo como a base dessa relação, uma vez que “quando há estilo, há gênero” e, sob uma perspectiva coletividade social, o autor compreende que

a estilística deve basear-se [...] no campo da vida autêntica da palavra. A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo [...] mutável. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz.

Nesse sentido, os autores (op. cit., p. 78) sintetizam que o estilo deve-se opor à subjetividade e ser compreendido como “um movimento de inserção do individual no social” na qual está associado à identificação e caracterização do gênero, de modo a não se ajustar a serviço da língua como sistema, mas às práticas discursivas.

A partir dessas prerrogativas, Araújo e Biasi-Rodrigues (op. cit.) concluíram que os *chats* abertos trazem em si marcas de estilo específicas, tais como as constantes repetições de letras, sinais de pontuação e a presença de adaptação de paralinguagem como marcações estilísticas que pretendem representar no gênero que analisaram, os gestos, as demonstrações faciais de aprovação ou reprovação e sons tão característicos das interações face a face.

Diante do que expusemos, seguimos a proposta de Marcuschi (2002, p. 15-16), referente à apresentação de parâmetros para a caracterização dos gêneros emergentes quanto aos seus aspectos funcionais – e não somente estruturais e formais – e acrescentamos, sistematizada e descritivamente, o *tweet* nas Tabelas 2 e 3, segundo a Tabela 1 por ele proposta e para a qual nos vale observar, em uma visão tridimensional, “composição (aspectos textuais e formais, incluindo as relações entre os participantes ou a audiência); o tema (natureza dos conteúdos, funções e profundidade) e o estilo (aspectos relativos à linguagem, seus usos e usuários)”. Esclarecemos, igualmente, que tal proposta, segue também a convergência de teorias dos gêneros proposta por Bakhtin (1992), Erickson (1997) e Miller (1984, 2012), bem como o que Marcuschi (op. cit.) compreende como características centrais dos gêneros textuais digitais: a interatividade; a genérica sincronicidade; a integração de recursos semiológicos e de formas de semiotização (como é o caso da possibilidade de inserção de imagens, sons e dos *emoticons* – símbolos indicadores de emoções humanas).

Observamos, pois, a Tabela 1, a seguir:

TABELA 1 – Análise intergenérica, segundo Marcuschi

DIMENSÃO	ASPECTO	GÊNEROS EM AMBIENTE VIRTUAL										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Relação temporal	Síncrona	–	+	+	+	+	+	–	+	+	–	0
	Assíncrona	+	–	–	–	–	–	+	–	–	+	0
Duração	Indefinida	–	+	+	+	+	–	–	–	–	–	0
	Rápida	?	0	+	–	–	–	–	–	–	?	0
	Limitada	+	–	–	–	–	+	+	+	+	+	0
Extensão do texto	Indefinida	–	+	+	+	+	+	–	–	–	–	0
	Longa	–	–	–	+	–	0	+	–	+	–	0
	Curta	+	+	+	–	+	0	–	+	–	+	+
Formato textual	Turnos encadeados	–	+	+	+	+	+	–	+	+	–	–
	Texto corrido	+	–	–	–	–	–	+	–	–	–	0
	Sequências soltas	?	0	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	Estrutura fixa	+	–	–	–	–	–	+	–	+	+	+
Participantes	Dois	+	+	+	+	+	–	–	–	–	–	–
	Múltiplos	+	+	–	+	–	+	+	+	–	+	0
	Grupo fechado	+	–	–	+	–	–	+	+	+	+	0
Relação dos participantes	Conhecidos	+	–	0	+	0	–	+	+	+	+	0
	Anônimos	–	+	0	–	0	+	–	–	–	–	0
	Hierarquizados	?	–	–	–	–	–	+	+	+	–	0
Troca de Falantes	Alternada	–	+	+	+	+	+	–	+	0	–	0
	Inexistente	+	–	–	–	–	–	+	–	–	+	0
Função	Interpessoal	+	+	+	+	+	–	–	+	–	+	+
	Lúdica	–	+	+	+	+	+	–	–	–	–	–
	Institucional	–	–	–	+	–	–	+	+	+	+	+
	Educacional	–	–	–	–	–	–	+	+	+	+	0
Tema	Livre	+	+	+	+	+	+	–	–	–	+	0
	Combinado	+	–	–	0	–	–	+	+	+	+	0
	Inexistente	–	+	–	–	–	+	–	–	–	–	+
Estilo	Monitorado	0	–	–	–	–	–	+	0	+	+	0
	Informal	0	+	+	+	+	+	+	+	–	–	0
	Fragmentário	–	+	+	+	+	+	–	–	–	–	0
Canal/ Semioses	Puro texto escrito	+	+	+	+	+	+	+	+	0	+	+
	Texto oral & escrito ¹	–	–	–	+	–	–	–	–	+	–	–
	Texto com imagem	0	+	+	+	+	+	+	–	+	–	–
	Com paralinguagem	0	+	+	+	+	+	+	+	+	–	–
Recuperação de mensagem	Gravação automática	+	–	–	+	–	–	+	+	0	+	+
	Voláteis	–	+	+	+	+	–	–	+	+	–	–

Legenda 1: Sinais para marcação dos traços: + (presença); – (ausência); 0 (irrelevância do traço para definição do gênero); ? (indefinição quanto à presença e relevância).

Legenda 2: Para os gêneros listados: (1) e-mails; (2) bate-papo virtual aberto; (3) bate-papo virtual reservado; (4) bate-papo ICQ (agendado); (5) bate-papo virtual em salas privadas; (6) entrevista com convidado; (7) aulas virtuais por e-mails; (8) bate-papo educacional; (9) vídeo-conferência interativas; (10) listas de discussão; (11) endereço eletrônico.

Por meio da análise da tabela proposta por Marcuschi (2002, p. 18) e, levando em consideração as possibilidades interacionais e fluxos informacionais apontados por Santaella e Lemos (2010) no ambiente *Twitter*, procedemos à discussão sobre dois exemplos de *tweets*, produzidos por alunos e retirados do *corpus* desta pesquisa. Salientamos, no entanto, que não seguimos a Teoria do Limite Central para essa análise, uma vez que consideramos, desde o início desta pesquisa, o *tweet* como um gênero textual digital.

Em relação à contextualização dos *tweets*, ressaltamos que, segundo pesquisa quantitativa realizada em 2010 – e mencionada ainda neste capítulo –, sabe-se que a maioria destes (71%) encontra-se em uma situação de difícil recuperação contextual no ambiente *Twitter*. Isso se dá pois é característica das redes sociais a publicação de textos aleatórios que versem somente sobre algum sentimento ou estado de espírito do locutor e, em virtude disso, não podemos desconsiderá-los para a efetivação de uma análise intergenérica.

Paradoxalmente, notamos que a difícil recuperação contextual do gênero observado, não inibe uma análise intergenérica com outros gêneros textuais como o *chat* aberto e o *e-mail*. Isto porque, esses *tweets* aparentemente desconectados e “soltos” estão inseridos no *Twitter* e, conseqüentemente, têm potencial para interagir com todos os usuários/interlocutores incluídos nesse ambiente.

Entretanto, como afirmamos ainda neste capítulo, se as tentativas de obtenção de respostas mediante a seleção de informações *outflow* devem levar em consideração dois paradigmas importantes, como as estratégias de elaboração textual e o número de seguidores, não podemos descontextualizar a metodologia que utilizamos para selecionar o *corpus* deste trabalho (p. 22), pois se trata de uma sequência didática estabelecida em um contexto escolar e, sob o qual foram criados perfis novos que ainda não têm um número significativo de seguidores. Nesse direcionamento, o critério da qualidade de organização textual estratégica que recaia sobre a relação entre o aumento do número de seguidores e a quantidade de obtenção de respostas deve ser considerado.

Tendo em vista o que acabamos de expor, passemos à análise descritiva do primeiro *tweet* para que procedamos à relação intergenérica com outros gêneros textuais digitais:

EXEMPLO 1

Tweet 1

Recuperação contextual

No *Tweet 1*, não há uma opção “ver conversa” ou “ocultar conversa” – o que significa a impossibilidade de recuperação contextual desse gênero sob análise. Desse modo, conclui-se que a estratégia não obteve resultado, já que esse *tweet* configura-se em um texto que não obteve respostas.

Tentativa de proposições – fluxos *outflow* e *inflow*

No *tweet 1*, temos um exemplo que tentativa de proposição no ambiente por meio de um fluxo *outflow* de informação direcionada a um tema aleatório no *Twitter*: a pena de morte.

Por ser um tema “polêmico”, a estratégia de inserção buscou uma interação por meio de possíveis apoios ou não.

Comparação com as categorias propostas por Marcuschi (2002, p. 18) na Tabela 1

A partir da Tabela 1 proposta por Marcuschi (op. cit.), observamos que em relação à dimensão temporal, este texto é assíncrono, por mais que a data o eternize, conferindo-lhe, como postulado por Komez (2004) a respeito do *blog* um duplo caráter: a eternidade e a fugacidade, uma vez que a *timeline* do *Twitter* a cada segundo se renova.

Sua duração é rápida, uma vez que não houve resposta – ou troca de falantes – e indefinida, já que permanece da *timeline* do produtor do texto, podendo gerar respostas ou questionamentos que gerem sincronidade, ou não, em forma de interações sem determinação de tempo.

Quanto à extensão do texto, o *tweet* analisado é curto, pois conta, com os espaçamentos entre as palavras, com cento e trinta e cinco caracteres, ou seja, quase no limite permitido.

Em relação ao formato textual, pode-se dizer que não houve encadeamento de turnos, com texto corrido e não com sequências soltas. Além disso, não possui uma estrutura fixa.

Uma vez que não houve participantes nessa interação, frisa-se que o texto está disponível para todo o usuário/interlocutor do ambiente, podendo ocorrer tanto a multiplicidade destes, como apenas dois interlocutores o que, nesse caso, não se configura o *tweet* em uma *DM* (*direct message*), mas sim um *tweet* público e, portanto, não inserido em um grupo fechado.

Trata-se de um participante público anônimo – ao menos para o *Twitter*. Mas poderia ser um *expert* em alguma área do conhecimento, uma celebridade ou, conforme metodologia exposta na Introdução deste trabalho (p. 23), a professora que sugeriu a atividade.

Embora proposto em aula da disciplina de Língua Portuguesa, a função é livre, mas poderia ser educacional, interpessoal, lúdica ou institucional.

O tema – pena de morte – também é livre e partiu do próprio locutor, mas também poderia ter sido combinado ou mesmo inexistente.

Em se tratando de estilo, nota-se a informalidade empregada, por meio de abreviações (“BR” e “q”, em vez de “que”) as quais são muitas vezes necessárias para que a regra de delimitação espacial seja seguida e, conseqüentemente, que o texto possa ser publicado. Ressaltamos, no entanto, que não consideramos esse um texto fragmentário, uma vez que, como veremos no capítulo seguinte com mais profundidade, apesar das abreviações, não houve prejuízo dos critérios de textualidade como a coesão e a coerência.

Neste caso sob análise, não há semioses, tampouco paralinguagem e o texto pode ser recuperado a qualquer tempo, desde que o usuário não o apague.

Passemos, a seguir, à Tabela 2, que trata da comparação intergenérica entre o *Tweet* 1, o e-mail e o chat aberto.

TABELA 2 – Comparação Intergenérica entre o *Tweet* 1, o *e-mail* e o *chat* aberto

DIMENSÃO	ASPECTO	<i>Tweet</i> 1	<i>e-mail</i>	<i>Chat</i> aberto
Relação temporal	Síncrona	–	–	+
	Assíncrona	+	+	–
Duração	Indefinida	+	–	+
	Rápida	+	?	0
	Limitada	–	+	–
Extensão do texto	Indefinida	–	–	+
	Longa	–	–	–
	Curta	+	+	+
Formato textual	Turnos encadeados	–	–	+
	Texto corrido	+	+	–
	Sequências soltas	–	?	0
	Estrutura fixa	–	+	–
Participantes	Dois	0	+	+
	Múltiplos	0	+	+
	Grupo fechado	?	+	–
Relação dos participantes	Conhecidos	–	+	–
	Anônimos	+	–	+
	Hierarquizados	–	?	–
Troca de Falantes	Alternada	–	–	+
	Inexistente	+	+	–
Função	Interpessoal	?	+	+
	Lúdica	?	–	+
	Institucional	?	–	–
	Educacional	?	–	–
Tema	Livre	+	+	+
	Combinado	?	+	–
	Inexistente	–	–	+
Estilo	Monitorado	–	0	–
	Informal	+	0	+
	Fragmentário	–	–	+
Canal/Semioses	Puro texto escrito	+	+	+
	Texto oral & escrito	–	–	–
	Texto com imagem	–	0	+
	Com paralinguagem	–	0	+
Recuperação de mensagem	Gravação automática	+	+	–
	Voláteis	–	–	+

Legenda 1: Sinais para marcação dos traços: + (presença); – (ausência); 0 (irrelevância do traço para definição do gênero); ? (indefinição quanto à presença e relevância).

Legenda 2: Para os gêneros listados: (1) *Tweet* 1; (2) *e-mails*; (3) *chat* aberto

Considerações sobre as comparações intergenéricas efetuadas

A partir de uma análise intergenérica que pretende examinar o *Tweet 1* em sua dimensão intergenérica comparativa entre os gêneros textuais digitais *e-mail* e *chat*, podemos observar que, das trinta e seis categorias de análise propostas por Marcuschi (2002, p. 18) na Tabela 1, quinze categorias (41,66%) referentes ao *e-mail* podem ser verificadas no *tweet* sob análise e doze categorias (33,33%) desse gênero em questão, correspondem ao *chat* aberto.

Essas observações permitem-nos identificar no *tweet* sob análise a presença de traços característicos de dois outros gêneros textuais digitais que, destacamos, foram selecionados para efetuar esse estudo comparativo, em virtude da funcionalidade do ambiente *Twitter* assemelhar-se, muitas vezes, aos ambientes que condicionam os gêneros *e-mail* e *chat* aberto.

Entretanto, um olhar mais apurado direcionado à Tabela 2, possibilita-nos, também, identificar a presença dos sinais “0” para o número de participantes e “?” para a categoria relativa à função, o que, segundo a legenda da Tabela 1, refere-se à irrelevância do traço para definição do gênero e à indefinição quanto à presença e relevância, respectivamente.

Diante disso, sabendo-se que no *Twitter* podem ocorrer interações síncronas ou assíncronas de modo a configurar um *tweet* como uma resposta a uma proposição, é importante que, igualmente, examinemos também essa possibilidade de situação.

Vejamos os exemplos a seguir que analisamos conjuntamente:

EXEMPLO 2

Tweet referência

Retweetado por Ev Grupo 4

Bom Dia Brasil @bomdia_brasil · 13 de nov de 2012

Veneza está afundando. Com a chuva insistente, a cidade inundou e a prefeitura está preparada para decretar calamidade: glo.bo/ZAeVER

Expandir

↩ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Tweet 2

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Veneza está afundando. Com a chuva insistente, a cidade inundou e a prefeitura está preparada para decretar calamidade: É O FIM DO MUNDO?

Expandir

↩ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Recuperação contextual

O *Tweet 2* foi produzido pelo perfil @EvGrupo4 e se constitui em um *RT* do perfil @bomdia_brasil que embora não contenha crédito explícito no gênero sob análise, foi recuperado pela organização da *timeline* do locutor do *Tweet 2*. Nesse sentido, o locutor compreendeu ser importante não somente compartilhar um *tweet* de outrem, como também, por meio da retirada do *link* ao *hipertexto* glo.bo/ZAeVER, inserir um enunciado que pode se configurar tanto em uma resposta-comentário ao usuário @bomdia_brasil, como um comentário que considere fundamental compartilhar com seus seguidores.

Tentativa de proposições – fluxos *outflow* e *inflow*

Como o *Tweet 2* configura-se em um *RT* com comentário, pode ser compreendido tanto como uma tentativa de proposição por meio do fluxo informacional *outflow*, como também, uma representação para seus seguidores de como abastece sua *timeline* por meio do fluxo de informação *inflow*, uma vez que parte não somente das escolhas de perfis a serem seguidos pelo usuário, mas da publicidade que esse mesmo usuário dá a elas.

Comparação com as categorias propostas por Marcuschi (2002, p. 18) na Tabela 1

A partir da Tabela 1 proposta por Marcuschi (op. cit.), observamos que no *Tweet2*, o tema é determinado pelo perfil *@bomdia_brasil* o que gerou um comentário do perfil *@EvGrupo4*, ou seja: que a cidade de Veneza está afundando.

Esse texto sob análise (*RT* + comentário) possui sincronicidade, com rápida e indefinida duração, mesmo com trocas de falantes, uma vez que não houve uma resposta por parte do perfil *@bomdia_bra* e que pode ser recuperado a qualquer momento na *timeline* do locutor.

Quanto à extensão, o *Tweet 2* é curto, com pois conta, com os espaçamentos entre as palavras, com cento e trinta e cinco caracteres, ou seja, quase no limite permitido.

Em relação ao formato textual, pode-se dizer que houve encadeamento de turnos, com texto corrido e não com sequências soltas. Além disso, não possui uma estrutura fixa.

Trata-se de um participante público anônimo que interagiu com um perfil institucional conhecido, mas que ludicamente quis inserir a informação aos seus seguidores.

Em relação ao estilo, observa-se que a informalidade é marcada pela utilização de paralinguagem observada no uso de letras maiúsculas na formulação do comentário. Entretanto, a semiose presente no *tweet* referência pela inserção de um *hipertexto*, não pode ser aferida no *Tweet2*, uma vez que no lugar do *link*, o locutor introduziu seu comentário.

A seguir, comparamos, intergenericamente, o *tweet 2* com o e-mail e o chat aberto. – Tabela 1 e Tabela 3

TABELA 3 – Comparação Intergenérica entre o *Tweet 2*, o *e-mail* e o *chat* aberto

DIMENSÃO	ASPECTO	<i>Tweet 1</i>	<i>e-mail</i>	<i>Chat</i> aberto
Relação temporal	Síncrona	+	–	+
	Assíncrona	–	+	–
Duração	Indefinida	+	–	+
	Rápida	+	?	0
	Limitada	–	+	–
Extensão do texto	Indefinida	–	–	+
	Longa	–	–	–
	Curta	+	+	+
Formato textual	Turnos encadeados	+	–	+
	Texto corrido	+	+	–
	Sequências soltas	–	?	0
	Estrutura fixa	–	+	–
Participantes	Dois	+	+	+
	Múltiplos	+	+	+
	Grupo fechado	–	+	–
Relação dos participantes	Conhecidos	–	+	–
	Anônimos	+	–	+
	Hierarquizados	–	?	–
Troca de Falantes	Alternada	+	–	+
	Inexistente	–	+	–
Função	Interpessoal	?	+	+
	Lúdica	+	–	+
	Institucional	+	–	–
	Educacional	?	–	–
Tema	Livre	–	+	+
	Combinado	+	+	–
	Inexistente	–	–	+
Estilo	Monitorado	–	0	–
	Informal	+	0	+
	Fragmentário	–	–	+
Canal/Semioses	Puro texto escrito	–	+	+
	Texto oral & escrito	+	0	+
	Texto com imagem	–	0	+
	Com paralinguagem	+	0	+
Recuperação de mensagem	Gravação automática	+	+	–
	Voláteis	–	–	+

Legenda 1: Sinais para marcação dos traços: + (presença); – (ausência); 0 (irrelevância do traço para definição do gênero); ? (indefinição quanto à presença e relevância).

Legenda 2: Para os gêneros listados: (1) *Tweet 1*; (2) *e-mails*; (3) *chat* aberto

Considerações sobre as comparações intergenéricas efetuadas

Primeiramente, é preciso salientar que a análise intergenérica do *Tweet 2* só foi possível mediante a recuperação contextual em que está inserido. Isto nos permitiu identificar esse texto sob análise como um enunciado que contém um *RT* mais um comentário por parte do locutor.

O *RT*, por sua vez, pode ser considerado com a introdução de uma outra voz na formulação do enunciado produzido pelo locutor e, dessa forma, a recuperação na própria *timeline* desse locutor, permitiu-nos observar que na elaboração do *tweet* referência, há a presença de uma semiose pela inclusão de um *hipertexto*. Além disso, o perfil desse *tweet* referência constitui-se em um usuário institucional e, desse modo, o *Tweet 2* pode ser compreendido como uma resposta direcionada tanto ao *tweet* referência, como uma representação para os seguidores do locutor do *Tweet 2*, de quem são seus seguidores.

Diante do exposto, a análise comparativa entre o gênero *tweet* em questão e os gêneros *e-mail* e *chat* a partir da Tabela 1, proposta por Marcuschi (2002), permitiu-nos criar uma Tabela 3 em que notamos a extrema aproximação entre o *Tweet 2* e o gênero *chat* aberto, com a correspondência de 50% das categorias elaboradas pelo linguista.

Esse dado revela que o caráter resposta permite-nos identificar esse *tweet* como uma conversa síncrona e com troca de falantes, por mais que o perfil do *tweet* referência não tenha dado continuidade.

É justamente a siconicidade que, nesse caso, afasta o *Tweet 2* do gênero *e-mail*, que é assíncrono, conforme análise da Tabela 1.

1.3.1 Considerações sobre as análises intergenéricas entre o *tweet* e os gêneros *e-mail* e *chat* aberto

Notamos que na tabela proposta por Marcuschi (op. cit.) – Tabela 1 –, há muitas categorias coincidentes entre o *tweet* e os gêneros *e-mail* e *chat*. Acreditamos que isso se deva a apropriações e transmutações de aspectos existentes em gêneros anteriores ao que estudamos nesse momento. Retomando as posições de Santaella e Lemos (2004) acerca do funcionamento particular do *Twitter*, observamos, também, que seu gênero específico, o *tweet*, em comparação

aos outros gêneros textuais digitais analisados por Marcuschi (op. cit.), possui positivamente, quase a totalidade das categorias propostas pelo linguista, sendo exceção somente aquelas diretamente relacionadas à composição do gênero: quanto à extensão, o *tweet* não deve ser longo, fato que, quanto ao seu formato, permite que construção um texto corrido, desde que seja produzido sob uma regra de delimitação espacial.

Além disso, podemos concluir que quando não há resposta, a recuperação contextual de um *tweet* torna-se tarefa extremamente difícil em virtude de sua assincronicidade e permanência cronológica na *timeline*. No entanto, mesmo que recuperado na *timeline* do locutor, esse texto encontrar-se-á “solto” e sem conexão aparente com nenhum outro texto, ficando sua produção, a critério da subjetividade do locutor.

Quando tratar-se de um *tweet*-resposta, sua recuperação contextual é facilmente obtida e sua aproximação com o gênero *chat* aberto é evidente.

Como vimos, estamos diante de um gênero textual digital muito recente que se por um lado abriga características de outros os gêneros digitais emergentes, por outro os modifica, como é o caso dos *chats*, do *e-mail*. O *tweet* constitui-se em um enunciado que merece destaque pois cria, de imediato, novas possibilidades de interação, deixando para trás, de algum modo, gêneros recém-criados, ultrapassando-os de alguma forma e rapidamente.

Frente ao que acabamos de expor, julgamos importante que, no item a seguir, discutamos os modos de configuração das conversas mediadas por dispositivos digitais (CMDs), como o computador e os aparelhos celulares para, a partir disso, examinarmos as efetivações dessas práticas discursivas sob a perspectiva sociocognitiva.

1.4 A CMD como prática sociocognitiva dos ambientes virtuais

Para definir a *Internet*, Marcuschi (2010, p.18 [2005]) adota a conceituação ampla do Dicionário Aurélio, como sendo um conjunto de redes de computadores interligados entre si, de acesso público, descentralizada e de âmbito mundial. Ao adotar tal noção, compreende que nela existam vários contextos de comunicação possíveis, dinâmicos e transmutáveis de acordo com

o desenvolvimento tecnológico que, por meio da Comunicação Mediada por Meios Digitais (CMD), propiciou a extensão de várias capacidades e habilidades naturais do ser humano, que dentro de uma realidade virtual, interage na construção de raciocínio não-linear de formação de saberes e conhecimentos. Tal processo foi compreendido por Lévy (1999) como sendo o espaço no qual todos estão juntos ocupando lugares equivalentes (quando compreendemos filosoficamente lugar como um modo de estar e agir no mundo) ora sendo produtores, ora sendo receptores de informação.

Entendemos que as ações verbais que ocorrem na *Internet*, e que são objeto de nosso estudo, processam-se em contextos e finalidades sociais e culturais específicos com respectiva redistribuição de papéis sociais que constroem, colaborativamente, uma “inteligência coletiva” (Lévy, 1999, p. 29), por entender que as interações verbais entre sujeitos criadores e receptores de informação dá-se em uma relação TODOS-TODOS”, estabelecida pela dinamicidade e popularização da *Internet* e só faz sentido quando as ações que constituem essa relação são fundamentadas nos eventos compartilhados de atividade linguística.

Autores como Lohan (1999) conceituam a CMD por meio de entendimentos referentes ao surgimento da fala, escrita, matemática e ciência como recursos organizacionais das complexidades estruturais emergentes de um contexto social e comunitário. Compreendendo as diferentes linguagens em um sistema no qual os conhecimentos de cada uma são essenciais para o nascimento de outra, o autor especificou a informática e, conseqüentemente a *Internet*, em uma relação gradativa e definiu a CMD como uma nova linguagem na qual o desenvolvimento está condicionado à convergência de mídias tradicionais (televisão, rádio, telefone, leitura de jornais) na interatividade.

Shepherd e Saliés (2013) orientam-nos para o fato de que, desde o princípio das comunicações mediadas por meios digitais (CMDs), linguistas vêm-se preocupando com o uso da linguagem na *Internet*. Referem-se, inclusive, ao termo cunhado por Crystal (2001, p. 17), *Internet Linguistics*, que centralizou estudos sobre metodologias e terminologias, entre outros conceitos, para tratar do que nomeou *output* da *Internet*, ou seja, das “várias entidades que compõem um discurso eletrônico”, uma vez que questiona a necessidade de haver uma linguística específica da *Internet*, tendo em vista que nunca houve uma linguística do rádio ou da TV.

A partir de Marcuschi (2010, p. 20 [2005]), a contribuição da Linguística Textual parece-nos significativa nessa direção por entender que as CMDs não se configuram uma linguagem de *Internet*, mas uma “forma constitutiva da realidade”, a qual o autor compreende como “atividade interativa de caráter sócio-cognitivo e não como meio de transmissões de informações”, dada a diversidade e a liberdade de usos. Desse modo, o linguista compreende que as CMDs reconfiguram-se em função da emergência do meio, nos diversos ambientes deste meio virtual.

Como consequência, o Marcuschi (op. cit., p. 16) sugere, ainda, que a CMD está inserida e abrange “todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que afloram nesse contexto” circunscrito à *Internet* a qual, por abarcar diversos ambientes nas quais se dá a interação, assume a carga semântica e pragmática de um sistema completo.

Nesse sentido, as CMDs podem configurar-se em gêneros textuais digitais e, sobre esse aspecto, trataremos com mais detalhes, a seguir.

1.5 A configuração das CMDs em gêneros e seus aspectos linguísticos

Se as CMDs podem ser genericamente classificadas como todo discurso eletrônico realizado na *Internet*, uma vez que se configuram em uma comunicação mediada pela tecnologia eletrônica e que compreendem todos os formatos de comunicação e respectivos gêneros que afloram nesse contexto, por outro lado, o objeto de análise em questão é mais específico, pois há mais de uma forma de sua realização em diversos ambientes. (Marcuschi, 2010, p.15 [2005]).

Assumimos, nesta pesquisa, a concepção de texto como uma atividade verbal consciente e constituída de processos, de estratégias e operações cognitivas que, inerentes à mente humana, são constantemente construídos durante a interação social e representativos dos momentos da comunicação. Desse modo, o texto é o objeto materializado do discurso¹⁵ uma vez que a linguagem, em seu caráter prático transformador do homem e de sua realidade, quando apreendida em sua materialidade linguística, fornece aos analistas do discurso aquilo que se não constitui

¹⁵ Para tanto, recorreremos também aos postulados por Orlandi (1999), Brandão (1986), Koch (2004) e Bentes (2006), para sustentarmos que a terminologia gênero textual não está em conflito com a ideia de gêneros do discurso, pois os gêneros são construídos e recriados pela fala e escrita, constituindo-se em textos que se reconfiguram de acordo com as interações humanas realizadas em contextos sociais e históricos definidores.

propriamente o seu objeto de análise, permite, por meio da observação dos processos interiores e exteriores e das condições de efetivação da linguagem, a verificação dos sentidos alcançados.

A partir da conceituação de gêneros textuais e da busca pela compreensão acerca de sua configuração nas interações realizadas por computador, consideramos que tais interações, apesar de possuírem aspectos comuns condicionados pelo meio virtual, são, ao mesmo tempo, determinadas pelos gêneros que as condicionam, sendo, portanto, heterogêneas em sua ampla definição.

A organização da escrita nas CMDs não pode ser desconsiderada nessas interações. Em relação à materialização linguística que se configura nos gêneros que circulam nesses contextos, em concordância com Marcuschi (2005) acreditamos que a *Internet*, por sua emergência, condiciona e determina caracteristicamente a escrita que, a partir disto, será reconfigurada nos gêneros circunscritos aos seus ambientes.

Entendemos também, como Lévy (1986, p. 38), que a escrita passa pelo processo de virtualização e a construção de sentidos de um texto, depende do espaço no qual será efetivada, ou seja, do ambiente em que está inserida e dos lugares de interação dos sujeitos neste meio. Ao tratar do papel da escrita e de sua introdução como formas de interação em meios digitais, Bolter (1991), retomado por Marcuschi (2010 [2005]), redimensionou sua forma de realização sob um princípio econômico, em função do estabelecimento de uma *cultura eletrônica* que permitiu o surgimento do que o autor denomina como *cultura letrada*.

Observações resultantes dessa afirmação, permitem-nos compreender que, se as CMDs são reconfiguradas em gêneros textuais a partir de suas situações comunicativas em ambientes digitais, a materialização linguística desses gêneros também não pode ser ignorada. Assim, o princípio econômico da escrita ao qual se referiu Bolter (op. cit.) está relacionado à objetividade na produção textual em função da velocidade nas trocas de informações do meio. Isto porque, como discutiremos a seguir, a única característica comum às produções escritas produzidas nos meios digitais e circunscritas a todos os gêneros textuais digitais emergentes é tão somente a necessidade de adaptação à velocidade do meio.

Marcuschi (2002, 2008, p. 199) salientou alguns aspectos genéricos sobre a materialização linguística no meio digital. Acreditamos que devemos observar tais apontamentos uma

vez que acreditamos que tais características não ocorram em todos os tipos de CMDs, mas tão somente naquelas marcadas pela informalidade e encontradas, principalmente, em *chats* não-institucionais ou em gêneros cuja situação comunicativa permita. Assim, o autor, à procura de características genéricas pertencentes à materialização linguística do meio, observou que, sob o ponto de vista dos usos da linguagem, a escrita conforma-se em uma “pontuação minimalista; a ortografia um tanto bizarra; a abundância de siglas; as abreviaturas nada convencionais; estruturas frasais pouco ortodoxas e a escrita semialfabética.” do ponto de vista da natureza enunciativa da linguagem, o autor entende que se integram mais semioses do que usualmente tendo, em vista a natureza do meio; e, por fim, do ponto de vista dos gêneros realizados, o linguista entende que a *Internet* “transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos” ressaltando, nesse sentido, que todos os gêneros textuais digitais são “fundamentalmente baseados na escrita”.

Em virtude da emergência do meio e, tendo em vista tal generalização, podemos considerar a economia de escrita como primeiro aspecto comum a todas as CMDs. Na busca por uma caracterização genérica e na aceitação da impossibilidade de ocorrência de somente um tipo de comunicação mediada pelo computador, entendemos não ser possível, em virtude da complexidade de gêneros digitais emergentes, ir além disto. A informalidade, apesar de presente em muitas interações verbais na *Internet*, não pode ser característica comum a elas, visto que é dependente da situação comunicativa a que está circunscrita.

Assim, ampliamos o posicionamento de Marcuschi (op. cit.) acerca da caracterização da língua em sua materialização em ambientes digitais, a fim de compreendê-la como adjetivações relacionadas à escrita informal, condicionada a gêneros circunscritos às comunicações mediadas pelo computador, as quais permitem possibilidades de interações informais e que, por sua vez, não podem ser consideradas elementos definidores de todas as comunicações que perfazem os ambientes virtuais.

Desse modo, fatores como modalidade da língua (oral ou escrita), proximidade e distância (física, social etc.) e grau de envolvimento entre os interlocutores são fundamentais também para determinar as diversas produções textuais dos gêneros digitais.

Nessa acepção, para que observemos a configuração da escrita do *tweet*, podemos novamente recorrer aos modos de reconfiguração da escrita em um *chat* ou em um *e-mail*, mas sem perder de vista as características formais, composicionais e estilísticas do gênero digital a que está circunscrita. Além disso, se o conceito de economia é pré-determinado, assumimos que este deve estar relacionado à objetividade que, por sua vez, está condicionada à velocidade do meio. É um desafio produzir um texto escrito que circula em ambiente digital, quando se sabe que o fator tempo traz ou afasta interlocutores, mas não se pode afirmar que, como já mencionado, Artigos de Opinião que circulem também neste contexto devam, composicionalmente, serem mais curtos e objetivos que em outros ambientes ou suportes, sem, entretanto, transmutarem-se em outro gênero.

É preciso destacar também, a possibilidade de imbricação entre fala e escrita na produção das CMDs, tendo em vista que estamos diante de uma nova forma de interação que transforma e amplia as práticas discursivas de uma sociedade atual. A seguir, trataremos especificamente dessa possibilidade a qual julgamos ser uma das características mais marcante das CMDs.

1.6 A imbricação do *continuum* fala/escrita e a materialização linguística das CMDs

A materialização da língua em ambientes digitais ocorre em um meio no qual há, como já mencionado, uma festa linguística (Crystal, 2001, p. 169) que adapta os seus diversos usos às diversas situações comunicativas. Dentre estas, aquelas pontuadas pela informalidade são as que mais nos chamam a atenção. Isto porque, acreditamos localizar-se, nesse tipo de relações interacionais, um espaço de experimentação da língua. Não defendemos aqui, conforme vimos salientado, a ideia de uma linguagem comum à *Internet* por considerarmos que este meio comporta diversos ambientes que, por sua vez, comportam diversos gêneros.

Santos e Teixeira (2010), aproximando-se dos preceitos de Marcuschi (2010 [2004]) em relação à materialização linguística em ambientes digitais, anotam que as CMDs também são caracterizadas pela redução de palavras, cortes realizados em alguns vocábulos, tendo como fundamento o som que evocam, como ocorre em *q*, *vc*, *blz*, para citar exemplos comuns que significam *que*, *quê*, *você* e *beleza*. Segundo as autoras, há ainda a utilização de *kra* e *kd*, signi-

ficando *cara* e *cadê*. Neste sentido, anotam também a marcação das sílabas tônicas com o acréscimo do fonema *h*, quando “só” poderia ser escrito como *soh*, ou mesmo para as modificações das representações de sons nasais, como *naum*, bem como pelo uso de gírias.

Afirmamos que essas considerações refletem um momento determinado por uma situação e não constituem regras das CMDs. Palavras com “kra” ou *naum* estão em completo desuso, ficando cada vez mais circunscritas a interações privadas realizadas por sujeitos de determinada faixa etária e/ou classe social (trazendo à baila, até mesmo, preconceitos linguísticos), além de serem indicativas de certa infantilidade por parte do locutor. Por isso, entendemos que tais observações servem-nos como bússola na investigação que pretendemos realizar.

Diante do exposto, postulamos que, na busca pela economia da escrita, o sentido é construído na enunciação no qual o encadeamento dos enunciados está a este serviço. Destacamos que tais características presentes na produção escrita podem, ou não, ocorrer simultaneamente e que mesmo em busca de objetividade e da consequente economia de escrita, elas circunscrevem-se aos graus de formalidade de cada situação comunicativa. Nesse sentido, as análises do *corpus* selecionado para este trabalho serão importantes nessa direção. Portanto, coadunados com o posicionamento de Santaella e Lemos (2010) a respeito da evolução tecnológica quando da análise das redes sociais digitais, em relação aos usos das modalidades língua, parece-nos que a materialização linguística acomoda-se e adapta-se a essa evolução tecnológica respectiva a cada rede social para cumprir seu papel de rapidez no compartilhamento de informações.

Ainda nesta concepção, Halliday (1996, p. 356) indica, se não ainda a imbricação, pelo menos para a interação entre a fala e a escrita que ocorre com o advento das novas tecnologias:

O que está ocorrendo não é uma ‘neutralização das diferenças entre fala e escrita’, mas sim estão se criando as condições materiais de uma tecnologia que permitirá uma ‘maior interação entre ambas’, de que emergirão novas formas de discurso.

Desta maneira, trabalhamos com a noção de que alguns (não todos) gêneros que circulam em ambientes da *Internet*, situam-se no *continuum* fala/escrita e, como assevera Coscarelli (2007), apresentam características muito próximas da fala espontânea, tais como: mudança de turno, frases breves, utilização de uma linguagem informal pontada por gírias e discursos frag-

mentados. Já Santos (2007, p. 158), em tal direcionamento, complementa que a noção de *continuum* deve ser relativizada e substituída pela ideia de imbricação, uma vez que estes gêneros não são somente orais, ou escritos, mas unificam tanto a fala como a escrita ao mesmo tempo, tornando-se, assim, únicos.

Vale lembrar que não procedemos a uma análise da língua falada, tampouco a colocamos em situação privilegiada em relação à escrita, uma vez que buscamos descrever as estratégias presentes em *tweets* argumentativos que, por suas características multifuncionais, como vimos ainda neste capítulo, admitem práticas relativas ao gênero *chat* privado. Como procedemos a uma análise descritiva, acreditamos serem de extrema valia as considerações feitas em torno dessa relativização do conceito de *continuum* e da imbricação, uma vez que não se tratam de textos escritos com características orais, mas textos orais e escritos compreendidos em sua unicidade.

Para discutirmos as marcas de oralidade nos *tweets*, trataremos, nos itens a seguir, sobre os marcadores conversacionais nas CMDs.

1.7 Os marcadores conversacionais nas CMDs

Tomando como embasamento os trabalhos de Marcuschi (1986) acerca dos marcadores conversacionais, denominando-os organizadores de construção de enunciados, e consequentemente, de sentidos, a partir da interação dialógica entre usuários, para que uma conversação seja efetivada, não se deve esquecer de que os participantes tenham em comum a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio das situações sociais. A partir disso, o autor (1986, p. 15-16), assinala cinco características essenciais de organização de um gênero conversacional:

- Interação de ao menos dois falantes.
- Ocorrência de ao menos uma troca de turnos entre os falantes.
- Presença de uma sequência de ações coordenadas.
- Execução de uma atividade temporal.
- Envolvimento concentrado em uma “interação centrada”.

O conceito e funcionamento dos Marcadores Conversacionais (MCs) da Língua Portuguesa já foi amplamente debatido e revisado por alguns autores como Risso, Silva e Oliveira (1996) e Urbano (1997, p. 85), que os compreendem como elementos típicos da fala que se materializam com “frequência, recorrência, convencionalidade, idiomacidade e significação discursiva-interacional”, tendo natureza, dimensão, complexidade semântico-sintática e estruturas variadas e que “funcionam como articuladores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático.”.

Koch (2004, p. 106) afirma que os MCs “são elementos discursivos extremamente frequentes nos textos falados, que fornecem pistas importantes para os interlocutores, visto que eles ‘pontuam os textos’”. Salientando que alguns funcionam como sinais do falante, outros do ouvinte.

Marcuschi (1986, p. 61), salienta que, nos aspectos funcionais, “estes sinais servem de elo entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc. Podem aparecer em várias posições: na troca de turnos, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares.”

Castilho (2000, p. 46), ao estudar as tentativas de conversas, condicionou-as à utilização de estratégias que podem se configurar em MCs. Assim, classificou tais elementos da seguinte maneira:

a) Prosódicos

Alongamentos.

Articulação enfática.

Mudanças de tessitura e velocidade da fala.

Pausas.

Mudanças certos itens lexicais e pré-lexicais.

Expressões completas que, na interação, funcionam como MCs.

b) Lexicais – palavras isoladas, dentre outras que possam ser verificadas na interação:

“Então”

“Aí”

“Mas”

c) Não-lexicais, dentre outros:

“Ah”

“Ih”

“Ué”

“Ahã

Em relação à funcionalidade dos MCs, Urbano (1993, p. 85-86) afirma que os marcadores conversacionais são “articuladores que ajudam a dar coesão e coerência ao texto falado, dentro do contexto conversacional”. Para tanto, classifica-os, de acordo com suas funções de interação, entre os linguísticos e não linguísticos. Apresentam-se da seguinte maneira:

a) Marcadores conversacionais linguísticos

Verbais lexicados (Como sabe? Tá certo. Tá, Ok. etc.).

Verbais não lexicados (ahhh, é, eh etc.).

b) Marcadores não linguísticos

Gestos.

Olhares.

Risos.

Isto posto, durante uma interação face a face, os interlocutores recorrem a marcadores como recursos de significação os quais são transferidos para uma CMD que ocorra em um gênero caracterizado pela imbricação entre a fala e a escrita, como um *chat* do ambiente *MSN*, por exemplo. Para Modesto (2007), os marcadores verbais lexicados são representados exatamente da mesma maneira em uma CMD que configure uma conversação digital informal, os prosódicos e não linguísticos, por reticências, onomatopeias e *emoticons*, dentre outros. De nossa parte, entendemos que os marcadores verbais não lexicados também são transferidos da mesma maneira mas, salientamos que, diante da velocidade da interação bem como da particularidade de uma situação comunicativa, tais marcadores podem ser reconfigurados em estratégias argumentativas enquanto, por exemplo, a utilização de um “tá certo” pode significar uma pausa representativa de reprovação diante de uma informação, um “ahn”, uma hesitação ou mesmo prolongamento representativos de aprovação ou reprovação de determinada informação.

Castilho (2000) assinala que os marcadores conversacionais têm por finalidade i) por parte do falante: a sustentação do turno, preenchimento de pausas e organização dos pensamentos pelo falante e ii) por parte do ouvinte: orientar e monitorar o falante, durante seu turno, sobre a concordância ou exploração do tópico.

Quando aceitamos tal postulado, compreendemos que os MCs têm uma função para além daquela de organização da produção textual, pois entendemos que neles estão embutidas estratégias que servem para testar a atenção do ouvinte. Urbano (1997, p. 88-89) concebeu-os como colaborativos da manutenção do tópico mesmo sem que apresentem, muitas vezes, conteúdo semântico algum, ou seja, mesmo quando não possuem função referencial. Os marcadores conversacionais com total independência sintática podem ocorrer tanto nos do tipo verbais -lexicados ou não-lexicados como o “né?” ou “certo?”. Nesse direcionamento, Castilho (2000, p. 47), entende que eles se constituem elementos fundamentais para a interação, mesmo sem conteúdo semântico e/ou sintático identificável.

Destacamos, para esta pesquisa, que alguns estudos importantes já foram realizados em ambientes virtuais os quais apresentam gêneros das CMDs, que imbricam a fala e escrita como o *chat* ou *e-mail*, para identificar os marcadores de turnos em gêneros digitais emergentes da conversa face a face assimétrica. Dentre eles, selecionamos os realizados por Silva e Ferreira (2010), pela atualidade e relevância do tema tratado, bem como pela utilização de algumas de suas observações para a análise de *tweets* acerca da necessidade de compreensão da funcionalidade dos marcadores conversacionais na compreensão textual e apreensão de significado produzidos em um ambiente que marca seu gênero, o *chat*, pela transposição da conversa face a face para a escrita. As autoras responderam aos seguintes questionamentos (p. 2): “(1) como os marcadores conversacionais favorecem a compreensão textual no MSN? (2) quais os marcadores iconográficos e onomatopaicos mais utilizados pelos usuários adolescentes? (3) como os marcadores conversacionais possibilitam a coerência do texto? (4) com qual intenção os usuários utilizam esses marcadores? Assim, por objetivo geral buscaram (i): verificar como os marcadores conversacionais favorecem a compreensão textual no MSN Messenger e como objetivos específicos: (i) identificar quais os marcadores são mais utilizados pelas usuárias; (ii) compreender de que maneira os marcadores conversacionais

possibilitam a coerência do texto e (iii) analisar qual a intencionalidade do uso dos *emoticons* e onomatopeias.”

Nesse sentido, observamos nos encadeamentos de turnos observados no exemplo 2, *Tweet 2* (p. 56) deste capítulo, uma simulação escrita de uma conversa face a face com presença de letra maiúscula, que atua como marcador conversacional de reprovação¹⁶.

O trabalho desenvolvido pelas autoras (op. cit.) é de grande importância para este trabalho, uma vez que nossa análise apresentará uma etapa descritiva para tratar das diversas funcionalidades do ambiente *Twitter*, que abriga o gênero específico por nós selecionado, o *tweet* argumentativo, a respeito do qual passamos a discutir.

¹⁶ A respeito de possíveis da funções argumentativas das *emoticons*, trataremos no Capítulo 4 desta pesquisa.

CAPÍTULO 2

As especificidades do gênero *tweet*

2.1 A análise do gênero *tweet* sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista da Linguística Textual

A Linguística Textual (LT) nos é muito cara para a análise do gênero *tweet*, pois acreditamos que a noção de tipologia textual, notadamente pelos postulados de Marcuschi (1983, 1995, 2002, 2008), Koch (2004, entre outros) somados ao conceito de gêneros do discurso de Bakhtin (1992) sustentados pela ideia de dialogismo da linguagem, orientam a observação de que, no ambiente *Twitter*, circula um gênero específico que traz em sua materialização linguística marcas que o constituem a partir de diferentes tipologias textuais. Entretanto, é necessário que reflexões teóricas sobre o conceito de texto sejam de fato aprofundadas para que, a partir deste ponto, possamos analisar o *corpus* selecionado para este trabalho. A posição a respeito dos tipos argumentativo, narrativo, expositivo, injuntivo, descritivo e expositivo é tutelada pelos embasamentos teóricos da LT em sua perspectiva sociocognitiva-interacionista que compreende o texto como uma unidade cujos processos linguísticos configuram-se em situações reais de comunicação. Nessa direção, segundo Marcuschi (2012, p. 29 [1983]),

(...) poderíamos dizer que o texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa.

Tal afirmação considera a análise de um texto em relação a seus aspectos de interação a respeito de seus fatores discursivos de produção, recepção e interpretação, que lhe conferem textualidade em um seu universo cognitivo de ocorrência moldado pelo querer-dizer do locutor. Ainda é com respaldo em Marcuschi (op. cit., p. 33) que entendemos a LT como:

(...) um estudo de operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear: portanto, dos níveis do sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. (Grifos nossos).

A LT, como entendida atualmente, tomou direções diversas na busca de métodos de análise de textos. Nesse sentido, os critérios de textualidade como coesão, coerência, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade (Marcuschi, 2008, p. 96), tornam-se fundamentais para a observação e análise do texto como objeto. São exemplos, as posições de Beaugrande e Dressler (1981), Van Dijk (1977,1995), Halliday (1989), Jean-Michel Adam (1996) e Brandão (2007) conforme passamos em breve a tratar.

Os primeiros compreendem o texto como um ato comunicativo cuja textualidade¹⁷ deve obedecer a alguns critérios, linguísticos e extralinguísticos, que devem ser regidos por mecanismos específicos de atuação que lhes confirmam a coesão e coerência para que se alcancem também os fatores característicos de informatividade, situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade e intertextualidade.

Van Dijk (1977, 1995), por sua vez, segundo as noções gerativistas de organização discursiva atribui ao texto as ideias de estruturas e transformações profundas e superficiais, denominadas respectivamente como macro e micro estruturas textuais.

Para Halliday (1989), o texto configura-se em uma unidade semântica que realiza, na linguagem, um intercâmbio social de significados conforme o contexto interacional.

Também merece menção o posicionamento de Jean-Michel Adam (1996, p. 12, 1992, p. 21-34) que não considera o texto um objeto de análise de fácil identificação e delimitação metodológica e, por considerá-lo um todo heterogêneo composto por sequências que o tipificam, compreende-o como uma entidade e não como uma unidade. A esta observação, complementa que a análise tipológica constitui tão somente um ponto de vista sobre a globalidade textual. Argumenta, ainda, que “como uma configuração regulada por diversos módulos ou subsistemas em constante interação”, um texto é composto e tipificado de acordo com a predominância de sequências de um mesmo tipo, o que não quer dizer que não comporte sequências de outros. Deste modo, por exemplo, em um gênero como a dissertação, encontram-se sequências expo-

¹⁷ Neste momento, cabe uma rápida explicação sobre a diferença conceitual entre textualidade e textualização. Segundo Val (2004, p. 113-114) a interpretação de um texto depende do receptor e do contexto histórico e social ao qual estão inseridos e, assim, “cada texto pode ser textualizado de maneiras diferentes por diferentes ouvintes ou leitores” tornando a textualidade um conjunto de fatores característicos de um texto e a textualização um processo realizado para e durante a compreensão e interpretação de um texto.

sitivas e descritivas, podendo ocorrer até mesmo sequências narrativas, que se articulam como argumentativas, visto este gênero busca não somente a exposição de uma opinião, mas sua defesa. (Adam, 1992, p. 21-34)

Por fim, já no início do século XXI, trazemos o conceito de texto segundo Brandão (2007, p. 157) e ao qual filiamos esta pesquisa:

Se os fatos da linguagem têm caráter social, o processo/produto pelo qual se dá a interação entre os interlocutores é o texto. O texto está, pois, ligado a uma situação material concreta, como igualmente a um contexto mais amplo, que configura as condições de vida de uma dada comunidade linguística.

Essa definição afasta o entendimento da estrutura da língua como “fator único para a produção, estabilidade e funcionamento do texto” conforme já observou Marcuschi (2012, p. 30 [1983]) e desloca sua análise para a observação de complexos mapeamentos cognitivos que devem ser levados em consideração na sua produção, recepção e interpretação. Procedimento que se funda no posicionamento atual da LT, atribui fatores linguísticos e extralinguísticos à construção textual, extrapolando, assim, estudos focalizados na organização morfossintática e restritos à análise da frase, constructos teóricos, evolutivos e característicos da fase inicial e de consolidação da Linguística de Texto como disciplina.

No Brasil, Marcuschi tornou-se, a partir da década de 1980, o precursor dos estudos sobre a LT ao tratar do conceito de texto e da atuação da disciplina a partir de elementos semânticos e contextuais em diferentes situações comunicativas. Pode-se afirmar, sem receio, que foi por meio de sua obra intitulada “Linguística de Texto: o que é e como se faz?”, (1983), que importantes linguistas brasileiros, principalmente Koch (2004, entre outros), Fávero (2002 e 2003), Travaglia (1989, 1990, 1992), Brandão (1998, 2002, 2005, 2007, entre outros), por exemplo, desenvolveram seus trabalhos.

No entanto, a constatação de mudanças de percurso analítico da LT não constitui uma aparente fragilidade de aportes teóricos utilizados como embasamento de estudos da Teoria do Texto, já que cada etapa contribuiu sucessiva e progressivamente para a consolidação da disciplina. Basta notar que as análises advindas do estruturalismo e das gramáticas textuais concorreram para a confirmação de que um texto é um todo – e não somente uma sequência de

frases e enunciados – composto de unidades linguísticas diferentes que podem ser classificadas sem concorrerem em relação somatória para a configuração da unidade linguística que o perfaz. Segundo Koch (2011), o texto possui propriedades específicas que identificam elementos de produção e de recepção como fatores decisivos para a não aceitação de um texto como um produto pronto e acabado.

Assim, como salienta Marcuschi (2008 [1983]), a LT capta para si a noção de interdisciplinaridade, dinamicidade, funcionalidade e processualidade, uma vez que a estes conceitos está embutida a percepção da produção textual constituir-se em uma atividade verbal que pressupõe interação que julga parte do texto tanto seus aspectos interiores como exteriores.

Baseada nos conceitos de referenciação, inferenciação, conhecimento prévio, tratamento da oralidade – principalmente no que tange à relação oralidade/escrita – e aos estudos que tenham por escopo os gêneros textuais a partir dos preceitos bakhtinianos que colocam o texto em uma dimensão discursiva, Koch (2005, p. 33-52) ainda registra a ênfase das análises sobre os processos de organização global dos textos, bem como a importância de questões relativas ao ordenamento sociocognitivista-interacionista. Para tanto, assinala três conceitos que merecem nossas observações:

- o de referenciação, acerca da criação de “objetos-de-discurso”, anáfora associativa, operações de nominalização e suas funções que tenham por finalidade a análise da referenciação como atividade discursiva que a dimensiona como uma questão relacionada às operações efetuadas pelos sujeitos envolvidos durante o desenvolvimento de um discurso que constrói objetos aos quais faz remissão;
- o de texto falado que, por envolver questões de ordem sociocognitiva e interacional, ultrapassa os limites da Análise da Conversação (Koch, Oesterreicher (1990);
- o de gêneros que, a partir da perspectiva bakhtiniana, autores da Escola Norte-Americana como Miller, Freedman, Coe e Bazerman; da Escola Francesa, como Jean-Michel –Adam (1993) têm desenvolvido estudos importantes. Assinala ainda a importância do grupo de Ciências da Educação da Universidade de Genebra que, nas figuras dos pesquisadores Schneuwly, Joachim Dolz e Jean-Paul-Bronckart, desenvolve releituras didáticas a partir do conceito de gêneros do discurso estabelecido por Bakhtin (1953).

Neste sentido, a autora aponta que, para este grupo, os gêneros representam suportes das atividades de linguagem a partir de três perspectivas de observação: i) “os conteúdos e os conhecimentos que se tornam divisíveis a partir dele”, (ii) “os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes a um determinado gênero e (iii) “as configurações específicas de unidades de linguagem, traços e, principalmente, da posição enunciativa do enunciador, bem como dos conjuntos particulares de sequências textuais e tipos discursivos que formam sua estrutura”, (Koch, op. cit., p. 15) estabelecendo a distinção entre gêneros, tipos discursivos e sequências textuais (narrativas, expositivas e argumentativas) como sendo aquelas formadoras de esquemas básicos que constituem linguisticamente os diversos gêneros e variáveis em função das circunstâncias sociais de comunicação, mas que, em comparação com os gêneros, têm um menor grau de variabilidade que o caracterizam, linguisticamente, sob a ótica de uma heterogeneidade tipológica circunscrita às práticas de linguagem e suas finalidades específicas, fato que, ao mesmo tempo, confere ao gênero uma certa estabilidade de uso.

Estudar as operações linguísticas e cognitivas que materializam o discurso no texto, abarcam, portanto, análises que devem considerá-lo como um ato de comunicação humana realizado na e no uso da língua e que possui aspectos internos e externos por meio de manifestações linguísticas as quais lhe confere aspectos lineares e não-lineares apreendidos em sua funcionalidade na busca de um sentido. Trata-se, portanto, de um processo que deve respeitar a observação dos critérios de textualidade e dos mecanismos textuais como do sistema de pressuposições e implicações do nível pragmático da construção de sentido no plano das ações como orientação do direcionamento discursivo.

Em se tratando do objeto desta pesquisa ser um gênero digital emergente, tal definição é importante para criarmos, a partir das observações relativas às especificidades das marcas linguísticas, bem como da não-necessidade de linearidade na construção de um sentido típicas de gêneros digitais, categorias de análise que contemplem questões referentes à coerência textual, muitas vezes, não diretamente ligadas à presença de elementos coesivos.

Para tanto, no caso particular do gênero sob análise, o *tweet*, cuja delimitação espacial constitui importante fator de organização textual e de orientação discursiva, observações e aná-

lises acerca da funcionalidade dos critérios de textualidade, como argumentatividade, coesão e coerência, fazem-se necessárias e, a respeito deles, passamos a tratar, para que, em seguida, discutamos as possibilidades de construção tipológica de um *tweet*, levando em consideração a perspectiva sociocognitiva da LT, bem como a orientação argumentativa que nos permitem identificar esse gênero sob análise a partir de sua tipologia argumentativa.

2.2 Sobre o conceito e funcionalidade dos mecanismos textuais – os critérios linguísticos de textualidade: argumentatividade, coesão e coerência

2.2.1 Argumentatividade como critério de textualidade e orientação argumentativa

Tendo em vista os fundamentos bakhtinianos que compreendem a linguagem como uma atividade social aforada por seus aspectos interativos e funcionais, a perspectiva sociocognitivo-interacionista da Linguística Textual entende a linguagem como o “lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos” (Koch, 2004, p. 7-8). A respeito disso, ao recorrer a Bakhtin (1992), Marcuschi (2005, p. 22) afirma que estes “tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos”.

Fiorin (2007, p. 11), ao tratar da concepção de discurso, define-o como sendo “combinações de elementos linguísticos usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar o mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo” que permite ao interlocutor, quando interage socialmente, exercer sua influência sobre seu próprio agir e sobre o agir do outro.

Segundo Koch (2002), pode-se afirmar que a neutralidade discursiva é inexistente, uma vez que a argumentatividade faz-se presente mesmos naqueles discursos objetivos e aparentemente não dotados de argumentação. Desse modo, a “linguagem é essencialmente argumentativa” (Koch, 2007, p. 29) pois é ação, é o agir sobre o outro e sobre si mesmo a partir de intencionalidade e ideologias subjetivas. Ainda para pesquisadora (1999, p. 19), o discurso ideológico é “ato linguístico fundamental” e, a partir da aceitação da argumentatividade como uma imanência discursiva, é possível analisar sua inscrição na materialidade linguística.

Nesse sentido, Amossy (2009, p. 254), esclarece que:

(...) a argumentatividade constitui uma característica inerente do discurso. A natureza argumentativa do discurso não implica o uso de argumentos formais, nem significa impor uma ordem sequencial premissa-conclusão num texto oral ou escrito. Orientar o modo como a realidade é percebida, influenciar um ponto de vista e direccionar um comportamento são acções desempenhadas por toda um espectro de meios verbais. Desta perspectiva, a argumentação está totalmente integrada no domínio dos estudos da linguagem (AMOSSY, 2009, p. 254).

Isto porque, nem sempre o ato de tomar a palavra tem por objetivo a aprovação de uma tese (Peremlam e Olbrechts-Tyteca, (2005) [1958]) mas sempre “acaba por exercer alguma influência, orientando maneiras de ver e de pensar” (Amossy, 2007, p. 122).

Tal influência, quando exercida em um texto escrito, busca efetivar uma orientação argumentativa por meio de marcas linguísticas e, já por hipótese, não linguísticas, de elementos de coesão referenciais e sequenciais. Buscam, no conhecimento prévio do interlocutor, informações compartilhadas culturalmente, direcioná-lo para um sentido, que, como veremos no Capítulo 3 deste trabalho, não necessita ser, obrigatoriamente uma conclusão, ou aprovação de uma tese, mas somente a marcação de um ponto de vista.

No que se refere à relação oralidade/escrita, Koch (2011) fundamenta-se na teoria dos gêneros bakhtiniana, para inserir um texto em uma dimensão discursiva e, para tal, considera que os processos de organização global dos textos estrutura-se a partir dos conceitos de coesão e coerência pautados nas concepções de referenciação, inferenciação, conhecimento prévio e tratamento da oralidade.

Nessa direção, as operações realizadas pelos locutores envolvidos em uma atividade discursiva na qual pretendem construir sentidos, dependem dos conceitos enumerados acima. No que diz respeito à referenciação, afirma que esta se configura na “introdução, no texto, de novas entidades ou referentes” (Koch, 2007, p. 123) e que “Os objetos não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constroem-na no próprio processo de interação” (Koch, 2005, p. 33).

Nos itens a seguir, discutimos os processos de funcionamento da coesão e da coerência e as possibilidades de construção tipológicas de um *tweet* levando em consideração a perspectiva

sociocognitiva da LT, bem como a orientação argumentativa que nos permite identificar esse gênero sob análise a partir de sua tipologia textual.

2.2.2 A coesão textual

Por entendermos nosso objeto de pesquisa, o *tweet*, com o um gênero textual digital emergente, quando recorremos a Marcuschi (2008, 2012[1983]) e fundamentamo-nos nos estudos de Crystal (2001) a respeito das características de materialização linguística comuns referentes aos gêneros que circulam na mídia eletrônica, a noção de não-linearidade estabelecida pela ausência de elementos coesivos configura-se em uma regra genérica.

Como salientamos no capítulo anterior (p. 64) desta pesquisa, Marcuschi (2002) observa que a materialização linguística dos gêneros digitais emergentes dá-se do ponto de vista da linguagem e do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem. Assim, estabelece que:

- “Do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto quanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética;
- do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
- do ponto de vista dos gêneros realizados, a *internet* transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é inconteste: a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua essencial.” (op. cit., p. 199). (Grifos nossos)

A aparente confusão estabelecida pela proximidade do *continuum* fala/escrita que permeia as comunicações mediadas pelo computador podem, em um primeiro momento, estabelecer conceitos prévios, mas nem sempre verdadeiros, quanto à ausência de elementos conectivos como causadores de elaboração de textos não organizados. Uma vez que a noção de progressão textual está subjacente ao conceito de coesão, ou seja, está relacionada aos aspectos estruturantes do texto, recorremos às posições propostas por Koch (2010), acerca do estabelecimento de dois tipos de coesão: a sequencial e a referencial.

Nesse contexto, a autora (op. cit., p. 53), entendeu a coesão sequencial como aquela em que

(...) procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelece, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir.

E por coesão referencial (op. cit., p. 31)

(...) um componente da superfície do texto faz remissão a outro (s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro, denomino forma remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referência textual.

Trazemos esses conceitos para que estabeleçamos no *tweet*, a possibilidade de existência de elementos coesivos especificamente materializados de acordo com critérios categóricos já estabelecidos pela LT sociocognitiva-interacionista. Assim, a progressão textual, a qual está subjacente ao conceito de coesão sequencial por estar relacionada aos aspectos estruturantes do texto, é compreendida a partir do processo que se configura na imbricação da atividade de construção coerente de sentido em uma atividade discursiva. Isto porque, é mediante a teoria sociocognitiva-interacionista que os processos de organização global dos textos em geral estão sujeitos à análise de fatores como a coesão e a coerência relacionados aos seus aspectos semânticos e contextuais relativos ao ordenamento que lhes permeia a construção de sentido. Para a autora (op. cit.), as funções de coesão referencial têm por objetivo recuperar referentes a partir da recategorização de elementos presentes na memória discursiva e contribuir para a construção de sentidos.

No mesmo sentido, Marcuschi (2008, p. 93-132 [1983]) estabelece critérios de textualidade a partir de proposições tradicionais da LT e, em conformidade com sua perspectiva teórica, compreende o texto como uma unidade comunicativa e não um “conjunto aleatório de frases, nem (...) uma sequência em qualquer ordem”, devendo, portanto, ser considerado como um evento concreto de materialização linguística do discurso. Salienta que tais fatores são contextuais e imbrincados e, a partir de sua concepção de realização linguística, não devem ser tomados como categorias estanques uma vez que são indivisíveis e não obedecem a critérios meramente formais.

Acreditamos, contudo, ser importante demarcar, conforme nos lembra Marcuschi (2012 [1983]), que ainda na década de 80, estabeleceram-se algumas categorias genéricas e provisórias

de análise de textos com o objetivo de ajustá-la ao ensino da Língua Portuguesa. Embasando-se em posições de Beaugrande e Dressler (1981), Beaugrande (1980a) e Harweg (1978 e 1974) e, de acordo com a perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT, o linguista brasileiro definiu algumas categorias a partir da concepção de texto como sendo “sempre situacionalmente condicionado” e, reconhecendo que apesar de uma “língua não ter regras para a combinação de sentenças” e que “nas línguas que conhecemos há uma série de regras que se aplicam nos textos”, compreendeu tais categorias como funcionais, dividindo-as em quatro blocos de observação de fatores linguísticos e extralinguísticos: fatores de contextualização, de conexão sequencial (coesão), de conexão conceitual-cognitiva (coerência) e de fatores de ações (pragmática), (op. cit., p. 36-38).

Apesar de o texto ser uma unidade comunicativa concreta e atual, não se podendo, portanto, analisá-lo como um fenômeno abstrato, nem por critérios intuitivos, o pesquisador brasileiro salientou que as teorias deveriam ser frutos de observações concretas. Assim, ressaltou que sua metodologia embasou-se em construções teóricas que se concretizavam nos textos, a partir da representação de “um sistema abstrato de relações ou funções observáveis e em *corpora* concretos.” (op. cit., p. 37).

Recorremos ao termo *sistematização*, uma vez, que em sua obra precursora acerca da LT no Brasil, Marcuschi (2008 [1983]) já se referiu à possibilidade de não materialização linguística de elementos de coesão sequencial como mecanismos de compreensão textual, indicando a necessidade, portanto, de elementos contextuais materializados linguisticamente nos enunciados produzidos. Desse modo, há situações em que as recuperações se constituem na própria sequência e outras, em que se constituem de acordo com os contextos, como o caso de gêneros textuais da oralidade.

Para Marcuschi (2008, p. 96 [1983]), tais critérios distribuem-se de acordo com o seguinte esquema representado pela Figura 1:

FIGURA 1 – Critérios de textualidade

Fonte: Marcuschi, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 96.

Nesse sentido, e de acordo com a classificação proposta pelo autor (2008, p. 109-118 [1983]), tem-se como formas de coesão referenciais:

TABELA 4 – Formas de Coesão textuais

Remissivas não referenciais:	Artigos
	Pronomes adjetivos
	Numerais ordinais
	Numerais cardinais
	Pronomes pessoais
	Pronomes substantivos
	Advérbios pronominais
	Pró-formas verbais

Remissivas referenciais:	Sinônimos
	Hiperônimos
	Nomes genéricos
	Grupos nominais
	Nominalizações
	Elementos metalinguísticos
	Elipses

Referencias pronominais:	Endófora (coerência resolvida na iminência contextual)
	■ Anáfora (retrospectiva)
	■ Catáfora (prospectivas)
	Exófora (referência a um elemento contextual, externo ao texto)

TABELA 5 – Formas de Coesão sequencial

Parafrástica:	Repetição lexical
	Paralelismos
	Paráfrases
	Recorrência de tempo verbal

Sequenciação frástica:	Progressão temática
	Encadeamento por justaposição
	(marcadores espaciais e conversacionais)
	Encadeamento por conexões
	(relações lógico-semânticos e argumentativas)

TABELA 6 – Esquemas dos processos de coesão sequencial

Operadores argumentativos:	Oposição
	Causa
	Fim
	Condição
	Conclusão
	Adição
	Disjunção
	Exclusão
	Comparação

Operadores organizacionais:	De espaço e tempo textual
	Metalinguísticos

Por se tratarem de categorias de análise amplamente estudadas, entendemos que a exposição dos elementos em questão, configura-se essencial para a análise do *corpus* desta pesquisa. No que tange a uma aparente facilidade de identificação dos elementos de coesão sequencial, a generalização acerca da não-linearidade dos gêneros textuais pode se configurar em função de uma ausência ou dificuldade de reconhecimento desses elementos, uma vez que, como já apontamos, Marcuschi (op. cit., p. 199) observou que, em relação à organização textual dos gêneros textuais digitais, “temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto quanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética”. (Capítulo 1, p. 64) e (Capítulo 2, p. 80)

De acordo com o exposto, neste momento julgamos procedente analisarmos, sob o critério da coesão sequencial, os elementos presentes nas relações de sequenciação frásticas – nas quais, segundo Koch (2010), o encadeamento sucessivo de enunciados efetiva-se por meio de marcas linguísticas que os interligam sob uma mesma relação. Por entendermos que os processos de consubstanciação de tais elementos no gênero textual digital *tweet* sejam mais comple-

xos e específicos do que os realizados em outros gêneros textuais, digitais ou não, e, inscrevendo-nos na perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT, examinaremos questões acerca da realização da progressão textual fundada na relação tema/rema, uma vez que esta configura-se em procedimento de organização textual no qual, por meio de recursos linguísticos, sinalizam o caminho da construção de sentido pretendida pelo locutor.

Nesse direcionamento, acreditamos que a necessidade de se manter o interlocutor ciente desse caminho a ser percorrido durante a interação, leve o locutor a estruturar seu texto de forma linear e coerente a partir do acesso a experiências individuais prévias que, realizado por meio de remissões textuais, as quais, segundo Koch (2005, p. 35), têm por objetivo “imprimir aos enunciados em que se inserem, bem como ao texto como um todo, orientações argumentativas conformes à proposta enunciativa do seu produtor” .

A partir desses posicionamentos, podemos afirmar que, além da coesão sequencial frásica, como ressaltado por Marcuschi (2008 [1983]), a referenciação também se constitui em importante recurso de progressão textual e que, por meio dela, seja pelas análises linguísticas ou não-linguísticas, é possível identificar a orientação argumentativa do enunciado.

Diante do que acabamos de expor, examinamos a seguir, a progressão textual que se estabelece pela progressão temática, para que, assim, possamos nos deter à observação dos elementos linguísticos e não-linguísticos que concorram para instituição da relação tema/rema que entendemos ser fundamental para a posterior análise do *corpus* que selecionamos.

2.2.2.1 A progressão textual e a relação tema/rema

Segundo Olioni (2007, p. 42), o procedimento de organização textual é realizado por dois sistemas distintos e complementares: a estrutura temática, fundada na relação tema/rema e nas funções de Informação Dada – elemento de conhecimento mútuo e recuperável contextualmente – e Informação Nova – elemento central da informação e não recuperável contextualmente, uma vez que não foi expresso previamente.

Sob tal aspecto, o autor (op. cit., p. 132) estabelece uma relação entre a estrutura temática e a estrutura informacional e salienta que, na maioria dos casos de ordem canônica, tais estru-

turas são coincidentes expressando-se em: a) Tema e Informação Dada e b) Rema e Informação Nova. Ressalva, no entanto, que esta ordem pode ser subvertida e aponta que

Se a oração é estruturada como duas unidades de informação, numa ordem não marcada, geralmente o limite entre Estrutura Temática e Estrutura de Informação (...) coincide. Por outro lado, pode acontecer de o falante/escritor optar por uma Informação Nova em posição temática e Informação Dada em posição de Rema (...). Conforme Halliday (2004), na escrita é mais difícil variar a relação Tema e Dada, sendo que, na maioria dos casos, essas duas funções são realizadas pelo mesmo constituinte; o mesmo procedimento ocorre entre Rema e Nova, realizados pelo restante da oração.

Marcuschi (2008 [1983]) categoriza a progressão temática como um elemento de coesão sequencial frástica, na qual notamos que a ideia de progressão firma-se na relação de continuidade entre os enunciados presentes em um texto. Tanto os mecanismos de progressão sequencial parafrásticos, como os de progressão frásticos – a manutenção temática, a progressão temática, a progressão tópica¹⁸ e os diversos tipos de encadeamento¹⁹ – realizam-se com ou sem a presença de elementos recorrentes, ou seja, pela reiteração de elementos e formas linguísticos.

Em relação ao funcionamento dos recursos de progressão sequencial parafrásticos, Koch e Elias (2009, p. 159) observam que

Há um conjunto de recursos que, mesmo fazendo o texto avançar, realizam algum tipo de recorrência, de modo a produzir um efeito de insistência, que temos denominado informalmente de “estratégia da ‘água mole em pedra dura’”.

As autoras (op. cit., p. 161, 176) listam como mecanismos, as repetições, as paráfrases, os paralelismos, os recursos fonológicos (segmentais e suprasegmentais) e a recorrência de tempos verbais. Além disso, observam (op. cit., p. 176), também, que a sequenciação pode se constituir sem a recorrência “*strictu sensu*, ou seja, para que a progressão se configure de forma mais direta.

¹⁸ As autoras (op. cit.) compreendem como tópico, o tema na modalidade falada da língua.

¹⁹ Os encadeamentos constituem-se, por sua vez, recursos de manutenção temática que estabelecem as relações de sentido que se pretende estabelecer. Desse modo, podem ocorrer por justaposição, ou seja, sem a presença de um conectivo, ou por conexão, quando da presença de “conectores, palavras ou partículas de ligação, operadores discursivos, articuladores textuais” (Koch e Elias, op. cit., p. 187).

Por manutenção temática, asseveram (op. cit., p. 176, 177) que a construção da coerência textual deve observar a relevância de todos os enunciados presentes em um texto, para que, dessa forma, ocorra a manutenção do tema. Nesse sentido:

Para construir um texto coerente é necessário que todos os seus enunciados sejam relevantes para a manutenção do tema em desenvolvimento. Uma das formas de garantir isso é o uso de termos que pertençam a um mesmo campo lexical ou, em termos cognitivos, que façam parte de um mesmo conjunto de conhecimento de mundo (modelo cognitivo) que temos representados na memória.

Em relação à progressão temática, as pesquisadoras estabelecem como critério de avanço textual, a relação tema/remata. Por tema, entendem o “elemento já conhecido do leitor sobre o qual se vai dizer alguma coisa” e, por remata, como sendo “aquilo que se diz a respeito do tema” (op. cit., p. 178-182).

Assim, na sucessão de enunciados, pode ocorrer mais de uma configuração dessa relação apresentada conforme vê-se a seguir:

- Progressão com tema constante – muito comum em textos descritivos, o mesmo tema mantém-se em enunciados sucessivos.
- Progressão linear – em que o remata do enunciado anterior torna-se o tema do seguinte.
- Progressão com divisão de tema – responsável pela focalização temática, ocorre quando o tema do primeiro enunciado subdivide-se nos temas subsequentes e responsável pela focalização temática.
- Progressão com divisão de remata – na qual o remata do primeiro enunciado fragmenta-se de modo a constituir o tema do enunciado seguinte. Nesse caso, a focalização ocorre no conteúdo remático.

Desse modo, Koch e Elias (2009) salientam que na recuperação de elementos que garantam a continuidade temática dada ausência de elementos recorrentes, a sequenciação funda-se pela progressão temática estabelecida pela relação tema/remata (este como comentário), tanto pelo encadeamento, como pela continuidade tópica.

Em relação aos mecanismos de manutenção temática, Koch (2010, p. 62-66) afirma que

A manutenção do tema, isto é, a continuidade sentidos do texto é garantida, em grande parte, pelo uso de termos pertencentes a um mesmo campo lexical (continuidade semântica ou ‘colocação’, segundo Halliday e Hasan, 1976).

A autora ressalta, ainda, que a progressão temática está ligada a um esquema cognitivo que é ativado na memória do interlocutor, para que outros elementos do texto sejam interpretados e compreendidos dentro desse mesmo sistema. Isto possibilita que se avance em relação às perspectivas relativas à sequência textual, de modo a evitar ambiguidades. Nesse processo, a progressão temática atua como um mecanismo de sequenciação frástica e que se articula sob a forma tema/rema. (Grifos nossos).

Nessas unidades semânticas, o tema como um tópico ou dado e o rema, como foco ou comentário, operam como “blocos comunicativos” (Koch, op. cit., pág. 63), que, segundo a autora, ocorrem sob duas perspectivas:

- “a perspectiva oracional, que considera tema aquilo que se toma como base da comunicação, aquilo do que se fala, e rema, o cerne da contribuição, aquilo que se diz sobre o tema, não havendo, aqui, coincidência necessária entre tema e dado, rema e novo;
- a perspectiva contextual, que vê no tema a informação contextualmente deduzível e, no rema, a informação nova, desconhecida, não deduzível. A esta última interessa, pois, a estrutura informacional do texto, particularmente, os meios linguísticos para a caracterização sintática superficial do texto.” (Koch, 2010, p. 63)

Destacamos, novamente, que o presente trabalho tem por objetivo discutir a partir da concepção de *tweet* como gênero textual digital, seu funcionamento argumentativo particularizado pela delimitação de sua produção escrita de até cento e quarenta caracteres. Em razão de não se separar a realização discursivo-textual de seu contexto específico de produção e, de acordo com a LT de perspectiva sociocognitiva-interacionista, reflexões sobre a construção da coerência como elemento de textualidade também são necessárias para que se estabeleça a relação tema/rema, assim como a distinção de tema e assunto, sendo este, um significado amplo e genérico e que pode ser desdobrado em temas.

Nesse direcionamento, trazemos um exemplo *tweet* selecionado do *corpus* desta pesquisa para que observemos a possibilidade de promoção de progressão sequencial parafrástica, a partir da relação tema/rema por meio de recursos não-linguísticos, como o uso das *hashtags*.

Vejamos:

EXEMPLO 3

Tweet 3 – A hashtag como rema/comentário

Primeiramente, anotamos que o *tweet* sob análise constitui-se de duas unidades enunciativas. A primeira, composta pelo enunciado “HOMEM-GATO morreu!!!”, e a segunda, pela *hashtag* “genteestranhavaiproceu?”. Dessa forma, para efeitos de análise, denominaremos a primeira como E1 e a segunda como E2.

Observa-se em E1, conforme anotado por Santos (2010) que a imbricação entre fala e escrita dá-se pela integração de letras maiúsculas em “HOMEM-GATO” que, em contraposição com o verbo “morreu”, em letras minúsculas, configura-se em uma natureza enunciativa comum do meio, caracterizada pela ênfase, do que se quer destacado, seja por admiração, aprovação, reprovação ou surpresa.

No estudos de Marcuschi (2008, p. 199), acerca das características linguísticas comuns aos gêneros textuais digitais, notamos que E2 pode configurar-se em um estranhamento à medida que se caracteriza por uma estrutura frasal pouco ortodoxa, uma vez que não há espaçamento entre as palavras que a compõem. Além disso, é precedida por um símbolo (#) que se integra como uma semiose específica desse meio, denominada, em sua totalidade (símbolo + frase sem espaçamento entre as palavras) *hashtag*.

Diante da observação do *tweet*, aparentemente não há relação de coesão sequencial entre E1, (um enunciado de simples identificação) e E2, (um enunciado estranho, por ser específico) por não haver elementos de coesão textual referenciais explícitos de nenhuma ordem, tampouco elementos de coesão textual sequenciadores explícitos. Notamos, no entanto, que a *hashtag*

constitui-se, no contexto, um enunciado e, como tal, contribui para a construção de sentido do gênero. Desse modo, aplicando o conceito de Koch e Elias (2009) acerca da sequenciação sem elementos recorrentes, bem como os apontamentos de Olioni (2007) e Koch (2010, p. 63) sobre as perspectivas que circulam a definição dos conceitos de tema e rema, compreende-se E2 como o rema; um comentário²⁰ ou “o cerne da contribuição, aquilo que se diz sobre o tema, não havendo aqui, coincidência necessária entre tema e dado, rema e novo.”

Nesse sentido, há a presença de elemento coesivo, constituído no próprio enunciado de E2, e que, assim, faz deste *tweet*, um texto linear por dar sequenciamento aos enunciados.

Considerações sobre as observações efetuadas no *Tweet 3*

No exemplo acima, o sentido da *hashtag*, assim como do primeiro enunciado, somente foi recuperado por que entendemos, contextualmente, que esse elemento não-linguístico pertence ao ambiente *Twitter*. Nesse direcionamento, a compreensão desse mesmo elemento como coesivo, deu-se pela construção de sentido baseada na percepção de uma conexão conceitual-cognitiva – a coerência. Assim sendo, no item a seguir, examinaremos com mais propriedade o conceito e construção desse critério textual é tão caro para nossa pesquisa.

2.2.3 A coerência

No tocante ao fator coerência, Marcuschi (2012, p. 22-23 [1983]), aponta para duas alternativas decorrentes de posições distintas da definição de texto. São elas:

- a) A coerência estabelecida na relação das estruturas internas do texto e inserida na relação entre as sequências e, conseqüentemente, entre as sentenças de um texto.
- b) A coerência estabelecida na estrutura comunicativa do texto e não determinada lógico-sintaticamente e sim tematicamente.
- c) A coerência que considera critérios temáticos ou transcendentais ao sistema e que o considera como uma unidade em uso ou unidade comunicativa.

²⁰ No Capítulo 4 desta pesquisa, retomamos o mesmo *tweet* para estudarmos as estratégias argumentativas.

- d) A coerência que parte de critérios internos ao texto e que o observa do ponto de vista imanente ao sistema linguístico.

Quando o autor (op. cit., p. 23) define o texto a partir da imanência do sistema linguístico, como no primeiro caso, considera-se que o mesmo seja “uma sequência coerente de sentenças (...)”. Destaca que sob tal perspectiva, sequência é a necessidade de haver um conjunto linear composto por sentenças e que a coerência estabelece-se nessas relações. Sob tal acepção, os aspectos sintáticos e morfológicos são fundamentais para a elaboração de textos coerentes enquanto critérios cognitivos-conceituais e pragmáticos. Outra consequência desse posicionamento é a não consideração de haver no texto uma estrutura de superfície – determinada pelo sistema linguístico, e uma estrutura profunda – determinada por critérios cognitivos e pragmáticos.

Sob tal direcionamento, autores como Beaugrande e Dressler (1981), Marcuschi (1983), Koch e Travaglia (1990, p. 21), Charolles (1979, p. 81) e Van Dijk e Kintsch (1983), tratam a coerência, aproximadamente, sob o mesmo argumento: o de que é construída entre texto e falantes, em uma situação concreta de uso, que busca sentidos por meio de uma rede complexa de fatores linguísticos, cognitivos e interacionais, ligada ao princípio da interpretabilidade, inserido em um contexto comunicativo no qual o interlocutor tenha condições de acessar um sentido. Van Dijk e Kintsch (1983), quando, especificamente, tratam da coerência local e da coerência global, respectivamente relacionadas às unidades textuais, como frases ou sequências de frases – microestruturas – e totalidade concentrada na unidade de sentido – macroestrutura – apontam como possibilidades:

- A coerência semântica: enquanto relação entre significados dos elementos das frases em sequência em um texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também configuram a coerência semântica;
- Coerência sintática: correspondente aos meios sintáticos utilizados para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos, etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência; (grifos nossos)

- Coerência estilística: relacionada à utilização de elementos linguísticos, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases, etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro. Seria o caso, por exemplo, do uso de expressões em textos acadêmicos, sobretudo orais como: “*se me permitem o termo*’ etc.”;
- Coerência pragmática: quando o texto é visto como uma sequência de atos de fala que se relacionam de modo a satisfazer as condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência opera como critério linguístico de textualidade, uma vez que a existência e a constituição de um texto em sua globalidade estão relacionadas à possibilidade de uma sequência linguística qualquer configurar-se em uma totalidade de sentido para o qual concorrem marcas linguísticas como “morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc.” (Canonic, 1999, p. 28). Essas marcas permitem que, na construção de sentidos do texto, o interlocutor as considere como uma “unidade significativa global”. Assim, defendem Beaugrande e Dressler (1981, p. 45) “(...) é a coerência que dá textura ou textualidade à sequência linguística, entendendo-se por textura ou textualidade, aquilo que converte uma sequência linguística do texto”.

Observamos que, neste sentido, tanto Koch e Travaglia (1990), como Marcuschi (1995) apontam que “há textos sem (aparente) coesão cuja textualidade ocorre no nível da coerência” uma vez que estes fatores linguísticos estão intimamente relacionados à construção de um sentido. Mesmo que as marcas linguísticas coesivas não apareçam em um texto, de alguma forma estão presentes, uma vez que é a coesão que permite ao interlocutor construir a coerência que dá significado a um texto e que não está nele inserida. Igualmente nesta concepção, convergem os estudos dos autores quando apontam que não se pode afirmar que um texto seja incoerente em si, uma vez que se deve levar em consideração a situação comunicativa a qual está circunscrito, bem como as conseqüentes condições de receptividade em sua construção de sentidos. Nessa direção, as autoras (op. cit., p. 63) finalizam que “é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o nosso conhecimento de mundo”.

Especificamente no que tange ao processo de construção de sentido textual, o linguista Van Dijk (1983, 1992, 2012) trouxe à disciplina grandes contribuições teóricas que são importantes retomarmos. Isto porque, ao tratar das estratégias que operam na compreensão textual,

estabelece que a coerência situa-se no entendimento do contexto que é retomado e reorganizado nas interações a partir de modelos mentais de expectativas entre os interlocutores.

Diante disso, apreciaremos a seguir, as contribuições do pesquisador por compreendermos que seus posicionamentos são particularmente importantes para a construção desse critério de textualidade.

2.2.3.1 As contribuições de Van Dijk: os modelos mentais na construção da coerência

Ao tratar dos *modelos mentais*, Van Dijk²¹ recorreu aos seus postulados em conjunto com Kintsch (1983, 1985) acerca das operações estratégicas a que recorre um interlocutor para construir uma compreensão textual. Neste sentido, um texto mostra-se coerente pela compreensão de uma situação contextual na qual estão em jogo as informações de diversas ordens, quer sejam linguísticas (morfológicas, sintáticas, semânticas, etc.), cognitivas (memória episódica autobiográfica, conhecimento semântico genérico, conhecimento prévio que permite o reconhecimento de um texto, etc.), contextuais (situacionais, interacionais, pragmáticas, etc.) que, ao serem acessadas, formam, a partir das informações disponíveis relevantes, um modelo que identifica o discurso como uma construção mental de uma realidade subjetiva por meio de formulação de hipóteses relativas sobre a estrutura e significado de um texto²². O estudioso ressalta ainda que a construção de um modelo mental requer muito conhecimento de mundo por parte do interlocutor e, recorrendo à imagem de um *iceberg*, compreende que a maioria das informações necessárias para a construção de um sentido do texto está em um modelo mental de cada interlocutor, sendo, portanto, subjetivo. Desse modo, a parte visível na metáfora estabelecida é a referente ao discurso, enquanto a invisível, ou submersa, é o conhecimento de mundo de cada um. Assim, a ideia de modelo mental é constituída por discurso e conhecimento de mundo.

Assim, a estrutura do conhecimento é entendida por meio de *scripts*, que se constituem como um conjunto de conhecimentos prévios que colaboram na compreensão de uma atividade cotidiana e nos modelos mentais que, por serem subjetivos, diferenciam cada interpretação

²¹ Em conferência realizada em 26/11/2012, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo, intitulada “Discurso e Conhecimento”.

²² Apontamos, novamente que, neste trabalho, texto é compreendido como a materialização discursiva.

textual/discursiva. Por isso, a noção de contexto, então, adquire importância fundamental, pois pode ser identificada como uma totalidade que agrega determinada situação comunicativa e a construção dos mapas mentais subjetivos de cada participante de um discurso, constituindo-se em representações temporais; lugar, identidade e papéis dos participantes e conhecimento, agora entendido como a construção de um saber sobre o conhecimento do outro.

Em tal direcionamento, o pesquisador dá a dimensão pragmática do discurso, uma vez que a ideia de adequação, ou seja, a necessidade de tornar um discurso adequado, consiste na primeira lei de observância de construção da coerência discursiva. Como exemplo, afirma que dizer “bom dia” ou “boa tarde”, já localiza o interlocutor em relação aos elementos contextuais selecionados.

Segundo Van Dijk (2012), o discurso é a fonte principal de conhecimento e, neste ponto, traz ao centro das discussões as relações entre Linguística e Conhecimento, tão importantes para esta pesquisa. Assinala que as relações semânticas que estabelecem a estrutura de uma oração, principalmente naquelas verificadas no conhecimento de um dado novo e no estabelecimento de um tópico, quando se tem como exemplo o enunciado: João foi à Holanda. Em uma situação comunicativa que abarque esta possibilidade enunciativa, *João* configura um dado já conhecido, enquanto *foi à Holanda*, a informação nova e, por isso, o tópico da oração. Aqui, cabe-nos uma ressalva, Nos anos 30, a chamada Escola de Praga estabeleceu uma corrente linguística denominada funcionalismo que, derivada do estruturalismo, e que trouxe, para a análise semântica, baseada em seus postulados, a noção de tema e rema, sendo o primeiro, a parte introdutória de um enunciado, o tópico, e, o segundo, a informação referida, ou seja, o próprio conteúdo semântico da oração. Em tal questão, no exemplo a que nos referimos, o sintagma *João* constitui-se em tema e *foi à Holanda*, em rema. De acordo com Van Dijk (2012), entretanto, não é a mera posição topográfica que estabelece o tópico, mas a informação nova.

Outro ponto apresentado ainda sob às concepções de relações entre Linguística e Conhecimento diz respeito às modalidades diversas na expressão do conhecimento, nas definições, nas implicações – quando se entende que nos implícitos necessita-se de modelos mentais do discurso cujas informações estão neles contidas e mas assim não estão no discurso, o que define o conhecimento como sendo genérico enquanto o mapa mental é um único evento – e nas pressuposições – que são os implícitos antes do discurso, e as metáforas, tão necessárias para

a construção dos modelos mentais, por se tratarem de uma noção de experiência “encarnada”. Assim, a base do discurso pode ser compreendida como:

FIGURA 2 – A base do discurso, segundo Van Dijk

Dessa maneira, a coerência textual pode ser estabelecida em sua noção global, nas estratégias de compreensão textuais apoiadas na construção dos modelos mentais, na análise dos modelos contextuais e em suas dimensões locais observadas nas partes constituintes das estruturas semânticas do discurso. Recorreremos a tais recursos para analisar o *corpus* desta pesquisa, uma vez que entendemos que em gêneros textuais digitais emergentes como o *tweet*, tais categorias de análise mostram-se fundamentais.

Para que se construa um discurso coerente, é preciso reconhecer que os eventos cotidianos são multimodais, enquanto o conhecimento não, já que este é derivado de discursos anteriores. Logo, para que seja explicado, todo conhecimento necessita do discurso e assim, em uma situação de interação discursiva, compartilha-se o conhecimento de mundo de cada envolvido em uma situação comunicativa.

É preciso ainda, observar que, por ser um ato cognitivo, seu compartilhamento do não é automático, uma vez que é preciso aceitar a ocorrência do conhecimento de mundo em uma comunidade epistêmica, como um jornal, ou uma universidade, por exemplo.

Para analisarmos o *corpus* selecionado para esta pesquisa, consideramos o *Twitter* um ambiente que tem por regra básica, a produção de um gênero textual com limitação espacial

para que se efetive um compartilhamento de conhecimento de mundo em situações comunicativas que podem ser particulares (*DMs* – mensagens diretas e privadas) ou públicas. O processo de construção de sentido nos *tweets*, prece que se acionem estratégias de compreensão textual contextual específicas, pois é preciso considerar a limitação de espaço da produção textual que, muitas vezes, exige que se abra mão de elementos coesivos que usualmente estariam presentes nas estruturas internas do texto. Isto permite-nos dizer que o reconhecimento de um *tweet* também pode se dar por meio do estabelecimento de um modelo mental que relaciona, no contexto, tanto informações linguísticas ligadas ao sistema da língua, como cognitivas (conhecimento semântico genérico, conhecimento prévio que permite o reconhecimento de um texto), o que, segundo Van Dijk (2012), corresponde a um *script*.

A construção de um sentido, por sua vez, também opera por meio de conhecimentos prévios que atuam na compreensão ou na realização de uma atividade cotidiana (escrever em até 140 caracteres). Nos modelos mentais que, sendo subjetivos, diferenciam cada interpretação textual/discursiva, a coerência textual do gênero sob análise deve ser entendida em sua noção global e observada nas estratégias de compreensão textual coadunadas na construção dos modelos mentais e na análise dos modelos contextuais. Para isso, levam-se em conta suas dimensões locais, observadas nas partes constituintes das estruturas semânticas do discurso.

Se Van Dijk (2012) trouxe uma contribuição específica sobre a construção de sentido textual, a partir do lugar de estabelecimento da coerência durante as interações, não menos importantes foram as contribuições de Marcuschi [1983,(2012)] acerca dos processos cognitivos envolvidos na produção, construção, funcionamento e recepção dos textos. Atentamo-nos, particularmente, ao que o autor considerou uma tentativa (op. cit., p. 35) de desenvolvimento de uma sistematização generalizada acerca dos processos observáveis em um texto. Estabeleceu algumas categorias de análise referentes à aplicabilidade da LT atual no ensino de Língua Portuguesa, ou seja, estabeleceu critérios mais práticos do que teóricos para a análise de textos.

Diante do exposto ao longo deste capítulo e do anterior, se o objetivo desta pesquisa é a discussão do funcionamento de *tweets* argumentativos em seus contextos específicos de produção, parece-nos que o caminho metodológico para as análises do *corpus* constante nessa pesquisa, passa, justamente, pela necessidade de se observar primeiramente as possibilidades

tipológicas do gênero, para, depois, procedermos às análises relativas à coesão e à coerência acerca das construções e organizações textuais limitadas a um espaço delimitado em até cento e quarenta caracteres – e, portanto, particularizadas.

2.3 O *tweet* do tipo argumentativo sob a perspectiva da Linguística Textual sociocognitiva-interacionista

2.3.1 A orientação argumentativa na construção do tipológica do *tweet*

A construção textual, seja oral ou escrita, depende da conjugação de critérios formais e das relações sintático-semânticas circunscritas à situação comunicativa a qual o texto está inserido, não bastando somente a análise de elementos linguísticos presentes na superestrutura textual para que se determine um tipo. Diante da discussão teórica que procedemos ainda neste capítulo acerca dos mecanismos cognitivos que operam na construção dos critérios de textualidade como coesão e coerência, podemos afirmar que, sob o prisma sintático, semântico e pragmático, tais critérios contribuem no processo de construção tipológica textual quando observamos que, enquanto a coesão atua no nível superestrutural, analisada sob a perspectiva de atuação das relações lógico-semânticas presentes nas relações entre “mecanismos lexicais e gramaticais” e, nessa direção, compreendemos que os tipos textuais são as manifestações estruturais linguísticas que colaboram na materialização do gênero.

Para Marcuschi (2010, p. 26 [2005]), muitas vezes o uso da expressão *tipo textual* é empregada quando se refere a um gênero: “Quando alguém diz, por exemplo, ‘a carta pessoal é um tipo de texto informal’, ele não está empregando o termo ‘tipo de texto de maneira correta (...)’. Uma carta pessoal (...) é um gênero textual (...)”. Deste modo, afirma (op. cit., p. 22-24) que a comunicação verbal somente ocorre por meio dos gêneros e, conseqüentemente, por textos. Assim, define que:

- O uso da expressão tipo textual para “designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e, baseando-se nas categorização proposta por Werlich (1975 [1973]), Marcuschi (op. cit.) os tipos como narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo.

- O uso da expressão gênero textual deve estar ligada a “uma noção propositalmente vaga para referir textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas” que devem apresentar “conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Ainda assevera que, se os tipos são em número definido, os gêneros são impossíveis de serem categorizados numericamente. Como exemplos: telefonema, carta, romance, bilhete, reportagem jornalística, reunião de condomínio, aulas virtuais etc..

Adotamos, nesta pesquisa, a sugestão de classificação proposta por Werlich (1975 [1973]) para estabelecer a diferença entre gêneros e tipos textuais. A saber:

FIGURA 3 – Diferença entre tipos e gêneros textuais

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas.	1. realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sociodiscursivas.
2. constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos.	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal.	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.
4. designações teóricas dos tipos (Werlich, 1973): <ul style="list-style-type: none"> • descritivo (enunciado de estrutura simples, verbo estático no presente). • narrativo (enunciado de ação, verbo de mudança no passado, referência temporal e espacial). • expositivo (exposição sintética pelo processo de composição e decomposição, relação parte-todo). • argumentativo (enunciado de atribuição de qualidade, juízo de valor, verbo ser no presente). • injuntivo (enunciado incitador de ação, verbo no imperativo, uso do modalizador <i>deve</i>). 	4. exemplos de gêneros: anúncio publicitário, bula de remédio, receita culinária, seminário, aula expositiva, reunião de condomínio, piada, carta, simpósio, cardápio, noticiário de TV, edital de concurso, romance, resenha, catálogo telefônico, horóscopo, ordem militar, crônica, lista de compras, atestado, instruções de uso, <i>chat</i> , conversa espontânea, <i>e-mail</i> , boleto bancário, <i>outdoor</i> , <i>orkut</i> , inquérito policial, bilhete, telefonema, relatório, fichamento, relato, cartão postal, memorando, certificado, atestado médico, editorial, certidão de casamento, requerimento, monografia, resumo, etc.

Notamos que a terminologia *seqüências textuais* é amplamente utilizada por Marcuschi (2002, 2008 [1983]) como identificadores de tipos textuais. Conceito trazido por Jean-Michel Adam entre o fim da década de 1980 e início da década de 1990, que estabelece que a seqüência

textual constitui-se em um mecanismo de textualização que se estabilizou como um recurso composicional dos gêneros, no qual procurou analisar, sob uma perspectiva pragmático-discursiva, os textos em relação à forma e às orientações enunciativas.

De acordo com o estudioso, as sequências textuais determinam tipologicamente um texto de acordo com a predominância de uma sequência em relação às outras. Este princípio forma um conjunto múltiplo e heterogêneo que não são utilizados ao mesmo tempo por todas as vertentes teóricas de teorias textuais e a diferenciação entre elas está concentrada nas formas de entendimento relacionados à significação, funcionalidade e aplicabilidade da noção de tipo de texto.

Para justificar este apontamento, Silva (1999, p. 03) assinala o campo teórico defendido por Eigenwal (1974) que, tendo em vista as produções textuais sócio-interlocutivas que já ocorrem na sociedade, ressalta que são apenas 5 os tipos textuais: texto periódico, texto econômico, texto político, texto jurídico e texto científico. Nesse alinhamento, Dimter (1981) postula a existência “de 1600 tipos textuais, redutíveis aproximadamente a 500 formas básicas, representativas de textos concretos, produzidos pela nossa sociedade”.

Silva (op. cit., p. 3), no entanto, filia-se às tipologias textuais elaboradas por Werlich (1975 [1973]), Adam (1987, 1999, 2010), Fávero e Koch (1987) e Van Dijk (1978, 1983) que, em comum, pleiteiam a existência de cinco tipos textuais. Distantes da orientação tipológica postulada por Eigenwal (1974) e Dimter (1981), refletem posicionamentos acerca da análise das estruturas globais e superestruturas realizadas nos textos para assumir como tipo textual a ideia de “construto teórico”, fundamentado no “funcionamento do texto em termos de sua estruturação interna, na qual se imbricam vários planos, tais como o macroestruturais (semântico global) em sua relação com o esquema superestrutural”.

Silva (p. 10), nessa direção, afirma que:

(...) quanto à atividade da composição textual, esta circunscrita às formas padronizadas do discurso em que se materializará o gênero, os interlocutores, orientados pelo seu intuito discursivo, e projetando as atitudes responsivas de seus parceiros, na verbalização das informações, selecionariam os recursos lingüísticos que adequadamente serviriam a sua finalidade enunciativa: convencer, persuadir, agradar, impressionar, etc. Para tanto, teriam de atualizar operações discursivas, modalizadas na forma de,

por exemplo, narração, descrição, argumentação, que lhes permitissem fundamentar, justificar, explicar, completar, repetir, parafrasear, corrigir, resumir, enfatizar o que está sendo enunciado, visando não só à compreensão dos parceiros como também à consecução do efeito de sentido desejado, ou seja, fazer cumprir o seu projeto discursivo.

Terminologia e posicionamento teórico com o qual estamos de acordo, são os seguintes tipos textuais que consideramos:

- Narração.
- Exposição.
- Argumentação.
- Descrição.
- Injunção.

O que expusemos permite-nos afirmar que a noção de tipologia textual está intimamente ligada ao gênero quando orienta o querer-dizer do locutor dentro de determinada situação comunicativa e que, nesse sentido, as características tipológicas são responsáveis por perfazerem um texto argumentativo, narrativo, expositivo, injuntivo ou descritivo.

Nessa sentido, e sem desprezar a conjugação das relações entre os elementos internos e externos do texto e, sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT, são valiosos os posicionamentos de Koch e Elias (2009), pois as autoras apresentam elementos linguísticos para a identificação e construção dos tipos de texto que consideramos nesta pesquisa:

TABELA 7 – Elementos linguísticos e tipos textuais

	O QUE É	TIPOS DE VERBOS	USO DE TEMPOS VERBAIS	ADVÉRBIOS CONECTORES
NARRAÇÃO	sucessão temporal/causal de eventos entre os quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas	verbos de ação	eixo do pretérito	tempo, causa e lugar
DESCRIÇÃO	apresentação de propriedades, qualidades, elementos componentes de uma entidade, sua situação no espaço	verbos de estado e situação; verbos que indicam propriedades, qualidades, atitudes	eixo do presente e pretérito imperfeito (no interior de um relato)	espaço, tempo
EXPOSIÇÃO	análise ou síntese de representações conceituais numa ordenação lógica		tempos verbais do mundo comentado	conectores lógicos
ARGUMENTAÇÃO	ordenação ideológica de argumentos e/ou contra-argumentos	verbos introdutórios de opinião		modalizadores, operadores argumentativos
INJUNÇÃO	prescrições de comportamentos ou ações sequencialmente ordenadas		imperativo, infinitivo, futuro do presente	articuladores adequados ao encadeamento sequencial das ações prescritas

FONTE: KOCH, I; ELIAS, V. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

No quadro organizado a partir dos critérios estabelecidos pelas autoras, para que se classifique tipologicamente um *tweet*, é importante observar o ambiente em que é produzido. O *Twitter*, como afirmamos, configura-se em um complexo contexto interacional no qual são criados, a todo momento, contextos outros e específicos. Parece-nos possível afirmar que no contexto geral circula um gênero caracterizado pela limitação espacial de sua produção textual pode-se configurar em mais de um tipo textual. Esta possibilidade está circunscrita à regra de um jogo em que cada participante busca, por meios persuasivos, aumentar seu número de seguidores a partir do condicionamento diretivo do seu querer-dizer.

Trazemos, neste momento, dois *tweets* elaborados pelo mesmo aluno seguindo a sequência didática proposta em aula de Língua Portuguesa. Relembramos que no dia 26/10/2012, único dia que ministramos as aulas para as três salas, cada classe foi direcionada à sala de informática. Os alunos foram previamente questionados sobre a funcionalidade do *Twitter* e de um *blog*, assim como questionou-se seus conhecimentos prévios sobre a finalidade de cada ambiente e contextualização textual.

Para efeitos de pesquisa, a partir dos conhecimentos prévios de cada aluno acerca do *Twitter*, os grupos foram orientados a escolher e seguir perfis que julgassem polêmicos, seja pela produção textual ou pela seleção do próprio usuário. Além disso, também foram orientados a seguir os perfis correspondentes aos outros grupos, mesmo os de outra sala, bem como a seguir o perfil da professora-pesquisadora e, deste ponto, a cada membro de um grupo foi solicitado produzir ao menos um *tweet* argumentativo, assinado, além de nanocontos, ou seja, de *tweets* narrativos. Cumprida esta etapa, cada grupo criou seu próprio perfil no *Twitter* para postagem dos referidos textos.

Visando ao máximo de espontaneidade, as instruções limitaram-se à funcionalidade da ferramenta, bem como à organização do trabalho, deixando os alunos livres durante a escolha de perfis e a produção de *tweets* que julgassem argumentativos e narrativos. Para tanto, cada membro do grupo contou com a respectiva senha de sua conta no *Twitter*, para que a realização da atividade não ficasse restrita somente à sala de aula.

O acompanhamento das atividades deu-se por meio do nosso próprio perfil no *Twitter* no qual fomos constantemente informados pela *timeline*, que se configura em uma linha do tempo que expõe, em ordem cronológica e real, as atualizações, em sequência, dos perfis seguidos.

Com o fim dos trabalhos, os *tweets* argumentativos foram selecionados a partir da clareza de organização enunciativa, levando em consideração as categorias de análise que apresentamos na Introdução desta pesquisa. Para a análise dos *tweets* que apresentamos a seguir, tomamos por base o quadro que contém os indícios identificadores de sequências como determinantes do tipo textual, para que assim, observemos a possibilidade de variedade tipológica, concentradas na análise dos tipos narrativo e argumentativo, no gênero sob análise.

Nessa direção, selecionamos de nosso *corpus* dois textos produzidos no ambiente *Twitter*, o *tweet*, e procederemos à análise, segundo duas tipologias textuais, a argumentativa e a narrativa. Passemos, pois, às análises de produção do aluno.

EXEMPLO 4

Tweet 4

Tweet Argumentativo

A análise desse *tweet* será ancorada a partir da observação de indícios linguísticos que corroborem a identificação de uma sequência textual como predominante em um gênero e que, assim, configura-o sob um determinado tipo.

Em relação a advérbios, há a presença de dois deles: *muito* e *n* (não) que, recuperados em seu contexto por meio de *scripts*, pode-se compreender que somente a letra constitui-se em uma abreviação que, deste modo, também teve sua funcionalidade aportada pela delimitação espacial do gênero.

Embora ausente linguisticamente, o conector argumentativo é aferido em torno de uma oração reduzida: “*para sediar a copa das confederações*”, que, sob a produção de oração absoluta, seria elaborada da seguinte maneira: “para que sediasse a copa”. Assim, estabelece-se uma relação de finalidade típica dos processos de coesão. Desta avaliação, tem-se, portanto um modalizador, “*muito*” que modifica o verbo “*lamento*”, construindo uma relação lógico-semântica e também um conector argumentativo subtendido: “*que*”. Os verbos utilizados nessa construção são *lamento*, *ter sido escolhida*, *sediar* e *proibiu*. Neste caso, não se tem a predominância de tempos no passado.

Na sequência, por “verbos introdutórios de uma opinião” entendemos ser necessário que também se analise o contexto a partir de uma ancoragem sociocognitivo-interacionistas para então observar, sob o preceito conceitual de argumentação, o verbo *lamento* não só marca um posicionamento, mas também como introdução opinativa.

Por fim, em “lamento muito a cidade de sp n ter sido escolhida para sediar a copa das confederações, culpa da CBF que proibiu o morumbi”, há “prescrições de comportamentos ou ações sequencialmente ordenadas”, observáveis na atribuição de uma culpa, a partir de uma relação causal e na qual a sequência “culpa da CBF que proibiu o morumbi”

De acordo com quadro proposto neste trabalho a partir dos postulados de Koch e Elias (2009, p. 63) em que apresentam elementos linguísticos que dão sustentação para a elaboração e identificação das tipologias textuais, observamos:

- a) uma ordenação de argumento (“culpa da CBF que proibiu o morumbi”)
- b) um verbo introdutor de opinião (“lamento”)
- c) um modalizador (“muito”) e um conector argumentativo subentendido (“que”) que estão presentes para criar uma relação lógico-semântica entre os enunciados.

A partir dessa análise que acabamos de realizar, notamos que a coerência textual, apesar de tratar-se de conexão conceitual-cognitiva, foi construída por meio dos elementos linguísticos presentes no texto. E, pela aplicação analítica do quadro que elaboramos para esta pesquisa a partir dos critérios estabelecidos por Koch e Elias (op. cit.), afirmamos tratar-se de um texto do tipo argumentativo, pelo modo argumentativo de organização do discurso que organiza o posicionamento contrário do locutor frente ao enunciado *culpa da CBF que proibiu o Morumbi*’.

Entretanto, levamos em consideração que a tipologia textual não pode ser analisada somente pelo critério linguístico, mas também, pela orientação discursiva presente contextualmente. Assim, o que tipifica um texto é sua materialização linguística coadunada ao querer-dizer do locutor.

Diante dessa observação, examinaremos a seguir, a possibilidade de construção de um *tweet* sob a forma narrativa.

EXEMPLO 5

Tweet 5

Tweet Narrativo

No *tweet* apresentado, analisamos, primeiramente, a presença de advérbios e conectores de tempo, causa e lugar e a presença de moduladores e operadores argumentativos. Neste caso, observamos a presença do modalizador *desesperadamente* e do operador argumentativo de adição, *e*.

Assim, o modalizador indicado modifica o verbo *corria*, e, dessa maneira, entendemos que o mesmo assume o papel de modulador pelo estabelecimento de uma relação lógico-semântica.

A partir do entendimento de Adam, estamos, neste momento, mais próximos da constituição de um *tweet* do tipo argumentativo. Entretanto, outras análises devem ser feitas e procederemos à observação dos usos dos tempos verbais, principalmente porque, em casos de textos predominantemente do tipo narrativo, eles estão, em sua maioria, conjugados no eixo do pretérito. Desse modo, notamos a presença dos seguintes verbos flexionados: *corria*, *via*, *procurava*, *sabia*, *escutou*, *entendeu*, *sobreviveu* e *seguiu*. Em uma análise morfológica, tais verbos estão conjugados no modo indicativo e nos tempos do perfeito e imperfeito, portanto, todos sob o eixo do pretérito. Dessa consideração, resulta que já não estamos mais diante de um *tweet* do tipo argumentativo, mas sim, narrativo. Seguindo essa ordem de análise, observamos os verbos em relação aos tipos que perfazem e, neste caso, todos são verbos de ação. Caracterizando essa sequência como do tipo narrativo também.

Quando analisamos os tempos verbais pertencentes ao tipo argumentativo, observamos que se tratam de “verbos introdutórios de uma opinião”. Como essa tipificação tem um sentido amplo, entendemos ser necessário que se analise o contexto a partir de aportes teóricos socio-cognitivo-interacionistas para, a partir de então, observar, sob o preceito conceitual de narração apresentado e definindo-a como uma “sucessão temporal/causal de eventos entre os quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas”.

Retomemos: “*Corria desesperadamente. Não via o que procurava. Sabia o que procurava? Não. Escutou sua respiração. Entendeu, sobreviveu e seguiu caminho.*”

Apesar da ausência de elementos coesivos entre as unidades que compõem essa sequência, a sucessão temporal/causal dá-se por meio de modalizadores, como o advérbio “desesperadamente”, que encadeiam referencialmente situações e que estabelecem um *continuum* de sentidos. Neste caso, a recuperação de informações que estabelecem a construção de uma progressão textual faz-se por meio de uma competência mais ampla que não somente a linguística e, desse modo, classificamos o *tweet* apresentado como do tipo narrativo.

2.3.2 Considerações acerca das análises dos exemplos apresentados

Como vimos nos dois exemplos de *tweets* constitutivos de parte do corpus desta pesquisa, a análise da construção textual de sentidos pode-se valer das categorias propostas pela LT de caráter sociocongnitivo-interacionista para analisarmos a escolha de um tipo textual.

Nesse sentido, observamos que a uma tipologia está vinculada não somente à materialização linguística, ou à presença de dos aspectos linguístico apontados por Koch e Elias (2009), mas, principalmente pela análise destes em confluência à orientação discursiva de um enunciado.

Por observações decorrentes dessas considerações preliminares da construção da coesão e coerência no direcionamento do querer-dizer do locutor, entendemos também, ser possível que outros tipos textuais, que não somente o argumentativo e narrativo são possíveis de serem realizados. Além disso, acreditamos que outros elementos possam ser constituídos como marcas linguísticas de coesão, mas assim como apresentado por Marcuschi (1983, 2008) não são, obrigatoriamente, fundamentais na construção de sequências coerentes. Nesse sentido, devemos lançar mão tanto de análises que considerem a construção de sentido a partir da presença de tais elementos, como de sua ausência.

Em suma, é a análise contextual que deve orientar a observação do gênero *tweet*, pois a escrita serve a um propósito, dentro de um determinado ambiente. E, nesse sentido, interessa-nos observar o processo de construção da argumentação e das estratégias argumentativas presentes no *corpus* e, sob tal direcionamento, tratam o capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

Dimensão e estratégias argumentativas na construção de *tweets*

Neste Capítulo, tratamos brevemente do histórico das Teorias da Argumentação e destacamos a noção de instâncias argumentativas, segundo Amossy (2007). Recorremos, também, ao papel da memória na construção argumentativa para delimitarmos o papel das estratégias argumentativas como marcação do ponto de vista do locutor. Para tanto, delimitamos algumas estratégias como foco de nossas análises e apresentamos suas construções em sete *tweets* selecionados para este trabalho.

3.1 Breve Histórico das Teorias da Argumentação e a noção de instâncias argumentativas

Viver em uma sociedade democrática pressupõe a defesa de posicionamentos aos quais, ao homem como ser social, cabe não somente a marcação de seus pontos de vista, mas também sua defesa, por meio de debates. Nesse sentido, a Argumentação como disciplina de ensino tem sido objeto de estudos desde que Aristóteles concebeu-a de forma favorável à paideia platônica de que a retórica, para obter valor, deveria sustentar-se na dialética, mas como um caminho lógico de persuasão do discurso político e judiciário, recuperando a dimensão comunicativa da linguagem, tratando-a como uma técnica de argumentação e arte estilística fundamentadas na noção de verossimilhança pautada tanto do ponto de vista do *pathos* – interlocutor – como do *ethos*²³ – locutor – (Mosca, 1997).

Durante muito tempo, os estudos da retórica como um técnica argumentativa foram compreendidos como o estudo da ornamentação do discurso, fundado, principalmente em técnicas que apreciavam o “falar bem e bonito” e, somente na segunda metade do século passado, mais precisamente em 1958, a partir da publicação das obras *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca e, *The Uses of Argument*, de Stephen Toulmin, consolidou-se o que conhecemos hoje por *Teorias da Argumentação*.

Os posicionamentos desses autores retomam as matrizes aristotélicas para direcionarem seus estudos sob a perspectiva discursiva da argumentação a fim de compreendê-la como um elemento inerente à linguagem, cujo dialogismo é necessário ao ato de argumentar. Nesse sentido, em comum, esses pesquisadores apreenderam a retórica como meio discursivo que parte da articulação entre argumentação/conhecimento/discurso/cognição e racionalidade para apresentarem suas

²³ Em virtude de nosso posicionamento teórico, essa relação estabelecida por Mosca (1997) entre *pathos* e *ethos*, será tratada como uma relação entre *interlocutor/auditório* e *locutor*, respectivamente.

propostas de análises. Por outro lado, distanciam-se entre si quanto ao objeto de suas análises, uma vez que Toulmin (op. cit.) concentrou seus estudos no questionamento da lógica argumentativa e Perelman e Olbrechts-Tyteca (op.cit.) conduziram suas reflexões no sentido de observarem os aspectos semântico e racional – que não se reduz ao demonstrável – da argumentação.

Sob esse panorama, os postulados de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 57 [1958]) buscaram sistematizar os procedimentos de análises argumentativas por meio dos estudos das estratégias que garantissem a eficácia da argumentação o que, de acordo com seus posicionamentos, dá-se mediante a adesão persuasiva das mentes dos participantes desse jogo discursivo. Nesse aspecto, os autores defendem que a argumentação leva à persuasão dos participantes envolvidos na atividade discursiva e seus respectivos lugares sociais, efetivando-se processualmente por intermédio de uma seleção prévia e posterior organização dos fatos para constituir-se em uma atividade que se organiza inserida em um contexto linguístico-discursivo e, portanto, que leve em conta a linguagem em uso.

Por compreendemos que a subjetividade na linguagem não pode ser relacionada somente às escolhas de tópicos ou argumentos e juízos de valor, mas também às lexicais, entendemos a argumentação como um processo de linguagem do agir sobre o outro em um contexto que se instaura na construção de um sentido marcado pelo valor argumentativo de um discurso, aceitamos sua natureza interacioninal, uma vez que não estão em jogo tão somente os elementos linguísticos organizados em uma sequência da superfície textual. É justamente essa dimensão de organização subjetiva contextual linguística coadunada à perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT, que inscreve esse trabalho na teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]).

Nesse direcionamento, compreende-se que as estratégias de verbalização nas interações textuais não constituem atividades separadas na construção de um sentido, mas atividades indissociáveis de um processo que, de tal maneira, a concepção de linguagem assume uma dimensão textual-interativa. A este respeito, Aquino (1997, p. 30) salienta que a linguagem é uma

forma de ação entre dois ou mais interlocutores que ocorre num contexto determinado e cuja formulação leva em conta circunstâncias de enunciação para a qual concorrem elementos do espaço físico, temporal, histórico e social em que atuam os participantes da atividade discursiva. (Aquino, 1997, p. 30).

A partir dos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (op. cit.), ocorreram algumas vertentes teóricas voltados à argumentação na linguagem. No que tange à Semântica Argumentativa, Anscombe e Ducrot (1980, 1988) direcionaram suas reflexões a respeito da construção argumentativa na língua. Por compreenderem o ato de significação de um enunciado como sendo de ordem diretiva, inscrevem a argumentação na língua a partir de sua atuação na construção do sentido. Nessa proposta, os estudiosos compreendem que a argumentação assume-se em sentido restrito e como um fato da língua por estar presente linguisticamente no enunciado cuja orientação argumentativa está circunscrita às formas de escolhas lexicais e organização textual.

Nessa concepção, Anscombe e Ducrot (1988, Prefácio) preconizam que o processo argumentativo volta-se tão somente para um único objetivo: o da conclusão.

A utilização de um enunciado tem uma finalidade no mínimo tão essencial quanto informar sobre a realização de suas condições de verdade, e essa finalidade é a de orientar o destinatário na direção de certas conclusões desviando-as de outras. (Anscombe e Ducrot, 1988, Prefácio)

A adoção de uma perspectiva pragmática circunscrita somente à língua e que possui, no enunciado, um direcionamento conclusivo, além de retirar da argumentação seu caráter integrado entre os interlocutores articulados sob a relação argumentação/conhecimento/discurso/cognição e racionalidade, valoriza, somente, o posicionamento do locutor, sem situar o seu enunciado contextualmente e, por conseguinte, retira da argumentação sua possibilidade de ocorrência em outras dimensões.

Sob essa orientação, Amossy (2007) adota um posicionamento teórico-analítico contrário a Anscombe e Ducrot (1980, 1988) e aproxima-se da teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (op. cit.), quando situa a argumentação em seu contexto discursivo que leve em consideração a articulação de todos os participantes de uma atividade discursiva inseridos em relação à construção de sentido. Para isso, ressalta que

Nesse sentido, o retorno à retórica preconizado por Perelman & Olbrechts-Tyteca em 1958, não é simplesmente a marca de um otimismo: é uma reivindicação ética que se faz através da reafirmação da função social das trocas verbais como substituta da violência (de qualquer ordem que seja), e a lembrança da responsabilidade cidadã que, na ausência de qualquer possibilidade de influência mútua pelo logos, revela-se

esvaziada de sua substância. O que não implica evidentemente um racionalismo simplista: a argumentação é analisada em situações de discurso variadas em que o logos é objeto de tratamentos complexos. Ela depende das possibilidades da língua e das condições sociais e institucionais que determinam parcialmente o sujeito, fora dos quais, a orientação ou dimensão argumentativa não pode ser apreendida com discernimento” (Amossy, 2007, p. 128) (grifos nossos).

Embora reconheçamos a importância dos trabalhos de Anscombe & Ducrot (1980, 1988) para a inserção dos estudos argumentativos sob o ponto de vista da linguagem, acreditamos que eles se afastam dos entendimentos de Aristóteles e Perelman e Olbrechts-Tyteca (op. cit.) por relativizarem a compreenderem a argumentação tão somente como um fato da língua sem considerá-la em seu contexto de atividade discursiva. A partir da concepção da possibilidade de existência de dimensões argumentativas, acreditamos ser possível observar a materialização linguística da argumentação em uma instância que julgamos ser a de marcação de um ponto de vista por parte dos interlocutores dessa atividade. Levando em conta o que Amossy (op. cit. p. 121), sob uma perspectiva retórica e funcionalista do discurso, entende por argumentação, salienta que esta pode se manifestar em várias instâncias discursivas verificáveis a partir das situações comunicacionais, ou seja, que deve ser apreendida na materialização da língua por meio do discurso, a ponto de não lhe retirar seu caráter racional, mas, ao mesmo tempo, não negar que nem todos os gêneros discursivos possuem uma orientação argumentativa, já que, muitas vezes, consistem, somente, na exposição de um ponto de vista e não em exposições de teses que visem à aprovação. Nesse sentido, a autora atenta para possibilidade de as conversas cotidianas não estarem necessariamente ligadas a uma orientação argumentativa voltada à adoção de uma tese ou de uma conclusão.

Nesse âmbito, Amossy (2007, p. 128), afirma que:

(...) Ela depende das possibilidades da língua e das condições sociais e institucionais que determinam parcialmente o sujeito, fora dos quais a orientação ou a dimensão argumentativa do discurso não pode ser apreendida com discernimento.

A partir do embasamento teórico da perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT, concordamos com a autora, pois entendemos que os discursos devam levar em consideração suas especificidades genéricas contextuais, tanto em relação à materialização linguística,

como também à sua aproximação com os gêneros informais da oralidade dos textuais digitais estabelecidos por Marcuschi (2008, p. 199) e, embasando-nos nesses posicionamentos, bem como na aceitação da possibilidade de a argumentação materializar-se linguisticamente em outras instâncias, assumimos a ideia de situar a argumentação “enquanto fato do discurso, associada à prática de linguagem em contexto” e não de situá-la enquanto orientação dirigida a uma conclusão em que se analisa a propriedade semântica da frase, fora de contexto” (Platin, 1996, p. 18).

Como afirmamos na página anterior, o caráter dimensional da argumentação pode ser observada quando se considera que sua instância máxima de ocorrência concentra-se em situações de debate geradas por desacordos. Entretanto, outras muitas vezes, ela se perfaz no que podemos considerar como uma instância primária centrada na situação discursiva em que os interlocutores podem tão somente marcar um posicionamento, sem a necessidade de confronto de ideias. Nesse sentido, por considerarmos a argumentação como imanente a situações discursivas condicionadas socialmente e materializadas linguisticamente, julgamos procedente examinar essas possibilidades de ocorrência da manifestação argumentativa no que tange à marcação do ponto de vista do locutor, assim como Amossy (2007) salienta ser possível.

Nesse direcionamento, quando no Capítulo 2 (p. 78) tratamos da argumentatividade como um critério de textualidade, a partir dos conceitos propostos por Koch (2002, 2011) e Amossy (2007) de que a neutralidade discursiva é inexistente por estar presente mesmo em discursos não dotados de argumentação, tratamos também da percepção da orientação argumentativa, uma vez que ela se configura por meio da materialização linguística, ou não, dependendo, nesses casos da construção das conexões conceituais-cognitivas (coerência) que lhe dê direcionamento.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) trataram da orientação argumentativa quando da análise da força dos argumentos em uma situação discursivo-argumentativa. Para esses estudiosos, a força dos argumentos está relacionada diretamente a sua utilização durante o contexto argumentativo em que estão inseridos, imputando-lhes valores estratégicos dependentes de suas combinações ou sobreposições diante da consideração do auditório. Além disso, indicaram a ocorrência de valores positivos ou negativos dos argumentos, afirmando que, desta

forma, a argumentação pode ocorrer por ligação – positiva, uma vez que as teses apresentadas são compartilhadas pelo auditório –; ou por dissociação, de caráter negativo, ocorre quando não há convergência entre as teses apresentadas pelo interlocutor e seu público.

A noção de instâncias argumentativas é essencial para esta pesquisa para que se compreenda a argumentação em sua materialização linguística dentro de um contexto argumentativo que leve em consideração a concepção da existência de gêneros textuais que, de acordo com suas esferas de circulação, como algumas conversas cotidianas e também textos literários (Amossy, 2007, p. 121-122), não possuem em si o propósito de orientar argumentativamente, mas, tão somente, um propósito de marcar maneiras de ver o mundo e de se posicionar sobre ele.

Nesse sentido, ressaltamos que não estamos totalmente de acordo com esse posicionamento ao qual se refere a autora, uma vez que acreditamos que o fato de “marcar maneiras de ver o mundo e de se posicionar sobre ele” contribui, de modo persuasivo, à construção da imagem do locutor. Tal posição interessa-nos, pois, é a partir do conceito de orientação argumentativa que inscrevemos este trabalho na perspectiva sociocognitiva-interacionista. Mediante análises da presença, ou não, dos elementos de coesão presentes no texto, observamos como se processa a construção da coerência textual que vise orientar argumentativamente o enunciado proferido pelo locutor no sentido de marcar-lhe um posicionamento.

Segundo Marcuschi (2008, p. 199 [2002]), ao afirmar que os gêneros textuais digitais possuem como características genéricas uma escrita pouco estruturada e semialfabetizada, pontuou, de forma incontestável, que “todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua fundamental.”. E, nossa análise parte desta materialidade como orientação argumentativa, não nos estendendo à observação de valoração dos argumentos –conforme postulado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) – nem nos detendo aos preceitos de Anscombre e Ducrot (1980, 1988) em relação à presença, no enunciado, de um direcionamento conclusivo circunscrito somente à língua.

Feitas tais observações, nesta pesquisa optou-se por observar as marcas linguísticas e não-linguísticas de posicionamento do locutor – que não necessariamente ensejaram em desa-

cordos – em relação ao ambiente *Twitter*, é por nós compreendido como um auditório universal. Assim, consideramos, para efeitos de trabalho, as marcas de orientação argumentativa que simplesmente direcionam o interlocutor acerca de pontos de vista ou posicionamentos adotados por parte do locutor e, por esse motivo, não apresentamos questões que versem sobre os tipos e força de argumentos, mas consideraremos as escolhas de estratégias em função do ambiente como processos cognitivos de construção e orientação argumentativa de um *tweet*.

Em função do exposto, a seguir examinaremos mais detidamente as relações entre argumentação e cognição por entendermos que esse percurso configura-se fundamental para a posterior análise das estratégias argumentativas presentes no *corpus* desta pesquisa.

3.2 Argumentação e Cognição

No segundo capítulo desta pesquisa, tratamos, sucintamente, dos processos cognitivos de construção de sentidos ligados aos critérios de coesão e coerência, a partir, principalmente, das contribuições de Marcuschi (1983, 2008), Koch (1990, 2011) e Van Dijk (1992, 2012) para discurtimos que no gênero *tweet* tais procedimentos podem realizar tanto recuperações presentes nos textos, como fora dele. Além disso, observamos que, mesmo as recuperações efetivadas a partir de elementos linguísticos presentes nos textos, como no caso das *hashtags*, demandam conhecimentos prévios que são acessados durante a interação discursiva.

As análises a que procedemos naquele capítulo (p. 90), restringiram-se à observação dos processos da coesão e da coerência a partir de uma perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT. Apontamos para possibilidade de ser a *hashtag*, além de um elemento coesivo de progressão sequencial, também um marcador de orientação argumentativa, uma vez que a consideramos, no contexto apresentado, um rema, ou seja, um comentário tecido a partir do tema. E é este comentário que pode ser feito de várias outras formas que não somente pelo recurso das *hashtags*, que nos chamou a atenção como possibilidade de tomada de posicionamento acerca de um tema abordado, ou não, pelo interlocutor.

Conceitos da LT como remissão e retomada mostram-se importantes para a análise da materialidade do texto, uma vez que tais processos participam da progressão textual, seja por meio da

progressão referencial (remissivas referenciais e não referenciais), sequencial ou tópica²⁴. Os elementos linguísticos, tomados como objetos materializados discursivos dentro da situação interacional em que estão inseridos, compreendem o discurso em sua dinamicidade, tendo em vista que esses elementos podem ser ativados, reativados, categorizados, recategorizados ou modificados.

Elementos presentes no processo de construção referenciais, tais como as nominalizações, pronominalizações e modalizações, segundo Koch (2005, 2011), direcionam o interlocutor para o valor argumentativo e estratégico que possuem. Marcuschi (1983, 2008), referindo-se, especificamente às relações argumentativas, imputou-lhes lugar nos processos de coesão sequenciais quando categorizou os operadores argumentativos nas relações de encadeamento por conexão. A partir destes estudos que relacionaram a orientação argumentativa a elementos discursivos materializados linguisticamente, observamos que também outros podem deter esse valor e funcionarem como estratégias. Nesse sentido, apontamos, nos *tweets* pertencentes ao *corpus* desta pesquisa, elementos pertencentes ao critério de coesão sequencial parafrástica, como a repetição lexical e a recorrência de tempos verbais e, em relação à coesão sequencial frástica, o rema.

Nas primeiras análises efetuadas neste trabalho, observamos a construção da coerência textual a partir do acesso aos modelos mentais tratadas por Van Dijk (2012) quando da ausência de elementos coesivos. Entendida como um processo de conexão conceitual-cognitiva, a referenciação pode operar em outras instâncias que não especificamente às linguísticas materializadas no texto.

Nas palavras de Aquino (1997, p. 40), a memória é a “(...) base da referenciação textual que necessitamos para dar conta da correferência e da coerência (...)”, ou seja, a referência discursiva, ligada à progressão textual, está cognitivamente representada em um modelo situacional. Em relação à memória semântica, os modelos mentais agem como representações expressas no discurso além de suprirem informações implícitas “(...) e pressupostas durante a interpretação, para que se chegue à compreensão (...)”.

Visto que a memória adquire papel essencial na produção de sentidos textuais, principalmente no que tange à recuperação processual e à construção de modelos cognitivos, como os mapas mentais, julgamos importante tecermos algumas considerações sobre sua atuação.

²⁴ Por tópico discursivo compreendemos os assuntos que são desenvolvidos durante uma atividade discursiva.

3.2.1 O papel da memória

Destacamos o papel da memória como elemento fundamental para os processos cognitivos e para a construção de sentidos textuais. Para tanto, recorreremos aos estudos de Kato (1986) e Aquino (1997) que se dedicaram a analisar essas questões com propriedade.

Ao retomar o trabalho de Schank (1975), Aquino (1997) indica que a memória tem como papel o armazenamento de conhecimentos e constitui a base de todo o processo de compreensão textual, isto porque age como mediadora de armazenamento de informações, tendo em vista que todo ser humano, diante de um enunciado, retém o que de fato seja essencial em contraposição a sua totalidade. A partir deste processo, acessa, por meio de inferências, conhecimentos prévios que lhes direcionam aos efeitos das ações enunciadas, a fim de dar-lhes sentido. Essa autora (op. cit., p. 34) relaciona a memória a um “repositório de informações” que age sobre o mundo em geral e sobre as coisas e pessoas em particular, de modo a formar uma rede complexa “não compartimentada, mas organizada”.

Segundo Kato (1986), essa organização permite identificar três tipos de memórias: a de curto, a de médio e a de longo termo. Assim, entende que a memória de curto termo, por operar com palavras, apresenta uma limitação quantitativa uma vez que seu armazenamento de informações age na superfície dos enunciados; a memória de médio termo, também chamada de operacional, é de ordem qualitativa, já que armazena conteúdos proposicionais e restritos e, por fim, a memória de longo termo é aquela que armazena de forma mais permanente as informações, visto que abarca os conhecimentos linguísticos e de mundo, fundamentais para a organização das estruturas cognitivas de expectativas que, por serem representativas e não fixas, são variáveis de acordo com os contextos de produção. Segundo a autora, é na memória de longo termo que estão localizadas a memória episódica – responsável pelo armazenamento e registro de situações particulares – e a memória semântica.

O papel da memória é, portanto, fundamental no processo cognitivo, pois a compreensão textual depende não somente da decodificação de um enunciado mas, principalmente, das marcas que ele imprime na memória. Referindo-se a Tommola (1978), Aquino (1997, p. 35) afirma que:

(...) A compreensão torna-se resultado da interação processada pelo trabalho da memória entre a interpretação de enunciados presentes no instante mesmo da enunciação e os conhecimentos anteriores retidos pela memória de longo prazo (...).

Desse modo, a interpretação configura-se em um processo que antecede a compreensão e, desta maneira, para que se categorize um *tweet* como do tipo argumentativo (Capítulo 2, p. 104), acessamos a memória e seu contexto de produção, uma vez que uma análise isolada e que leve em consideração somente suas marcas linguísticas não são suficientes.

Os processos cognitivos que se efetivam durante uma interação verbal que consiste na ativação do conhecimento prévio, devem englobar e considerar os conhecimentos linguístico, textual e de mundo, como realizador da compreensão. Nesse direcionamento, por conhecimento linguístico entende-se aquele internalizado pelo falante sobre o conhecimento e reconhecimento das regras linguísticas de um sistema e responsável pela coesão, por meio do reconhecimento das palavras, do enunciado. A capacidade de reconstrução do querer-dizer do interlocutor a partir do processamento de elementos linguísticos presentes em sua enunciação e é “primeiro e indispensável para o processo do ato comunicativo” (Aquino, 1997, p. 36). Fundamental é ressaltarmos que a esse processamento associa-se o conhecimento textual, o qual se configura no conhecimento e reconhecimento das várias possibilidades de estruturação e composição de um texto para que, assim, criem-se expectativas em relação a ele de forma a processar a sua compreensão. Consideramos, nesse sentido, que a construção de gêneros em tipos textuais, configura-se também em uma estratégia de ajuste e direcionamento do querer-dizer do interlocutor.

Entendemos que o exposto nos permite examinar mais detalhadamente as estratégias argumentativas conforme passamos a tratar.

3.3 As estratégias argumentativas

Ao tratar do papel da memória, Aquino (1997, p. 174) associa-o à construção cognitiva da argumentação e das estratégias argumentativas e entende que estas possam ser entendidas como recursos possíveis de serem selecionados durante uma interação com o objetivo de conferir ao enunciado, uma orientação argumentativa. Ao tratar da questão, a autora ressalta que as

estratégias são os auxiliares próximos da orientação argumentativa, já que é possível selecionar determinada estratégia com a finalidade de imprimirmos determinada orientação argumentativa. Assim, a pesquisadora assevera que o interlocutor constrói um enunciado por meio do acesso ao compartilhamento, mesmo que parcial, do conhecimento prévio entre os participantes dessa situação comunicativa e destaca que a construção de um sentido faz-se por meio de um processamento que, no entanto, não garante a significação pretendida.

Nesse sentido, aponta que

Sabemos que um interlocutor não decodifica um enunciado, mas constrói o sentido, utilizando-se de um sistema de conceitos, crenças e convenções que compartilha com outro participante de uma situação discursiva, ainda que seja parcialmente. A correspondência entre quem formula o enunciado e quem processa o significado nem sempre é biunívoca e a escolha de determinadas estratégias, nesse sentido, é básica (...).

A autora (op. cit.) atesta, ainda, que as estratégias argumentativas são pistas auxiliares que se realizam nos processos de percepção, formulação e compreensão de um sentido discursivo e que, como afirma Van Dijk (1992), são construídas cognitivamente nas tentativas de produção de um significado.

No que tange à instância primária da argumentação, ou seja, aquela que, ao considerar o interlocutor, volta-se a uma marcação de posicionamento do locutor, as estratégias argumentativas centram-se em recursos que objetivam a sua eficácia quanto a expressão de um ponto de vista. Nesse sentido, o contexto em que operam torna-se elemento fundamental, uma vez que essa eficácia depende tanto do conhecimento dos interlocutores envolvidos em uma interação, como de seus conhecimentos linguísticos.

Como já afirmamos, ao considerarem a adesão do auditório um foco de direcionamento das estratégias envolvidas em um discurso que vise à aceitação de uma tese, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) consideram, também, que o locutor necessita prever os conhecimentos prévios de sua audiência a respeito de seus valores sociais e culturais para que, assim, obtenha êxito. Os autores (op. cit. p. 137), em seus estudos sobre o processo argumentativo, entendem que essas estratégias são definidas por escolhas de argumentos e pela relação destas com o público a que se destinam: “O estudo da argumentação nos obriga, de fato, a levar em

conta não só a seleção de dados, mas igualmente o modo como são interpretados, o significado que se escolheu atribuir-lhes.”

Sob o ponto de vista sociocognitivo-interacionista, as estratégias argumentativas são parte das estratégias cognitivas²⁵ construídas na compreensão textual e dependem dos conhecimentos prévios sociais e de normas contextuais ativadas durante a interação verbal. Nesse sentido, segundo Koch e Elias (2009, p. 46), compartilham-se conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais, que englobam o conhecimento superestrutural, o metacomunicativo, o comunicacional e o ilocucional²⁶. Isto nos interessa sobretudo, uma vez que, em relação aos direcionamentos argumentativos, consideramos estratégias todos os recursos linguísticos verbais e não-verbais envolvidos em uma interação no sentido de convencer ou persuadir o interlocutor e que, por meio de sua orientação durante a atividade discursiva de um processo que ocorre na e com a linguagem, é também a partir da apropriação de um repertório linguístico conhecido previamente que são construídas, para que o processamento cognitivo se faça com agilidade e com facilidade.

As estratégias argumentativas são, portanto, recursos linguísticos ou não-linguísticos que o locutor utiliza para envolver o interlocutor em sua atividade argumentativa, de modo a convencê-lo ou persuadi-lo. Entendemos ser possível associar tais questões à posição de Fiorin (2007, p. 18) que:

Há no discurso, então, o campo de manipulação consciente e o da determinação inconsciente. A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vista a convencer seu interlocutor.

São inúmeras estratégias argumentativas que podem ser utilizadas nos discursos e, dentre elas destacamos o humor, a ironia, as figuras de linguagem, os provérbios, a seleção lexical e de tempos verbais, as perguntas retóricas, as expressões faciais, entonações e os gestos dos interlocutores, os operadores e modalizadores argumentativos, as exemplificações entre outras. Nossas observações do *corpus* selecionado orientaram-nos a examinar com mais propriedade,

²⁵ Koch (2004, p. 61), as estratégias cognitivas são de ordem textuais.

²⁶ Não estamos, neste trabalho, embasados teoricamente pela perspectiva dos Atos de Fala e, nesse sentido, tratamos por orientação argumentativa o que as autoras compreendem como “força ilocucional”.

assim como expusemos na Introdução desta pesquisa (p. 17), a ironia, o humor, as entonações, e as perguntas retóricas como estratégias argumentativas que nos serviram como categorias de análise. E sobre elas, trataremos a seguir.

3.3.1 Análise de algumas estratégias argumentativas

3.3.1.1 A organização informacional *outflow* e *inflow* na construção estratégica de um *tweet* argumentativo

Como mencionamos no Capítulo 1 deste trabalho (p. 38), o *Twitter* configura-se em um complexo contexto interacional no qual se criam, a todo momento, outros contextos específicos, por meio de interações fundadas em organizações informacionais *outflow* e *inflow*, conforme apontaram Santaella e Lemos (2010). Parece-nos possível afirmar que o ambiente é caracterizado tão somente pela limitação espacial de sua produção textual, a qual funciona como a única regra de um jogo em que cada participante busca, por meios persuasivos a partir da organização informacional, aumentar seu número de seguidores ou utilizando a terminologia proposta por Aristóteles, aumentar seu “auditório particular” dentro de um “auditório universal” ou aberto.

O ambiente *Twitter* é público, pois dele toda e qualquer pessoa pode participar; em um primeiro momento, é possível configurá-lo como um auditório aberto. Entretanto, dois recursos presentes nesse ambiente podem torná-lo particular ou restrito para seus usuários: o *unfollow*, que é a possibilidade de deixar de seguir alguém, e a possibilidade de um “trancamento” de um perfil, ou seja, quando se necessita de autorização prévia para seguir determinada pessoa. Por outro lado, mesmo quando observamos que não há reciprocidade de interação entre todos os usuários que possuam perfis abertos, já que não são todos os inscritos que se seguem mutuamente e que é possível escolher qual perfil seguir, entendemos que a natureza do ambiente permite reconhecê-lo como um auditório amplo, dada à heterogeneidade de usuários e a não necessidade de relações pessoais prévias entre eles, mesmo que haja interações com auditórios particulares.

No *Twitter*, o objetivo final é a conquista de seguidores mediante a organização informacional *outflow*, ou seja, por meio da produção de informações que o usuário lança no ambiente e que podem ser lidas tanto para seus seguidores, como para não-seguidores. Nesse sentido,

os *RTs* – *retweets* – são ferramentas deste ambiente que explicitam tais procedimentos, uma vez que mostram para os seguidores específicos de um perfil o que um seguidor aprovou, ou não, isto porque não se segue somente aquele com quem se concorda. Pelo uso da ferramenta *RT*, é possível despertar paixões e ira e, por consequência, render mais seguidores.

Nessa acepção, salientamos a necessidade de compreender-se a ação persuasiva em dois momentos distintos: i) o primeiro, ligado estritamente ao funcionamento do *Twitter*, por meio da seleção de informações *inflow*, e facilmente comprovado pelo ato de seguir, ou deixar de seguir, um perfil; e ii) o segundo, por meio da seleção de informações *outflow*, ligado à ação que extrapola o ambiente, pelo convencimento e persuasão, de proposições surgidas nele, as quais não são tão simples de serem aferidas por aqueles que as efetivaram.

Contudo, para efeitos de pesquisa, limitamos nossa análise ao segundo momento, ou seja, àquele circunscrito ao que julgamos ser o propósito do ambiente, pois o usuário do *Twitter* busca, pela argumentação, a criação de um auditório particular, mesmo que este seja passível de possíveis e constantes movimentações, inserido em um auditório amplo e, sob tal direcionamento, analisaremos a composição de *tweets* argumentativos e suas diversas possibilidades textuais de manifestação.

3.3.1.2 O papel dos tempos verbais na construção linguística dos *tweets*

Ao tratar especificamente das marcas linguísticas da argumentação em nossa língua, Koch (2011, p. 35) retoma os posicionamentos de Weinrich (1968) sobre as funções dos tempos verbais na construção discursiva. A partir das constatações do estudioso, salienta que:

- As marcas do tempo são altamente redundantes nos enunciados da língua
- Existem leis de concordância dos tempos dentro do período (*consecutio temporum*)
- Os tempos não têm vinculação com o Tempo (*Chronos*)
- Os tempos verbais distribuem-se em dois grupos temporais, com empregos distintos e que não combinam, normalmente, no mesmo período:
 - a) Grupo I: Indicativo: presente, pretérito perfeito composto, futuro do presente, futuro do presente composto, além de locuções verbais formadas com esses tempos.

b) Grupo II : Indicativo: pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito e locuções verbais formadas com esses tempos.

A partir dessas constatações, a autora observa que Weinrich (op. cit.) compreende que, do mesmo modo que os tempos verbais se organizam em dois grupos, as situações comunicativas também se dividem em dois grupos, nos quais há a predominância de um dos grupos dos tempos verbais expostos. Desse modo, o pesquisador entende que há o *mundo comentado* e o *mundo narrado*. “Mundos” assimilados como modo de apresentação do conteúdo de uma comunicação linguística pelo locutor, ao mundo comentado estão circunscritos os gêneros textuais que se organizam em torno de uma atitude tensa, na qual o locutor posiciona-se criticamente. Koch (op. cit., p. 36) afirma que “(...) comentar é falar comprometidamente” e a escolha dos tempos verbais que efetivam essa ação, é realizada por meio da utilização dos verbos do Grupo 1. Tais tempos operam na construção de um sentido que tenha por objetivo constituir “um sinal de alerta” para advertir o interlocutor “de que se trata de algo que o afeta diretamente e de que o discurso exige sua resposta (verbal ou não verbal) – grifos nossos.

Em relação ao mundo narrado, compreende-se que este espera do interlocutor uma atitude mais “relaxada” (Koch, op. cit., p. 35-36), uma vez que a ele estão ligados gêneros textuais que utilizam os tempos verbais propostos por Weinrich no Grupo 2. Desse modo, a autora salienta que os relatos, literários ou não, por serem distantes, perdem sua força responsiva por convidarem o interlocutor a ser um simples ouvinte.

Nesse sentido, retomamos os dois exemplos de *tweets* que apresentamos no Capítulo 2 (p. 104-107) como sendo do tipo argumentativo e narrativo, para observarmos suas respectivas construções a partir dos tempos verbais.

EXEMPLO 4

Tweet 4

Naquela ocasião, nossas análises direcionavam-se aos marcadores linguísticos presentes na superfície textual que pudessem nos levar à construção argumentativa do *tweet*. Observamos, por exemplo, que a presença dos modalizadores *muito* e *n* (não) foram compreendidos como marcadores argumentativos mediante a recuperação contextual por meio da ativação de *scripts*, assim como a relação entre eles e os verbos constantes no enunciado.

Entretanto, sob a perspectiva da utilização de tempos verbais proposta por Weinrich (1968), nota-se que o verbo *lamentar* está conjugado no presente do indicativo, ou seja, no Grupo I, uma vez que a locução verbal no infinitivo composto *ter sido escolhida*, contextualmente, pode não pode ser compreendida como uma locução verbal formada pelos tempos indicados no Grupo I e o verbo *proibiu*, está conjugado no pretérito perfeito simples, portanto, pertencente ao Grupo II.

Se compreendermos que ao mundo comentado estão relacionados os verbos do Grupo I, pela predominância dos tempos verbais observados estaríamos diante de um texto pertencente ao mundo narrado, ou seja, aquele que não pretende obter uma resposta do interlocutor, uma vez que o convida a ser um simples ouvinte. Entretanto, Koch (2011, p. 37), salienta que:

(...) embora normalmente se conte uma história no pretérito imperfeito ou no perfeito simples, no seu resumo empregar-se-á o presente (acompanhado ou não de outros tempos do Grupo 1). Por quê? Porque o resumo de uma novela, de um conto, de um filme, serve, habitualmente, para se fazer crítica – isto é, *comentar* a obra ou para facilitar a outros essa tarefa. O contexto mais amplo, portanto, identifica o resumo como parte de uma situação comentadora, fazendo com que os tempos do mundo comentado se conservem no argumento resumido. (...)

Em tal direção, quando no Capítulo 2 (p. 104) afirmamos que o modalizador (“muito”) e o conector argumentativo subentendido (“que”) “estão presentes para criar uma relação lógico-

semântica entre os enunciados.”e, em tal direcionamento, podemos compreender, também, que o argumento utilizado pelo locutor está em *lamento muito a cidade de sp n ter sido escolhida para sediar a copa das confederações* que, por sua vez, apresenta um resumo comentado de algo que já aconteceu.

Como indicamos na Introdução (p. 21) desta pesquisa, Koch (2011, p. 17) afirma que “o ato de argumentar faz-se presente em todo e qualquer discurso, visto que, pela linguagem, todo homem procura agir sobre o outro e sobre si mesmo e que a todo “discurso subjaz uma ideologia”. Nesse sentido, compreendemos que escolha do tipo que condicionará o *tweet* não é aleatória e desvinculada de direcionamento, mas escolhida, estrategicamente, em um repertório de materialização linguística que tipifica textualmente o gênero de acordo com as escolhas do locutor. Assim, entendemos que mesmo a construção tipológica de um *tweet* narrativo, pode trazer em si marcas linguísticas e não-linguísticas resumitivas de comentário, a ponto de provocarem uma resposta do interlocutor.

No caso dos *tweets* argumentativos, gênero foco de nossas análises, a clareza presente em sua construção, seja pela presença de modalizadores ou operadores argumentativos, seja pela escolha dos tempos verbais, também pode ser compreendido como uma escolha estratégica por meio da seleção prévia de organização informacional *outflow* que marque um posicionamento e que pretenda conquistar seguidores em um auditório aberto, apesar de não apenas mostrarem, por parte do locutor, suas aptidões de raciocínio em um espaço limitado de escrita em até cento e quarenta caracteres.

A seguir, tratamos da ironia como uma das estratégias argumentativas que especificamos, já na Introdução (p. 24), como importante categoria de análise.

3.3.1.3 A ironia

Segundo Machado (1995, p. 142), a ironia assume um caráter ambíguo enquanto estratégia argumentativa em função de poder ser vista como uma “contra-verdade”, uma vez que aquele que, ao utilizá-la como recurso estratégico em uma atividade argumentativa, o locutor encontra-se em uma situação de interação na qual “não deseja transmitir ou não pode ou não

deve – por razões diversas – ser dito de maneira “explícita”. Nessa direção, o locutor procura “disfarçar” o que pretende dizer.

Além disso, a autora nos mostra que em um jogo argumentativo, o uso da ironia como estratégia argumentativa é bastante poderoso em virtude de concentrar em si o poder que o locutor tem durante sua enunciação de “realçar o ridículo das opiniões que quer combater”. Redimensionamos a posição de Machado (op. cit.) e apontamos a possibilidade de essa estratégia servir, igualmente, como um modo de o locutor marcar seu posicionamento diante de algo.

A autora (op. cit., p. 144) observa, também, o cuidado que o locutor deve ter ao usar a ironia, principalmente no que tange ao “como” a utiliza e a constrói, sob pena de não conseguir o efeito desejado. Acreditamos que o locutor, ao utilizá-la como estratégia argumentativa, com a dimensão crítica que possui, deve tomar o cuidado de ser o mais diplomata possível a ponto de poder negá-la, se confrontado pela utilização irônica de um enunciado.

Nessa direção, Aquino (1997, p. 189) ressalta que a ironia possui caráter ambíguo, ou seja, dissimulado e sutil, e que sempre pode ser invocado de modo a não parecer uma contraposição – fato que configura sua utilização à ausência do receio de sofrimentos de sanções por parte do interlocutor – pode ser ajustada ao valor do argumento “que melhor lhe convier” (Aquino, 1997, p. 189), ligando-se, portanto, a dois enunciados diferentes. Sua utilização e reconhecimento revelam as habilidades argumentativas dos interlocutores que, estrategicamente, procuram desqualificar, de forma sutil, o oponente.

Salientamos que, para tanto, esse recurso estratégico muitas vezes é coadunado a outras estratégias argumentativas, como o humor – que examinamos no item a seguir –, “elementos figurativos (hipérboles e metáforas) ou palavras que não são ‘suas’ ou que toma emprestado de outras vozes, de outros discursos e de outras situações comunicativas” (Machado, 1995, p. 144-145). Em função disso, a ironia, que nos é muito cara nesta pesquisa, também é um recurso que atua estrategicamente na orientação argumentativa, mas que se apresenta indiretamente na argumentação, já que funciona como uma estratégia que opera no nível da coerência.

Nesse âmbito, Aquino (1997, p. 189-190), por direcionar sua pesquisa às estratégias argumentativas em interações polêmicas da modalidade falada, ressalta que junto à ironia tam-

bém devem ser analisados os gestos como elementos constitutivos e indicativos de sua manifestação. Neste ponto, observa que os sentidos simbolizam uma relação comportamental que

corresponde a uma marca ou instrumento de uma atividade criativa; índice de emoção, imagem que o corpo dele pode produzir juntamente com a palavra, comunica um sentido, é uma metáfora. O gesto não só indica, mas instaura relações (na direção de Kristeva, 1968, p. 53) (...).

No que concerne à coadunação da ironia a outras estratégias, observamos que ela pode ser incorporada ao discurso como elemento argumentativo que nega o discurso do outro, ou a outro recurso que opera de modo ambivalente no sentido de opor-se àquilo que foi dito. A manifestação da ironia pode ser considerada análoga à paródia, que é tratada por Ricoeur (1988) como recurso estratégico argumentativo configurado pela intertextualidade decorrente da interdiscursividade, conforme se observa a seguir:

A paródia permite uma variedade considerável. Pode-se parodiar o estilo do outro como estilo; pode-se parodiar o modo característico de observar, pensar e falar típicossocial ou individualmente. Além disso, pode ser mais ou menos profunda, pode-se limitar a parodiar a superfície verbal, mas também pode-se parodiar até os princípios mais profundos da palavra do outro.

Tal manifestação é extremamente comum às falas cotidianas, podendo ser identificada pela prosódia, gestos, etc. Em textos escritos, a identificação da paródia faz-se por conhecimentos prévios de mundo, e a intertextualidade nem sempre é marcada linguisticamente. Em textos digitais emergentes, como os *tweets*, que, como observamos no Capítulo 1 desta pesquisa (p. 58), são fortemente marcados pela oralidade, há a necessidade da marcação linguística, até mesmo para que não se configure um mal-entendido na orientação argumentativa que pretende e depende de conhecimentos prévios: seja de assuntos tratados no próprio ambiente ou fora dele.

Em textos digitais emergentes, os gestos que podem denotar a ironia, se não podem ser realizados tal e qual uma situação falada, podem ser expressos por marcas linguísticas apropriadas que, mais uma vez, dão a estes gêneros características da oralidade. A utilização de *emoticons*, por exemplo, simbolizam as emoções (irônicas ou não) dos usuários diante de um enunciado, constituindo-se, muitas vezes, no próprio enunciado, assim como as *hashtags*, que ocorrem particularmente no *Twitter* como forma de encerrar um assunto, também de forma irônica ou não. Ob-

servações acerca da utilização do humor associado aos sinais de pontuação, conforme apregoados por Marcuschi (2002, 2008), igualmente nos direcionam para a compreensão do fato. Destacamos que as reticências, por exemplo, podem orientar argumentativamente ao indicarem silêncios.

A seguir, examinamos um segmento do *corpus* deste trabalho em relação ao uso da ironia como estratégia argumentativa:

EXEMPLO 6

Tweet 6

Nesse *tweet*, composto por duas unidades enunciativas, em que a primeira, E1, refere-se ao enunciado “#BreakingDawnLive e eu aqui na escola” e, a segunda, E2, ao enunciado “#vidaloka”, observamos a presença de duas *hashtags*: “#BreakingDawnLive” e “#vidaloka”.

Nota-se que em E1, a *hashtag* opera como tema em uma informação contextualmente deduzível, ao rema “e eu aqui na escola”. Informações recuperadas no âmbito da coerência pela ativação de conhecimentos prévios acerca da oposição entre duas situações que estão ocorrendo concomitantemente: um programa de televisão e o horário escolar. Além disso, refere-se à incompatibilidade entre os dois, e a presença do operador argumentativo “e”, apesar de se configurar em um operador argumentativo de adição, estabelece uma relação de adversidade focalizada em uma relação lógico-argumentativa de relativiza o uso comum da língua, conferindo-lhe valor argumentativo de reprovação. Nesse sentido, recorre-se a conhecimento prévio acerca da funcionalidade das *hashtags*, no ambiente *Twitter*, como a possibilidade de ser compreendida como um enunciado completo e que, portanto, para que se estabeleça a coerência pelo uso da ironia o que, neste caso, permeia a construção de

Na *hashtag* de E2, por outro lado, há a reafirmação irônica da reprovação pela ortografia, “vidaloka”, não condizente com os enunciados que devem ser produzidos na esfera escolar. O estabelecimento da coerência depende da ativação de *scrips* que registram E2 como comuns a cantores de *rap* e, dessa forma, faz-se presente a ironia, por meio de uma manifestação prosó-

dica em relação ao estilo e ao falar típicossocial do outro. Desse modo, a construção de sentido processa-se no nível da coerência, de modo a contrapor, como um comentário (rema) irônico de uma situação apresentada.

Podemos afirmar que a construção irônica da *hashtag* também integra o humor como estratégia argumentativa, uma vez que quando a assimilação desse discurso do outro não é compreendido como sendo da esfera escolar, pelo estranhamento que causa, pode provocar o riso. De acordo com essa observação, avaliamos ser de extrema importância, analisar o humor como estratégia argumentativa no item seguinte.

3.3.1.4 O humor como estratégia argumentativa

A atividade argumentativa que se alicerça na persuasão em que se articula argumentação/conhecimento/discurso/cognição e racionalidade, como já aludimos anteriormente neste mesmo capítulo, tem fundamentação teórica nos preceitos de Aristóteles (s/d) retomados por, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) que buscaram estudar as estratégias argumentativas de persuasão e convencimento como recursos eficazes na efetivação de uma tese. Nesse sentido, selecionamos o humor como uma delas, a fim de observar sua relevância na construção de *tweets* argumentativos que visem demarcar um ponto de vista do locutor. Por essa razão, se a persuasão é objetivo final da argumentação, a mobilização do interlocutor mostra-se fundamental.

Desse modo, compreendemos que o humor possui características relevantes para que se torne uma de nossas categorias de análise, uma vez que ao lançar mão da graça, o locutor pode promover, pelo riso, o interlocutor a também se posicionar sobre um tema polêmico ou mesmo sobre o ponto de vista do locutor.

Coadunada a outras estratégias argumentativas, sejam escolhas lexicais, entonações de voz, argumentos ou ironia, por exemplo, a estratégia do humor pretende não somente marcar positivamente o posicionamento do locutor, mas também posicionamentos contrários acerca de algo. Nesse direcionamento, se como vimos acerca das organizações informacionais *outflow* serem construídas baseadas na argumentatividade da língua as quais não tornam nenhum tipo textual de *tweet* neutro, consideramos que em um auditório aberto como o *Twitter*, majoritaria-

mente marcado pela informalidade e que pode efetivar interações síncronas ou assíncronas de simulação de conversas face a face – como nos casos dos *chats* (Capítulo 1, p. 58) – a estratégia que pretende causar graça ou riso, pode se configurar em excelente recurso persuasivo pela marcação de um ponto de vista na construção de um texto sedutor.

Entretanto, em relação à ideia geral de o humor apenas causar riso, Travaglia (1992, p. 50) salienta que, apesar de essa ser uma característica, não é a única possível, uma vez que, por ser de natureza libertadora, (o humor rompe a “proibição e a censura imposta ao indivíduo ou a grupos”) sua função principal consiste em fazer uma crítica ou denúncia, já que essa estratégia argumentativa mostra “o absurdo e o ridículo de muitos comportamentos do homem”. Essas observações, permitiram que o autor afirmasse que

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

Diante do exposto, podemos considerar que o humor, apesar de causar riso ou graça, pode, igualmente, marcar um posicionamento positivo ou negativo do ponto de vista do locutor.

Vejamos esse dois exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa:

EXEMPLO 7

Tweet 7

O *tweet* acima possui como enunciados um *hipertexto* – *paper.li/Grupos21A/13512...* e cinco *hashtags*, das quais a *#paperli* consiste, pela recuperação cognitiva-conceitual por meio de ativação de *scripts* de conhecimentos prévios do ambiente, bem como pela construção da coerência que efetiva a progressão sequencial nos mesmos moldes que analisamos o *Tweet 3*,

presente no Capítulo 2 (p. 90) dessa pesquisa, ou seja, pela observação contextual que permite que as *hashtags* sejam compreendidas como um enunciado completo. Nesse sentido, nota-se que a *hashtag* sob análise, permite desdobramentos que são efetuados pelas demais.

Isto porque, contextualmente e por conhecimento prévio, sabemos que *paper.li* constitui-se em um jornal *on-line* que os alunos, segundo a metodologia exposta neste trabalho (p. 24), deveriam produzir pela recuperação automática de seus *tweets* e *retweetes*. Desse modo, as *hashtags* seguintes constituem-se em remas-comentário que, nesse caso, são marcados pelo humor como estratégia argumentativa ambígua de posicionamento do locutor.

Embasados em Machado (1995) e Aquino (1997), observamos que essa ambiguidade é marcada pelo uso da ironia coadunada ao humor, uma vez que *#dificildemexer*, *#dandotrabalho*, *#vamoseditar* e *#jornaldiario*, perfazem comentários negativos sobre a atividade proposta na sequência didática. Entretanto, seu uso irônico não está relacionado ao falar típicossocial do outro, como no exemplo anterior, mas sim à necessidade de disfarçar o que se pretende dizer, em função de o locutor encontra-se em uma atividade escolar na qual tem consciência que seu texto será lido pelo professor. Nessa direção, notamos que a ambiguidade está marcada pelo uso coadunado do humor, que é observado na própria construção de várias *hashtags* como enunciados completos. Se confrontado, esse posicionamento negativo por parte do locutor, pode ser revertido afirmando-se, por exemplo, que tudo não passou de um comentário em um “tom de brincadeira”. Como Travaglia (1990, 1992) salientou sobre a funcionalidade do humor como estratégia argumentativa, esse tem, por finalidade uma crítica diante da provocação do riso frente a algo que o locutor considere ridículo.

Nesse sentido, observamos que o aluno que produziu o texto, não está de acordo com o que lhe foi solicitado a fazer, mas sua construção da orientação argumentativa por meio de *hashtags* irônicas já se configura em uma ausência do receio de sofrimentos de sanções por parte do interlocutor, uma vez que, segundo Aquino (1997, p. 189), ele pode ajustar esse enunciado crítico do modo que melhor lhe convier.

No item a seguir, recorreremos à apresentação de um outro exemplo de construção de *tweet* argumentativo por meio da utilização das estratégias que relacionamos – tais como humor, ironia –, relacionadas às entonações marcadas pela utilização de sinais de pontuação e

letras maiúsculas. Por isso, entendemos que é fundamental antes de observarmos esse exemplo citado, que procedamos às discussões teóricas que versem sobre as entonações e marcadores de expressões faciais, as *emoticons*, assim como os sinais de pontuação gráfica e utilização de letras maiúsculas como estratégias argumentativas.

3.3.1.5 Sinais de pontuação e letras maiúsculas como marcas estratégicas

Diante de nossas observações sobre a realização da escrita no ambiente *Twitter*, coadunadas às orientações de Marcuschi (2002, 2008), notamos a grande incidência de sinais de pontuação como as reticências, pontos de exclamação, pontos de interrogação e, também, de outros sinais gráficos como as *emoticons* e indicação por setas, ou por traços. Com o objetivo de analisar a dimensão argumentativa destes sinais e semioses, decidimos observar, também, a funcionalidade sintático-semântica da utilização de sinais de pontuação na construção de sentidos.

Sem nos atermos às discussões sobre questões relativas aos diferentes critérios entre a oralidade e a escrita, concordamos com Albuquerque (2012, p. 12) para tratar os sinais de pontuação como elementos suprasegmentais com atuação importante nessas duas modalidades da língua, quer seja pela marcação das unidades textuais ou “ênfatizando-as ou substituindo-as”. Consideramos que a pontuação atua tanto no nível de correspondência da oralidade na escrita, como no sintático-semântico de construção contextual de sentido.

No que se refere à produção escrita em gêneros textuais digitais, quando da análise intergenérica do *tweet* em relação aos estudos propostos por Marcuschi (2002), notamos que esse gênero sob exame, possui características semelhantes tanto ao *e-mail* como ao *chat* e, nessa direção, foram importantes os estudos de Modesto (2007), Santos e Ferreira (2010) e Santos e Teixeira (2010) sobre as interações e materialização linguística realizadas em conversas eletrônicas mediadas (CMDs) por dispositivos móveis.

Em seus estudos sobre a constituição dos gêneros textuais digitais, Marcuschi (2002) observou que em relação ao *chats*, esses possuíam um alto grau de informalidade devido à proximidade entre os interlocutores em um contexto digital que se assemelha a uma conversa cotidiana. Nesse sentido, examinar como se processa a materialização da escrita nesses ambientes

que se aproximam muito da oralidade, é uma questão importante, tendo em vista que, apesar de carregarem essa característica, é pela escrita que os gêneros textuais digitais são realizados.

Em relação ao exposto, retomamos as palavras de Marcuschi [2002, 2008, p. 199, (Capítulo 1, p. 64)] que classificou, genericamente, materialização da escrita realizada nos gêneros textuais digitais como sendo semialfabética, com estruturas frasais pouco ortodoxas, mediante uma pontuação minimalista e integrada por semioses. Como salientamos naquele momento, afirmamos que, devido à emergência do meio digital, tais características apontadas pelo linguista concorrem para uma construção econômica desta escrita. No que tange ao *tweet* como gênero digital emergente, a economia espacial é uma regra que deve ser seguida e, sobre a qual, a construção da coerência textual não deve desprezar nenhum elemento linguístico e não-linguístico.

Dentre as possibilidades de interação no ambiente *Twitter* mediante o gênero textual digital *tweet*, observamos (Capítulo 1, p. 54, Tabela 2) que esse gênero pode se aproximar dos *chats* em relação à proposição uma CMD. Diante disso, é importante que questões referentes às configurações das interações face a face, sejam retomadas. Marcuschi (2001, p. 63) ressalta que os elementos não-verbais e suprasegmentais exercem papel importante na construção de sentido e dentre eles, o autor destaca as gesticulações, as expressões faciais por olhares ou risos, as pausas e as entonações. Nesse âmbito, autores como Urbano (1997), Castilho (2000), Koch (2004), entre outros, dedicaram-se ao estudo desses elementos típicos da fala, em uma dimensão discursiva-interacional como marcadores conversacionais com complexidade semântico-sintática e pragmática na colaboração da construção de um sentido.

Para Koch (2004, p. 106), por exemplo, esses marcadores “fornecem pistas importantes para os interlocutores, visto que eles ‘pontuam os textos’”, salientando que alguns funcionam como sinais do falante, outros do ouvinte.”

Segundo Castilho (2004), os MCs condicionam-se em estratégias discursivas que atuam nas conversas. Nessa orientação, apoiamo-nos no posicionamento de Amossy (2007) acerca das instâncias argumentativas para afirmar que esses marcadores conversacionais também podem assumir-se como estratégias argumentativas referentes à posição de um ponto de vista por parte do locutor.

Urbano (1997), os MCs configuram-se em articuladores que dão coesão e coerência ao texto falado e, ao observar suas funcionalidades, classificou-os, em linguísticos (verbais lexicados – Como sabe? Tá certo. Tá, Ok. etc. – e verbais não-lexicados – ahhh, é, eh etc) e não-linguísticos (gestos, olhares, risos).

Assim como Urbano (op. cit.), Castilho (2000, p. 46) pontuou que os marcadores conversacionais também podem ser divididos em lexicais e não-lexicais, mas inseriu, em sua classificação, uma outra possibilidade de ocorrência: os MCs prosódicos – alongamentos, articulação enfática., mudanças de tessitura e velocidade da fala, pausas, mudanças certos itens lexicais e pré-lexicais, expressões completas que, na interação, funcionam como MCs.

Modesto (2007, p. 1), por sua vez, ao estudar a configuração dos MCs realizadas em *chats*, salientou que nessas CMDs, por exemplo, apresentam-se “(...) uma estreita relação entre fala e escrita [...] em que estratégias conversacionais próprias da fala são utilizadas no momento de interação eletrônica (...)”. Nesse direcionamento, segundo os preceitos de Santos e Teixeira (2010), consideramos que essa relação estreita estabelecida pelo autor, configura-se, na verdade, em uma imbricação do *continuum* fala e escrita, caracterizada pelo processo de virtualização da escrita e da construção de sentidos restritos ao espaço de sua efetivação.

Em relação à materialização linguística dos marcadores conversacionais, Modesto (2007) recuperou as categorias propostas por Urbano (1997) e Castilho (2000) para ressaltar que em uma interação digital em *chats* informais, os MCs verbais lexicados são representados da mesma maneira e os prosódicos e não-linguísticos, por onomatopeias e *emoticons* e sinais de pontuação, como as reticências.

Em uma perspectiva sociocognitiva-interacionista de observação da funcionalidade dos sinais de pontuação como operadores de textualidade na colaboração da construção dos sentidos, Aquino (1997, p. 190) salienta que as reticências, por exemplo, podem orientar-nos argumentativamente para a existência dos silêncios como estratégias argumentativas. Nesse direcionamento recorre aos estudos de Tannen (1990) para afirmar que as preferências culturais no uso de determinadas estratégias são importantes de serem observadas, uma vez que

tanto o silêncio, quanto uma torrente de palavras podem assinalar grandes emoções. (...) a pausa marca o conflito entre os personagens e o clímax. O silêncio pode mascarar e, conseqüentemente, marcar fortes emoções negativas. (...)

Em relação à configuração das reticências como uma estratégia argumentativa de marcação de ponto de vista do locutor, tanto os silêncios como as pausas, marcam fortes emoções, sejam positivas ou negativas de quem as utiliza como recurso estratégico de construção textual.

Outros sinais de pontuação, como os de exclamação, aspas, travessão e interrogação, também devem ser estudados tanto na dimensão da oralidade, como na dimensão sintático-semântica. Isto porque, carregam em si, importantes funções de orientação argumentativa do locutor, visto que do ponto de vista sintático, por exemplo, os pontos de exclamação são utilizados para separar unidades textuais, enquanto do ponto de vista semântico, orientam o interlocutor na direção da construção de uma entonação enfática, que pode ser de surpresa, alegria ou espanto por parte do locutor.

O travessão também é utilizado na separação de unidades textuais, podendo separar enunciados explicativos ou mesmo substituindo os parênteses, os dois-pontos ou as vírgulas. Além dessa função sintática, é pelo uso do travessão que se introduz outras vozes ao texto, uma vez que podem intercalar os interlocutores que participam de um diálogo. Nesse direcionamento, são importantes organizadores textuais que atuam na construção cognitiva de um texto.

As aspas têm por finalidade, destacar partes de um texto, seja para ressaltar palavras, ou mesmo para marcar o uso de expressões ou até mesmo a ironia – o que já seria um contrassenso dada à sua função de operar em dois enunciados, nos quais a sutileza deve prevalecer, como vimos anteriormente ainda neste capítulo. No entanto, assim como o travessão, também pode-se recorrer ao seu uso para intercalar as vozes dos interlocutores que participam de um diálogo e, nesse sentido, observamos que também ela atua como operador de textualidade.

Frente ao que acabamos de apresentar, parece-nos que, assim como as reticências, a utilização desses sinais que acabamos de expor, também podem se configurar em estratégias argumentativas marquem o posicionamento do locutor. Isto, claro, dependerá de análises contextuais e de recuperação da coerência em seu sentido cognitivo-conceitual.

Se, pelo que expusemos em relação ao uso estratégico argumentativo dos sinais de pontuação, cabe-nos ressaltar que a utilização das letras maiúsculas na construção de um enunciado inserido contextualmente em um ambiente digital refere-se diretamente à entonação que o locutor pretende dar a seu enunciado e assim como as *emoticons* – que marcam as expressões faciais sentimentais do locutor – e as onomatopeias – que são figuras de linguagem responsáveis pela marcação da introdução de sons pelo locutor como as risadas, por exemplo – são categorias de análise amplamente estudadas na construção de sentido dos gêneros textuais digitais. Desse modo, cabe-nos examinar em que dimensão a utilização desses recursos conferem ao interlocutor uma orientação e marca argumentativa pelo locutor.

No item a seguir, examinamos a construção das perguntas retóricas e, por tal motivo, não nos detivemos na funcionalidade sintático-semântica dos pontos de interrogação. Por ora, observamos dois exemplos de *tweets* constantes do *corpus* dessa pesquisa mediante a análise da utilização de sinais de pontuação.

EXEMPLO 8

Tweet 8

Esse *tweet* não apresenta semioses, tampouco é materializado linguisticamente por uma escrita semialfabética. Nota-se, no entanto, a presença das reticências para demarcar a fim da unidade textual *Muito sono para pouco eu...*”. Nessa direção, a construção da coerência textual faz-se a partir da coadunação entre o humor, por meio do estabelecimento de uma relação contraditória marcada pela presença dos modalizadores “*muito*” relacionado a “*sono*” e “*pouco*”, relacionado a “*eu*”. Além de demarcarem relações de oposição, a ligação entre o modalizador “*pouco*” e o pronome “*eu*”, não configura-se em uma construção textual ajustada na Língua Portuguesa e, justamente por isso, ou seja, pelo *ridículo* da associação proposta no enunciado, que ela pode ser considerada como causadora de riso.

Na mesma orientação de observação proposta por Modesto (2007) acerca da materialização linguística dos marcadores conversacionais prosódicos em gêneros textuais digitais marcados pela oralidade, coadunada à proposta de Aquino (1997) sobre as reticências sinalizarem silêncios ou pausas mediante a marcação de emoções, salientamos que é, nesse caso, o seu uso direciona o interlocutor para duas instâncias de marcação do ponto de vista do locutor: a) a primeira, relacionada ao silêncio que permite o realce, e portanto, uma nova leitura da construção desse enunciado dotado de humor e b) a segunda, na qual é importante acessarmos, pelo conhecimento prévio sobre esse *tweet* ter sido produzido produzido em um contexto escolar, relaciona o uso desse sinal de pontuação justamente como marcador da ironia estabelecida na construção contraditória e não ajustada aos textos de Língua Portuguesa.

Nesse caso, podemos afirmar que as reticências demarcam o silêncio por parte do locutor – já que não há nenhum enunciado posterior que lhe dê continuidade – e a ironia e o humor, visto que, no contexto recuperado, o locutor apresenta-se com muito sono e, portanto, em um estado no qual não consegue realizar com afino nenhuma atividade.

Sob tal circunstância examinada, notamos a conciliação de duas estratégias argumentativas – o humor e a ironia – marcadas diretamente pelo uso estratégico das reticências e, dessa maneira, o locutor procurou construir, sutilmente, um enunciado do qual pode se esquivar se confrontado.

Perante o exame que acabamos de proceder, destacamos que os estudos detalhados de outros exemplos referentes ao uso da pontuação, de sinais gráficos, da utilização de letras maiúsculas e das onomatopeias, coadunados à construção textual de um *tweet* argumentativo coesa e coerente, bem como às demais estratégias observadas neste capítulo de nossa pesquisa, serão efetuadas no Capítulo 4 (p. 153), especificamente destinado às análises do *corpus*

Adiante, passamos às discussões relativas à constituição das perguntas retóricas como estratégias argumentativas.

3.3.1.6 As perguntas retóricas como estratégias argumentativas

Muitos estudiosos de outras perspectivas teóricas linguísticas que não a sociocognitiva-interacionista, dedicaram-se a examinar a função que as perguntas adquirem nas relações humanas. Entretanto, para o que nos interessa especificamente neste trabalho, podemos pontuar que elas possuem um caráter extremamente interativo, na medida que atuam diretamente em uma resposta do interlocutor.

Nessa orientação, não vamos novamente aqui destacar a relação entre os sinais de pontuação e suas funções sintático-semânticas e pragmáticas. No item anterior, ressaltamos que trataríamos da materialização dos sinais de interrogação na medida em que eles demarcassem uma pergunta retórica que, no posicionamento de Robrieux (1993) são aquelas que consistem em afirmações na aparência de questionamentos que têm por objetivo manipular e persuadir o interlocutor.

Em tal acepção, para Aristóteles (s/d. 218), a utilização desse recurso como uma maneira de agir sobre o outro por meio da linguagem e de maneira persuasiva, caracteriza-se quando

O emprego da interrogação é particularmente oportuno, quando acontecer que o adversário, depois de ter expresso uma das partes da alternativa, à menor interrogação suplementar, responde um absurdo (...) emprega-se a interrogação, quando, sendo evidente um primeiro ponto, é manifesto que, a seguir, à interrogação, o adversário concederá o outro; aliás, quando nos informamos sobre uma premissa única, não devemos por interrogação, suplementar acerca do que é evidente, mas sim enunciar a conclusão (...) Podemos ainda empregar a interrogação, quando há possibilidade de mostrar que o adversário se contradiz ou que suas afirmações são paradoxais (...) usamo-la quando o adversário é obrigado a responder de maneira sofisticada, para destruir a asserção proposta (...)

Para que essa estratégia configure-se em categoria de análise para o que se propõe este trabalho, não menos importante é o posicionamento de Blair (s/d) sobre a utilização da pergunta retórica como recurso estratégico. Em seus estudos em relação às conversas cotidianas, notou que a utilização das perguntas retóricas como recursos estratégicos-discursivos podem se configurar em figuras passionais, as quais, de modo corriqueiro, tornam-se recursos que o locutor lança mão a fim de que o interlocutor seja levado a sentir a paixão daquilo que é enunciado, mediante a contundência de uma afirmação sob a forma de questionamento. Além disso, em

uma conversa face a face que não seja corrente ou banal, essas perguntas adquirem um caráter passional por meio do estabelecimento da simpatia do interlocutor para com o locutor, direcionando o interlocutor em um sentido argumentativo que marca o posicionamento do locutor frente a uma situação.

No que se refere ao uso desse recurso na construção de *tweets* argumentativos, sabemos que a informalidade pode estar muitas vezes presente no uso da linguagem na construção textual dos gêneros textuais digitais – sendo assim também no gênero sob análise – podendo ser configurada em uma CMDs por meio de respostas sincrônicas, como discutimos no Capítulo 2 desta pesquisa (p. 54).

Importantes, também, são os posicionamentos de Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 161) acerca das perguntas retóricas. Isto porque, a partir da definição desse recurso, compreendem sua manifestação discursivo-textual “(...) quando o falante elabora uma P[ergunta] com o intuito de que o ouvinte não responda, porque aquele já conhece a R[esposta] e é só uma questão de procurá-la na memória” e, desse modo, uma vez que nessa conceituação não está contemplada explicitamente seu caráter estratégico persuasivo, as autoras direcionam-nos, também para uma compreensão metadiscursiva desse recurso. Assim, pela não necessidade de resposta por intermédio ativação da memória do interlocutor, pode-se entender que a utilização das perguntas retóricas está igualmente relacionada a um elemento de organização textual a que o locutor recorre – tanto para si, como para o interlocutor – no sentido de promover a manutenção temática daquilo que expõe durante um evento comunicativo.

Se entendemos que as perguntas retóricas, por meio da não necessidade de resposta, podem atuar tanto de maneira persuasiva ao apontar uma obviedade tamanha que uma resposta do interlocutor seria uma insensatez, como de modo a organizar um texto durante uma atividade discursiva, seja para o locutor, seja para o interlocutor, também podemos declarar que elas se configuram tanto em estratégias argumentativas, como em uma estratégia de construção textual que opera na organização do enunciado formulado pelo locutor, a ponto de ajustar esse enunciado de maneira coesa, para que se torne coerente tanto para quem o formula, como para o interlocutor.

Nessa acepção, observamos mais um exemplo dois *tweets* pertencentes ao *corpus* dessa pesquisa, mas, nesse momento, em relação à formulação de uma pergunta retórica.

EXEMPLO 9

Tweet 9

Epaminondas @evg11c · 23 de nov de 2012

Para que serve uma escola se os professores não comparecem?

Expandir

[Responder](#)
[Retweetar](#)
[★ Curtir](#)
[... Mais](#)

Esse *tweet* pertencente ao *corpus* desta pesquisa é formulado em torno de uma pergunta retórica que marca, de modo negativo, o posicionamento do locutor diante de uma situação de falta de um professor.

Se, como afirmou Robrieux (op. cit.), as perguntas retóricas têm por finalidade manipular e persuadir o interlocutor, também podemos sustentar que no caso do gênero analisado os preceitos de Amossy (2007) sobre a argumentação poder, igualmente, manifestar-se em instâncias que visem à marcação de um ponto de vista do locutor servem-nos para examinar essa construção textual dessa maneira.

Assim, recorremos aos posicionamentos de Aristóteles (s/d, p. 218) que, diante das formulações desses questionamentos, pontuou que “(...) quando nos informamos sobre uma premissa única, não devemos por interrogação, suplementar acerca do que é evidente, mas sim enunciar a conclusão (...)” e, nesse direcionamento, coadunamos as palavras do filósofo às de Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 161) quando compreendem as perguntas retóricas como elaborações de perguntas que não precisam ser respondidas, uma vez que ao interlocutor, basta recorrer à memória para encontrar a sua resposta, ou seja, tais interrogações consistem em enunciações evidentes tanto para o locutor, como para o interlocutor.

No caso do *tweet* sob exame, novamente devemos acessar nosso conhecimento prévio acerca do contexto em que foi produzido, qual seja: o escolar. Desse modo, a construção da coerência que opera na enunciação em forma de interrogação, recai sobre o descontentamento do interlocutor frente ao funcionamento da instituição escolar, principalmente naquilo que lhe caracteriza: o professor. Diante disso, é possível afirmar que o locutor direciona sua descrença ao profissional que não comparece para dar aulas, por meio de um questionamento que a maioria de seus interlocutores recorrerão à memória para responder, uma vez que o auditório particular do locutor, conforme anotamos na metodologia deste trabalho (p. 24), é formado tanto pelo professor, como por outros alunos.

Apesar de constataremos que essa estratégia de construção enunciativa argumentativa marca o ponto de vista do locutor, também não podemos descartar sua força persuasiva diante de uma organização informacional *outflow* que pretenda destacar aquilo que o locutor considerou como evidente para todo o seu auditório particular.

Vejamos mais um exemplo de utilização de pergunta retórica na construção de um *tweet* argumentativo:

EXEMPLO 10

Tweet 10

Diferentemente do *tweet* anterior, o gênero que examinamos neste momento, contém dois segmentos: a *hashtag* “#VoltaRBD”, construída em forma de interrogação, e “ACHO QUE NÃO”.

A construção da *hashtag* em torno de uma pergunta retórica pode ser observada sob dois critérios: o primeiro, concernente aos quatro sinais de interrogação utilizados para sua formulação e, o segundo, justamente pela marcação de um enunciado-resposta formulado em letras maiúsculas.

Como observamos ainda neste capítulo (p. 132), a utilização de letras maiúsculas na materialização linguística de gêneros textuais digitais que imbricam fala e escrita, consiste em enfatizar as entonações às quais o locutor procura imprimir em seu enunciado. Segundo Castilho (2007), dentre os marcadores conversacionais que podem se configurar em estratégias, estão aqueles que, na prosódia, marcam uma articulação enfática. Nesse direcionamento, a opção em se produzir um enunciado escrito em letras maiúsculas busca uma referência nas interações orais da língua quando nessas, muitas vezes, há a acentuação da entonação para demarcar um posicionamento, seja contrário ou favorável a algo.

Assim, no *tweet* sob análise, o locutor foi enfático ao afirmar que não está de acordo com o tema proposto pela *hashtag* formulada como uma pergunta retórica. Para essa afirmação, necessitamos acessar os conhecimentos prévios que nos orientam para a compreensão de que

“RBD”, significa uma sigla correspondente a um grupo mexicano que surgiu em uma novela denominada “Rebeldes” e que, no início da década passada, fez sucesso no Brasil.

A partir do exposto, a construção da coerência textual foi estabelecida pelo valor semântico-argumentativo que os quatro pontos de interrogação adquiriram no sentido de também, mas não pela utilização de letras maiúsculas, enfatizar prosodicamente uma surpresa desagradável a algo que poderia ressurgir no cenário musical nacional. Desse modo, a pergunta não significa um questionamento sobre algo que de fato se quer obter uma resposta, visto que o espanto imprimido ao enunciado do locutor, já direciona o interlocutor para aquilo uma marcação de ponto de vista.

Além disso, a utilização dos quatro pontos de exclamação também adquire um sentido irônico quando observamos a existência de uma resposta, igualmente formulada com ironia. Isto porque, a própria resposta “*ACHO QUE NÃO*” diante do que apresentamos sobre a utilização das letras maiúsculas na construção de enunciados em gêneros digitais que imbricam a fala e a escrita, que direciona o interlocutor para o uso do verbo “*acho*” em um sentido oposto ao que poderia enunciar, isto é, pela ativação dos conhecimentos prévios acerca dos usos verbais, como também das formulações de expressões irônicas. O verbo achar, nesse contexto, não remete a não ter certeza, mas para a certeza que o locutor imprimiu a um enunciado-pergunta que considera absurdo ou ridículo.

Nesse direcionamento, a “resposta” ao primeiro enunciado, não se configura em uma resposta, mas em um rema-comentário que demarca o posicionamento negativo do locutor frente à volta do conjunto RBD. Assim, se a pergunta não era uma pergunta, mas uma afirmação mascarada em forma de tema, a resposta dada pelo locutor, também não é uma resposta. Observada, pelo emprego da ironia que é construída em função de uma pergunta-retórica não precisar de resposta, como também em função da materialização linguística do enunciado ser efetuada em letras maiúsculas, na qual o uso do verbo “achar” foi recontextualizado.

Como notamos nos itens relativos à utilização da ironia (3.3.1.3.), humor (3.3.1.4.), sinais de pontuação, utilização de letras maiúsculas (3.3.1.5.) e perguntas retóricas (3.3.1.6.) como estratégias argumentativas de marcação de ponto de vista do locutor em *tweets* argumentativos, a presença das *hashtags* não pode ser desconsiderada nas formulações textuais no contexto do ambiente *Twitter*:

Assim sendo, no item a seguir efetuamos a análise estratégica das *hashtags* como recursos argumentativos.

3.3.1.7 As *hashtags* como estratégias argumentativas típicas do ambiente *Twitter*

As *hashtags*, recursos de escrita econômica originária do *Twitter* e, atualmente bastante difundidas em outros ambientes de redes sociais digitais como o *Facebook* e o *Instagram*, possuía, como função inicial, promover, pelo estabelecimento de *hiperlinks*, buscas no próprio ambiente sobre assuntos determinados. Utilizando o símbolo do jogo da velha (#) que precede a escrita de palavras sem espaço (visando economizar ao máximo a escrita, uma vez que participam da contagem dos 140 caracteres necessários para a produção dos *tweets*), marcavam, como *links*, assuntos comentados para, uma vez acessadas, direcionarem o usuário a uma página que contivesse outros *tweets* com abordagem do mesmo assunto.

Entretanto, apesar de ainda se configurarem como elemento indexador, seu alcance foi redimensionado, tornando-se, também, uma escolha estratégica, que pode ou não conter ironia e/ou humor como demarcação de ponto de vista que ocorre no final de um enunciado, ou mesmo constituindo-se em um outro. São compreendidas também como um encerramento de assunto, ou seja, uma marcação sintética, um “carimbo” de um ponto de vista claro, uma vez que também economizam espaço. Ressaltamos, no entanto, que o usuário, apesar de livre na criação de uma *hashtag*, mesmo que não tenha por objetivo redirecionar outros usuários para o assunto ou tema que aborda, formando uma rede de desdobramentos, ao se utilizar desse mecanismo, ainda assim o produz.

A seguir, procedemos à análise de dois *tweets* argumentativos e pertencentes ao *corpus* dessa pesquisa, quanto ao funcionamento da *hashtag* em sua configuração como tema, rema e estratégia argumentativa.

EXEMPLO 11

Tweet 11

O *tweet* acima não é composto por apenas um enunciado, mas por duas unidades enunciativas: a primeira, que denominamos E1

- “*Por que ainda devemos classificar os “smartphones” como “smartphones” se eles não vendem nenhum outro tipo de celular nas lojas?*”, e, a segunda, a qual denominamos E2 –
- “*#fato*”

Primeiramente, ressaltamos que o enunciado constituído por E1 configura-se em uma pergunta retórica e, para tanto, recorreremos, novamente, aos posicionamentos de Aquino (1997) quando observamos que no contexto que ela está inserida, não se constitui em um questionamento, mas em uma afirmação cujo caráter de reprovação marca o posicionamento do locutor além de direcionarem o interlocutor na construção desse sentido. Salientamos, nessa direção que a utilização das aspas como sinal de pontuação em “(...) *“smartphones” como “smartphones”*(...)”, não se constituem contextualmente em marcações de destaque de uma expressão, mas sim, em marcas de ironia, pois atuam como operadores textuais semânticos-argumentativos na medida que, pela marcação da introdução irônica mediante o reconhecimento do interlocutor de ser essa a definição corrente socialmente a respeito de os *smartphones* serem conhecidos como aparelhos de celular com acesso a Internet e que possuem tecnologia comparável com qualquer computador pessoal.

Essa ativação da memória, se possibilita ao interlocutor reconhecer a ironia na utilização da expressão *smartphones*, também corrobora no sentido de o questionamento ser, na verdade, uma afirmação na qual o locutor não quer uma resposta. Sob tal acepção, E1 pode ser compreendido como uma pergunta retórica por estar de acordo com as afirmações de Aristóteles (s/d. p. 218) segundo as quais “(...) Podemos ainda empregar a interrogação, quando há possibilidade de mostrar que o adversário se contradiz ou que suas afirmações são paradoxais

(...).” ressaltamos que, nesse caso do *tweet* sob análise, o “adversário” não é o interlocutor, mas o discurso publicitário que as lojas que vendem aparelhos celulares recorrem.

Além disso, a ironia direciona o interlocutor para uma obviedade, acentuando, desse modo, a afirmação que o locutor fez em forma de pergunta retórica.

Acrescentamos, também, que a presença da *hashtag* contida em E2, apesar do contexto não necessitar de outra reprovação por parte do locutor, consiste em uma reafirmação de seu posicionamento perfazendo um comentário sobre um tema. Nesse sentido, a própria pergunta retórica estabelecida em E1 forma, em conjunto com E2, uma progressão temática, por sequenciação frástica, na qual E1 se configura como tema e E2, como rema/comentário.

Dessa forma, a *hashtag* opera como elemento de coesão textual com valor argumentativo de desaprovação do locutor responsável pela progressão textual do *tweet*, como podemos observar no *tweet* abaixo, também selecionado a partir do *corpus* desta pesquisa.

EXEMPLO 12

Tweet 12

O *tweet* sob análise é composto por uma *hashtag*, “*ENEM2012cancelado*” que, em composição a uma pergunta retórica, “*mas já?*” formam seu enunciado. Sob essa perspectiva, compreendemos que se trata de um único enunciado, no qual, segundo os preceitos de Aquino (1997) sobre o funcionamento argumentativo das perguntas retóricas como estratégias de fortalecimento do locutor, configura-se, também no *tweet* observado, em uma afirmação que direciona o interlocutor para a construção de um sentido de reprovação.

Em tal direcionamento, notamos que tal reprovação vincula-se a um tema proposto pela *hashtag* fato que, nos permite afirmar que a pergunta retórica constitui em si um rema/comentário por parte do locutor.

Para tanto, é importante ressaltar que a construção da coerência funda-se no acesso ao conhecimento prévio e compartilhado do interlocutor acerca da *hashtag* que aponta para o cancelamento do ENEM já à época da constituição e seleção do *corpus* – outubro/novembro de 2012 –, bem como para a construção contextual realizada pela compreensão da efetivação da progressão temática, por meio do uso de mecanismos textuais como a proposição do tema e o rema.

3.3.1.8 Considerações acerca das análises efetuadas

Como observamos nos exemplos de *tweets* que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, a análise da construção textual de sentidos vale-se das categorias propostas pela perspectiva sociocognitiva-interacionista da LT e, sob tal ordenamento, verificamos que a não-linearidade do gênero estudado não se configura em uma regra, uma vez que mesmo com uma limitação espacial limitada, elementos coesivos de sequenciação textual, como os relativos à progressão temática, mesmo sem recorrências, são observados, como é o caso da *hashtag* que pode ser um comentário, constituindo-se em rema.

Por outro lado, verificamos que a presença de *hashtags* também não são essenciais para a elaboração de um *tweet*. Apesar de típica do ambiente *Twitter*, ela não se faz necessária e, nestes casos, a construção de sentidos deve basear-se no estabelecimento de coerência fundamentada em modelos mentais, fabricados contextual e previamente e realizados em *scripts*.

Observamos, também, que nem sempre os gêneros textuais digitais possuem frases precariamente estruturadas ou uma escrita semialfabética. Por sua vez, as semioses são permitidas, mas também nem sempre necessárias. No mesmo sentido, as relações entre o *continuum* fala/escrita não podem ser sinônimos de escrita pouco elaborada. Isto, de fato, pode ocorrer, mas não se constitui em uma regra.

E, em conformidade com as observações efetuadas nos Capítulos 1 e 2 deste trabalho, deve-se proceder à análise contextual para orientar a observação do gênero *tweet*, pois sua escrita serve a um propósito de conquista de seguidores, pela organização informacional *outflow*, inserida no ambiente *Twitter*. E, desde a escolha tipológica do gênero, como a utilização ajustada de seus mecanismos particulares – as *hashtags* – coadunados à possibilidade de organização

textual que não necessita de linearidade para ser coesa, constituem-se em estratégias argumentativas que buscam marcar o posicionamento de um ponto de vista do locutor.

Destacamos que as observações concernentes às análises mais destalhadas do *corpus* são realizadas no capítulo adiante, mas por selecionarmos para esta pesquisa *tweets* argumentativos realizados sob uma metodologia inserida em um contexto escolar, para observá-los sob uma perspectiva de construção textual integrada ao uso da Língua Portuguesa, julgamos procedente que estudemos, também, o ensino da argumentação em nossa língua e em nossas escolas. Importante, nesse direcionamento, ressaltarmos que muitos estudos têm sido realizados nesse sentido e que, por isso, não dedicaremos a essas observações o espaço que lhe é devido.

Sobre elas, trataremos, pois, no item a seguir.

3.4 O lugar da Argumentação no ensino da Língua Portuguesa: a questão dos gêneros

Como vimos no início deste capítulo, a argumentação como disciplina de estudo e ensino fundamenta-se desde que Aristóteles a concebeu como uma técnica e arte estilística, por meio da dimensão comunicativa da linguagem.

Séculos mais tarde, Cícero (séculos II-I a.c.), a partir de embasamentos teóricos aristotélicos, passa a compreender a argumentação a partir de sua intersecção com a Filosofia, enquanto Quintiliano (séculos II-I a.c.), por sua vez, institui a pedagogia da Retórica Aristotélica ao, como professor, sintetizar procedimentos de ensino da disciplina na formação do bom orador. Fundador da pedagogia romana, Cícero a direcionava para questões cotidianas e práticas da formação de um orador. Assim, defendia que o aprendizado do exercício da persuasão abarcava o ensino da argumentação filosófica como uma habilidade essencial. Em relação às práticas pedagógicas do ensino do exercício persuasivo, considera-se que Quintiliano tenha sido o responsável pela valorização das questões referentes especificamente à aprendizagem do orador.

Em relação à importância que adquire em uma sociedade democrática na qual ao homem, por meio da linguagem, pode posicionar-se de modo a marcar seu ponto de vista e debater questões de interesses sociais, desde há muito tempo, portanto, a argumentação tornou-se objeto de estudo.

Assim como mencionamos na Introdução desta Dissertação, os parâmetros governamentais que norteiam o ensino de Língua Portuguesa tratam, de modo implícito, da importância do ensino da Argumentação como habilidade fundamental na formação de um cidadão consciente. Nesse sentido, quando essa regulamentação pedagógica do governo reconhece a influência e necessidade da argumentação atreladas à função da escola de, ao final do Ensino Médio, formar um estudante que seja capaz de “confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas”.²⁷, para nossa compreensão, essa ação institucional resulta em referência implícita às questões de Argumentação, tão necessárias para a formação de um cidadão que vive em uma sociedade democrática.

Esses mesmos parâmetros sustentam que tais diretrizes são fundamentadas com base em uma concepção didática que esteja de acordo com a noção bakhtiniana dos gêneros, bem como em uma proposta de ensino/aprendizagem que considere o caráter sociocognitivo-interacionista da Linguística Textual. Em tal direcionamento, estudiosos como Rojo (2000, p. 1), tratam da questão a partir de uma perspectiva discursiva que leve em consideração que em sala de aula ocorrem interações nas quais circulam gêneros textuais diferenciados, tais como “regras, combinados, explicações, exposições e instruções, por um lado, e por outro, variados gêneros secundários do discurso, que circulam fora da escola, transpostos à situação didática de sala de aula.” Nessa direção, a autora (2004, p. 7) ressalta que a ideia de texto no contexto de ensino/aprendizagem

seja como material concreto sobre o qual se exerce um conjunto dos domínios de aprendizagem, sobretudo leitura e produção de textos, seja como objeto de ensino propriamente dito – é a base do ensino-aprendizagem de língua portuguesa

Rojo (op. cit.) salienta que, em um primeiro momento, para essa finalidade, a escola priorizou um trabalho focado em atividades epilinguísticas ligadas à análise gramatical normativa relacionada aos procedimentos do uso da língua em textos escritos e que, por isso, não estariam concatenadas ao ensino, mas ao objeto de uso. Porém, somente mais tarde o texto foi elevado a uma importância de suporte para o desenvolvimento de habilidades de leituras e produções textuais ancoradas por abordagens cognitivas e textuais que o considerassem como o momento de propiciar ao aprendiz. Nesse sentido, Rojo (2004, p. 8) ao mesmo tempo que considera um

²⁷ Competência 7, <http://www.infoenem.com.br/competencias-para-linguagens-codigos-e-suas-tecnologias/> acessado em 25/10/2012.

avanço no ensino da língua materna, ainda reconhece a configuração do texto como um objeto de suporte “para o desenvolvimento de estratégias necessárias para seu processamento.”

A autora ressalta, ainda, que para essas estratégias tornarem-se procedimentos, a escola destacou algumas propriedades estruturais textuais, ligadas às noções sociocognitivas-interacionistas da LT, para eleger como foco de ensino os tipos de textos, as super, macro e microestruturas, coesão, coerência etc, fundamentadas no ensino de “gêneros escolares por excelência – a narração, a descrição e a dissertação.” (Rojo, 2004, p. 8). Notamos que a pesquisadora toma por gêneros o que de nossa parte – e como defendido no capítulo 2 desta pesquisa – tomamos por tipos textuais. Nesse sentido, diferentemente do posicionamento de Rojo (op. cit.), consideramos a dissertação um gênero argumentativo escolar por excelência a qual apresenta a predominância de duas formas textuais: a expositiva e argumentativa e que, como aponta a autora, é ensinada por meio de sua forma global de organização: tese, desenvolvimento de argumentos e conclusão.

Ainda no contexto de ensino/aprendizagem, Barbisan (2007) apresenta-nos seus posicionamentos acerca do ensino da Argumentação a partir de seus estudos sobre sua incidência em livros didáticos de Língua Portuguesa. Questionando-se sobre qual Teoria da Argumentação é utilizada nos livros didáticos escolhidos para suas análises, bem como qual o lugar que a linguagem ocupa no ensino da argumentação, seus estudos observaram que tanto no ensino da Língua Portuguesa, como no ensino da Argumentação, o estudo da língua em uso não é contemplado com a mesma importância que os estudos dos sistemas da língua, defendendo, nesse sentido, que as questões gramaticais tradicionais assumem o foco principal do ensino, deixando de lado as questões relativas à construção de sentidos em um texto argumentativo.

Assim, ressalta que:

Mesmo quando o texto se torna objeto de análise na escola, os trabalhos desenvolvidos pelos livros didáticos apontam quase tão somente para o que o locutor diz da realidade. O estudo que é feito sobre o texto, especialmente o texto considerado argumentativo, fica muitas vezes limitado ao conteúdo, e não procura compreender como esse conteúdo é dito. Vê-se mais ainda: muito frequentemente o estudo propriamente linguístico do texto é tido como oportunidade para a retomada de tópicos gramaticais, como se o sistema da língua e o uso desse sistema fossem idênticos e construíssem sempre o mesmo sentido. (Barbisan, 2007, p. 136).

Na mesma direção, Brandão (2005) tratando das implicações didáticas relacionadas ao estilo e gêneros do discurso, retoma a teoria dos gêneros bakhtiniana para ressaltar que a particularidade constitutiva do enunciado baseia-se em sua relação com o próprio interlocutor e com outros parceiros da comunicação verbal. Em tal acepção, observa que o enunciado caracteriza-se, acima de tudo, pelo conteúdo preciso do objeto de sentido, uma vez que ele torna-se elo da cadeia de comunicação em interações verbais.

Em função disso, o enunciado representa a instância ativa do interlocutor em uma esfera que contempla objeto de sentido e, dessa maneira, salienta que ao locutor cabe direcionar seu enunciado por meio da escolha de um gênero textual apropriado à esfera comunicativa que está inserido para, posteriormente, escolher a composição e estilo deste mesmo gênero.

Ao tratarem dos gêneros escolares e de seu relacionamento com as práticas de linguagem e objetos de ensino, Dolz e Schneuwly (2004, p. 65 [1997]), apontam que o problema é saber como as práticas de linguagem articulam-se com o aprendizado, e não somente com o ensino. Assim, ressaltam que, na esfera escolar, os gêneros textuais não somente operam como instrumentos de comunicação, mas também como objetos de ensino/aprendizagem. Nesse direcionamento, ressaltam que o aluno

encontra-se, necessariamente, num espaço ‘como se’, em que o gênero funda uma prática de linguagem que é, necessariamente, em parte fictícia, uma vez que instaurada para fins de aprendizagem.

Desse modo, os autores (op. cit.) concluem que, mesmo sendo o gênero uma forma particular de comunicação entre alunos e professores, eles são tratados de forma a serem descontinuos da realidade, por meio de uma situação comunicativa fictícia. Nessa acepção, apontam que, fundados em uma relação procedimental que elege a correção como elemento de verificação dos ajustes, os gêneros apresentam sequências estereotipadas e para tanto, defendem a transformação da escola como autêntico lugar de comunicação em oposição a um lugar específico da comunicação.

Nas circunstâncias que acabamos de apresentar, observamos que é função da escola promover, por meio de gêneros textuais, as habilidades e competências relativas ao ato de

argumentar. Entretanto, como bem salientam Dolz e Schneuwly (2004, [1997]), os gêneros escolhidos para o estabelecimento da relação ensino/aprendizagem estão, na maioria das vezes, desconectados com o mundo real e, desse meio, sustentam-se em situações comunicativas falsas que, por consequência, não têm como sustentar o sucesso de uma prática pedagógica.

Nesse direcionamento, em seus estudos, Barbisan (2007) notou que o ensino dos gêneros argumentativos segue o mesmo direcionamento de Dolz e Schneuwly (op. cit.) acerca do lugar que os gêneros textuais em geral, assumem na escola. Assim, a pesquisadora aponta que em detrimento a um ensino que priorize um olhar focado nas relações de construção de sentido, aos gêneros argumentativos, cabem um foco de ensino voltado às questões formais da Língua Portuguesa, limitando seus estudos ao conteúdo que carregam, bem como à retomada de questões da gramática normativa. A autora conclui que, em vez de a escola, por meio dos livros didáticos que escolhe, conceder espaço para a realidade da língua em uso mediante uma abordagem semântico-argumentativa que possibilite a compreensão do que diz um texto argumentativo, essa instituição opta, somente, por conceder espaço ao estudo dos sistemas da língua.

Reafirmamos que este trabalho cabe somente a análise das organizações textuais e orientações argumentativas que se fazem no ambiente *Twitter* e não a análise ou discussões daquilo que cabe à escola: garantir o aprendizado a partir do ensino. Entretanto, nas breves reflexões que realizamos nesse momento, não podemos negar que concordamos com os posicionamentos de Barbisan (2007), principalmente no que tange à necessidade de a escola conhecer a realidade de seus alunos para que tenha condições de transpor, didaticamente, as questões sobre a construção dos textos argumentativos.

Por considerarmos as produções textuais efetuadas no ambiente *Twitter* de grande importância para a observação da construção argumentativa sob uma perspectiva de situação comunicativa real, no capítulo seguinte procedemos às análises das utilizações de mecanismos textuais a partir dos critérios de textualidade por nós estabelecidos desde a Introdução desta pesquisa, para, por meio de uma análise quantitativa e qualitativa, traçarmos considerações acerca do uso ajustado da Língua Portuguesa, no gênero *tweet* argumentativo.

CAPÍTULO 4

Análises complementares

Procedemos à continuidade das análises, apresentando-as em dois momentos: o primeiro, dedicado à análise quantitativa de frequência de uso dos elementos linguísticos e não-linguísticos mais frequentes utilizados como estratégias argumentativas e seus relacionamentos quanto ao posicionamento do locutor e, o segundo momento, destinado às descrições, em cinco *tweets* correspondentes a exemplos das categorias de análise de maior frequência observadas na amostra, assim como estabelecemos em nossa metodologia.

Ressaltamos que não destacamos durante as análises a constituição de um *tweet* como gênero textual digital emergente, uma vez que assim o consideramos desde o início desta pesquisa. Em função disto, no primeiro capítulo (p. 54 e 58), entendemos que a análise de dois *tweets* para esse fim deu-se por conta da organização textual deste trabalho que, ao recorrer aos postulados de Marcuschi (2002) acerca da constituição dos gêneros digitais a partir da perspectiva bakhtiniana, mostrou-se necessária.

Salientamos, também, que os elementos referentes à coesão referencial e sequencial segundo Marcuschi (1983, 2008) e os elementos que tipificam um texto como argumentativo, conforme apontam Koch e Elias (2009, p. 63), serão utilizados novamente.

4.1 A constituição do *corpus*

Como apontado nos procedimentos metodológicos apresentados nessa pesquisa (p. 24), a coleta dos *tweets* analisados deu-se a partir de uma sequência didática que, de início, compreendeu ser possível que a escrita do gênero sob análise fosse realizada por tipologias textuais: argumentativa, narrativa expositiva, descritiva e injuntiva.

Para as análises a que procedemos, foram selecionados cinquenta *tweets* produzidos por oitenta alunos do 1º ano do E.M., dentro e fora do contexto escolar, e que tiveram como objetivos, observar a ocorrência e frequência de utilização dos mecanismos textuais linguísticos e não-linguísticos que operam na tomada de posicionamento do locutor para a construção de um *tweet* do tipo argumentativo.

Além disso, as análises descritivas procuram verificar a presença, ou não, do uso de mecanismos textuais de coesão – referencial ou sequencial – nesses *tweets*, a partir da construção da coerência que lhes conferem orientação argumentativa e consequente posicionamento do locutor.

Ressaltamos que, para esse fim e, em virtude de não tornar as análises repetitivas, procedemos à descrição dos *tweets* que tiveram a maior frequência de estratégias argumentativas e elementos que promovam a construção da coerência textual na amostra. Os demais *tweets* seguiram o mesmo procedimento analítico dos que aqui escolhemos descrever.

4.2 Distribuição de frequência das variáveis estudadas e das relações entre elas

Pela distribuição de frequência, foi possível observar que as estratégias argumentativas mais utilizadas nos *tweets* para a marcação do ponto de vista do locutor dos *tweets* analisados foram, em ordem decrescente, a ironia (46%), as *hashtags* (26%) e as perguntas retóricas (24%).

A coerência (100%) e a recuperação contextual pela leitura de outros *tweets* (30%), apesar da alta frequência observada, não são considerados estratégias argumentativas, mas sim elementos muito importantes que nos conduzem a estratégias para a interpretação e compreensão dos textos.

A Tabela 8, que apresentamos a seguir, mostra-nos a distribuição de frequência da ocorrência das categorias de análise que selecionamos para observar na construção de um *tweet* argumentativo. Vejamos:

TABELA 8 – Distribuição de frequência das variáveis estudadas em cinquenta *tweets*.

Nome	n	%
Coerência	40	100%
<i>Ironia</i>	23	46%
Recuperação contextual pela leitura de outros <i>tweets</i>	15	30%
<i>Hashtags</i>	13	26%
<i>Perguntas Retóricas</i>	12	24%
Coesão sequencial – tema/rema-comentário	9	18%
<i>Humor</i>	9	18%
Repetição de letras	9	18%
Coesão referencial	7	14%
Sinais de pontuação – exclamação	7	14%
Sinais de pontuação – reticências	6	12%
Hipertexto	6	12%
Entonação por letras maiúsculas	4	8%
<i>Emoticons</i>	4	8%
Sinais de pontuação – aspas	3	6%
Sinais gráficos	3	6%
Onomatopeias	2	4%
Sinais de pontuação – travessão	1	2,5%

n = nº de *tweets* positivos para a variável

Na Tabela 9, observamos a distribuição de frequência das associações de estratégias e elementos que promovam a coerência textual para orientar argumentativamente o ponto de vista do locutor.

TABELA 9 – Distribuição da frequência das relações entre variáveis estudadas em cinquenta *tweets*

Nome	n	%
Pergunta retórica + Ironia	12	24%
Recuperação contextual pela leitura de outros <i>tweets</i> + rema/comentários	11	22%
Coesão sequencial hashtag como rema/comentário	11	22%
Coesão sequencial hashtag como rema/comentário + Ironia	9	18%
Reticências + Ironia	5	10%
Letra maiúscula + Ironia	3	6%
Exclamação + Ironia	3	6%
Hashtag + Pergunta retórica	2	4%
Repetição de letras + Ironia	1	2%

n = nº de *tweets* positivos para a variável

No item a seguir, analisamos, descritivamente, cinco *tweets* do tipo argumentativo, que orientaram nossas observações presentes nas Tabelas 8 e 9.

Para tanto, selecionamos *tweets* que contêm estreita relação entre a utilização das estratégias argumentativas mais utilizadas, ironia, *hashtags* e perguntas retóricas relacionadas à construção da coerência, seja por mecanismos textuais de coesão referencial, sequencial ou pelo acesso aos conhecimentos prévios sobre as redes sociais e o ambiente *Twitter*, em particular, seja pelos conhecimentos de mundo.

4.3 Análises descritivas

A seguir, analisamos cinco *tweets* que consideramos os mais representativos em ordem de frequência e do uso das estratégias argumentativas coadunadas aos mecanismos de construção textual coerente.

Tweet 13

O *Tweet* 13 contém 3 elementos:

- 1) O nome do perfil do locutor: *Nem me fala*
- 2) O nome do locutor: @grupo11b, separado por hífen da data de publicação, *8 de nov de 2012*.
- 3) O texto produzido pelo locutor que, coadunado ao nome do locutor, deve obedecer à regra de escrita em até cento e quarenta caracteres: *Em um mar de its...vale a leitura neste it texto! aredacao.com.br/artigos/...hahaha*

No texto produzido pelo locutor, observa-se a presença de quatro segmentos:

- a) *Em um mar de its...*
- b) *vale a leitura neste it texto!*
- c) *aredacao.com.br/artigos/...*
- d) *hahaha*

Primeiramente, observamos que, de acordo com o preconizado por Marcuschi (2002, p. 18) e Araújo e Biasi-Rodrigues (2007), nessa construção há a presença de elementos típicos dos gêneros textuais digitais, como as reticências no final do segmento **a**, a semiose que constitui o segmento **b** – um *link* ao *hipertexto* – *aredacao.com.br/artigos/20853/...*, o ponto de exclamação no final do segmento **c** e onomatopeia *hahaha*, no segmento **d**.

A recuperação contextual desse *tweet* que analisamos, permite-nos somente afirmar que ele dialoga com o segmento **c**, mas não nos permite recuperar se dialoga com outros *tweets*. Dessa forma, esse texto encontra-se “solto” na *timeline* do locutor “@grupo11b” e sua única conexão com outro texto é construída pela presença do *link* ao *hipertexto*.

O sentido do segmento **a**, *Em um mar de its...*, deve ser construído por meio da coadunação entre seus elementos linguísticos e o sinal de reticências, que consideraremos como **a1** *em um mar de its*, e **a2**, como

Para a análise de sua primeira parte, **a1**, deve-se recorrer ao conhecimento de mundo que nos permite identificar que a frase *Em um mar*, é utilizada em nossa língua de maneira conotativa, irônica e pejorativa sobre a desnecessária enorme presença de algo. O complemento *its*, portanto, refere-se ao elemento criticado que, por sua vez, tem a construção de seu sentido baseada no conhecimento prévio de que:

- 1) constitui-se em uma palavra da língua inglesa que designa objetos.
- 2) é uma expressão muito utilizada no mundo da moda para designar as tendências imperdíveis do momento.

As reticências que correspondem a **a2**, ou seja, ao final da primeira parte do segmento **a1**, além de pontuarem, sintaticamente, o final do segmento, podem ser compreendidas como hesitações comuns da oralidade. Nesse direcionamento, Aquino (1997), afirma que esse sinal de pontuação pode designar silêncios que marcam a reprovação do locutor frente a determinado enunciado, assumindo-se como estratégias argumentativas que o fortalecem.

O segmento **a** do *Tweet* 13 pode adquirir em sua totalidade (**a1**+**a2**), tanto pela escolha da expressão *Em um mar*, como pelo uso posterior das reticências, um modo irônico de reprovação por parte do locutor.

Como o segmento **b**, *vale a leitura neste it texto!*, possui um sinal de pontuação que o finaliza, neste caso, o sinal de exclamação, também procederemos à análise dividindo-o em **b1** – *vale a leitura neste it texto*, e **b2** !.

Notamos em **b1**, a presença do verbo *vale*, em seu modo indicativo, liga-se à *a leitura neste it texto* de modo a indicar a importância de uma leitura fundamental para a contextualização do *Tweet* 13. A recuperação sobre o que deve ser lido, faz-se por dois aspectos:

- 1) Por coesão referencial pronominal catafórica, pois entre os elementos linguísticos de **b1**, encontramos o pronome *neste*, que opera como elemento de coesão referencial catafórico em relação **a c d**.
- 2) Por coesão sequencial, já que a presença da palavra *it* possibilita-nos recorrer ao segmento **a**, no qual sabemos se tratar de uma palavra estrangeira que é utilizada para designar tendências de moda.

Desse modo, observamos que a palavra *it* traz em si a ironia em relação ao seu uso, por meio da leitura do *hipertexto* indicado pelo *link* em **c**.

Observamos, também, que no segmento **b**, há uma parte que denominamos **b2**, referente ao sinal de exclamação que opera tanto no nível sintático, uma vez que finaliza o segmento **b**, como também no nível semântico, já que indica a orientação argumentativa do locutor no sentido de aprovar a leitura do conteúdo do *hipertexto*.

A coerência de **a+b** concentra-se na construção cognitiva que permite notar que a utilização das palavras *its* e *it*, respectivamente em **a** e **b**, fez-se mediante a ironia que se configurou prosodicamente na apreensão de um termo típicossocial usado por pessoas que trabalham no mundo da moda de modo a reprovar tanto o uso recorrente dessas palavras, como aprovar, pela apreensão irônica do uso dessas palavras em **b**, a leitura de um texto “imperdível” e importante, assim como tantos *its*.

O segmento **c**, corresponde a um *link* a um *hipertexto* aredacao.com.br/artigos/.... . Nesse *link*, observamos a presença de reticências, mas, nesse caso, não como um sinal de pontuação que atua no nível sintático-semântico na construção de um sentido. Isto porque, essas reticências são somente encurtadores do *link* que indicam que ele é maior do que está escrito. Pelo acesso ao conhecimento prévio que trata da inserção de *hipertextos*, sabe-se que as reticências não são escolhas do locutor e que fazem parte da transposição do próprio endereço eletrônico do *hipertexto* ao *link* que o relaciona, de modo automático.

Desse modo, quando se clica em **c**, aredacao.com.br/artigos/...., tem-se

FIGURA 4 – *Hipertexto 1*

cujo endereço eletrônico é <http://www.aredacao.com.br/artigos/20853/blogueiras-de-moda-deveriam-saber>.

A leitura do *hipertexto* permite-nos confirmar a ironia contida em **a** e **b**, como a relação de coesão referencial pronominal catafórica construída pelo pronome *neste* em **b**, de modo a tornar o *link* coeso com **a+b**, principalmente, quando em seu segundo parágrafo lê-se:

Nos últimos tempos tenho olhado com especial atenção blogs novos e também prestado atenção àqueles blogs mais famosos. Sim, os it blogs, com it blogueiras, em it eventos, usando e indicando it tendências de it marcas, fazendo it viagens. Percebam que repeti it tantas vezes não pelo sentido que é dado, mas para mostrar o cansaço que esses blogs me trazem.

O segmento **d**, *hahaha*, é uma onomatopeia referente à reprodução do som das gargalhadas que podem ocorrer em interações face a face. Nessa direção, assim como afirmaram Araújo e Biasi-Rodrigues (2007), o recurso atua com muita presença estilística em gêneros textuais digitais transmutados das conversas cotidianas face a face, como ocorre nos casos de interação dos *chats*. A partir desse posicionamento, podemos observar que a onomatopeia remete-nos ao sentido de gargalhada, também irônica, de reprovação por parte do locutor daquilo que trata o *hipertexto*. Nesse contexto, é possível afirmar que *link* ao *hipertexto* atua como tema que será desdobrado pelo rema-comentário do locutor em **d**, perfazendo entre **c** e **d**, uma sequencialização frástica que se funda na relação tema/rema.

Diante do que expusemos, notamos que os quatro segmentos do *Tweet* 13, relacionam-se por meio de mecanismos de coesão sequencial e que, no segmento **a**, a orientação argumentativa que direciona o interlocutor desse *tweet* para a reprovação do locutor é verificada pela estratégia argumentativa do uso da ironia marcada pela escolha da expressão *Em um mar de its* e por sua coadunação com o sinal de reticências. Em **b**, a palavra *it* também atuou de forma irônica, uma vez que ela não é associada, contextualmente, a textos e em **d**, a onomatopeia contida nesse segmento é um comentário que igualmente se baseia na ironia, para marcar a reprovação do locutor frente ao que se diz no mundo da moda, devidamente marcado por **c**, o *link* ao *hipertexto*.

Tweet 14

No *Tweet* 14, observa-se a presença de três elementos:

- 1) O nome do perfil do locutor: *Ev Grupo 4*
- 2) O nome do locutor: *@EvGrupo4*, separado por hífen da data de publicação, *13 de nov de 2012*.
- 3) O texto produzido pelo locutor que, coadunado ao nome do locutor, deve obedecer à regra de escrita em até cento e quarenta caracteres:: *evg41a41a.blogspot.com.br/2012/11/o-livr...- APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA, SERÁ?*

No texto produzido pelo locutor nota-se a presença de dois segmentos:

- a) *evg41a41a.blogspot.com.br/2012/11/o-livr...*
- b) *-APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA, SERÁ?*

No *Tweet* 14, observa-se a inserção de um *hipertexto* no segmento **a**, “*evg41a41a.blogspot.com.br/2012/11/o-livr...*”, coadunado ao segmento **b**, – *APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA, SERÁ?*

O segmento **a**, corresponde a um *link*, finalizado por reticências, a um *hipertexto* do próprio *blog* do grupo. Nota-se que as reticências correspondem à continuação do *link* e independem da vontade do locutor ao copiar endereço eletrônico desse blog:

FIGURA 5 – *Hipertexto 2*

A recuperação contextual desse *tweet* permite-nos afirmar que ele dialoga com o segmento **a** sem, contudo, ser possível observar se há referência a outros *tweets*.

Nesse sentido, o *link* ao *hipertexto* mostra-nos que se trata de um artigo de opinião sobre o livro “50 Tons de Cinza” e sua influência para os adolescentes. O quinto parágrafo desse texto menciona uma matéria do *site yahoo* – com outro *link*, agora à matéria original – na qual uma empresária londrina pediu o divórcio do marido por ele não querer compartilhar as práticas sexuais apresentadas no livro. Vejamos:

Mas a saga não tem causado impactos apenas na juventude, nem nessa pequena enorme revolução literária. Mas na vida de muitos adultos, alguns param de ler pelo detalhamento do livro, outros se envolvem tanto com a história que a levam com ênfase para vida real. Um exemplo claro disso, é a notícia que saiu no site: yahoo ([clique aqui para acessar](#)). Uma empresária londrina, pediu o divórcio pois o marido se recusou a praticar, levar para a vida a dois, o conjunto de fantasias descrito no livro.

Após essa recuperação inicial, o segmento **b** –*APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA, SERÁ?* apresenta-se mediante a grafia em letras maiúsculas, na qual compreendemos haver dois outros segmentos: **b1**, –*APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA* e **b2**, *SERÁ?*

O segmento por nós compreendido como **b1**, separa-se de **b2** pelo uso da vírgula como sinal de pontuação. Nesse direcionamento, a vírgula possui um valor sintático-semântico de separação entre os constituintes coordenados de **b**, bem como uma pausa típica da oralidade. A utilização de letras maiúsculas, está de acordo com o que observaram Marcuschi (2002) e Araújo-Rodrigues (2007) e Araújo (2010) acerca da materialização linguística dos gêneros textuais digitais. Assim, no que entendemos ser uma imbricação entre a fala e a escrita, recupera-se o sentido de **b2** por meio da ênfase dada ao que se pretende enunciar coadunada ao processo de coesão sequencial que se realiza mediante a presença do travessão como sinal de pontuação que, além de delimitar o assunto do *hipertexto*, opera sintaticamente como um mecanismo de mudança do interlocutor. Nesse sentido, a voz do locutor do *tweet* sob análise surge como forma de explicar o conteúdo do *hipertexto*.

Em **b2**, *SERÁ?*, há a presença de uma pergunta retórica, uma vez que por se constituir em uma pergunta que não precisa ser respondida, corresponde a uma afirmação (Fávero, Andrade e Aquino, 2006, p. 161), irônica.

Acerca da função das perguntas retóricas e segundo o que ressaltamos no Capítulo 3 (p. 138), deste trabalho quando recorremos a Robrieux (1993), afirmamos que elas “consistem em afirmações na aparência de questionamentos que têm por objetivo manipular e persuadir o interlocutor.” No mesmo direcionamento, também recorremos a Aquino (1997) quando a

autora, a partir de tal entendimento, posiciona-se de modo a compreendê-las como estratégias argumentativas que fortalecem o locutor.

A retomada dos posicionamentos de Blair (s/d) quanto ao assunto – também citados neste trabalho (Capítulo 3, p. 138) – parece-nos fundamentais para aquilo que consideramos ser a dimensão argumentativa que as perguntas retóricas possuem a partir de um “saber pré-concebido e partilhado e, portanto, possível de ser acessado pelos conhecimentos prévios do interlocutor tornando o texto coerente.” e que, por esse motivo, são passíveis de serem construídas pelo interlocutor no sentido de direcioná-lo a um posicionamento do locutor diante de algo.

O segmento **b**, consiste em uma orientação para o conteúdo que pretende direcionar o interlocutor a uma pergunta retórica e estratégica em forma de uma reprovação que comenta **b1**, – *APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA* e não o segmento **a**, o *hipertexto*.

Nesse direcionamento, a coerência textual é construída a partir de uma sequencialização de fatores responsáveis à construção da coerência que apresentam-se gradativamente:

- a) acesso ao conhecimento prévio e compartilhado dos elementos contextuais presentes na construção do gênero em questão no ambiente *Twitter*,
- b) presença do travessão, apesar de indicar a mudança de voz de interlocutores, nesse caso, configura-se na mudança de voz do mesmo locutor, mas em momentos distintos,
- c) o reconhecimento de o *best-seller* “*Cinquenta Tons de Cinza*”, de autoria da britânica E.L. James, organizar seu enredo em torno de uma ação erótica, na qual uma mulher realiza-se sexualmente por meio de jogos sexuais com um parceiro,
- d) escrever em letras maiúsculas o segmento **b**, o que pode conferir direcionamento àquilo que é enunciado, no sentido de dar ênfase e chamar a atenção do interlocutor,
- d) coadunação irônica entre **b1** a **b2** – a pergunta retórica *SERÁ?* –, que pode orientar argumentativamente o interlocutor frente ao que é enunciado.

Assim, o enunciado (**a+b**) proferido no *tweet* analisado, além de retomar o conteúdo do *hipertexto*, confere-lhe, quer seja pela pergunta retórica, quer seja pela utilização de letras maiúsculas ou ainda, pela coadunação entre ambas, também o posicionamento irônico na cons-

trução da reprovação do locutor frente à notícia de uma leitora separar-se do marido em função da leitura do livro em questão.

Tweet 15

O *Tweet 15*, apresenta três elementos:

- 1) O nome do perfil do locutor: *Grupo21B*
- 2) O nome do locutor: *@grupo21B*, separado por hífen da data de publicação, *9 de nov de 2012*.
- 3) O texto produzido pelo locutor que, coadunado ao nome do locutor, deve obedecer à regra de escrita em até cento e quarenta caracteres: *sexta feiraaaaaaaaaaaaa, ai simmm man! #vemqtem*

O texto produzido pelo locutor possui três segmentos:

- a) *sexta feiraaaaaaaaaaaaa,*
- b) *ai simmm man!*
- c) *#vemqtem*

No *tweet* sob análise, não há a presença de semioses por *links* a *hipertextos*, menção direta a um outro locutor por meio do símbolo @, ou mesmo sinal de *RT*. Dessa forma, a recuperação contextual desse texto é muito difícil e, para que se construa a coerência, deve-se recorrer à relação dos elementos linguísticos e não-linguísticos nele presentes.

No primeiro segmento, **a**, observa-se a repetição da vogal “a” bem como o uso de vírgula como um sinal de pontuação.

A respeito disto, nota-se que a vírgula foi utilizada tanto em sua dimensão com a oralidade, representando uma pausa, como em sua dimensão sintática, uma vez separa o segmento **a** de **b**.

Como apontaram Araújo e Biasi-Rodrigues (2007), ao estudarem as questões de estilo no gênero *chat* aberto, a repetição de letras indicam que esses gêneros transmutam sentimentos. Nesse direcionamento, pontuam que esses elementos têm como função, indicar espanto, euforia ou gritos.

Apesar de o contexto do *Tweet 15* ser de difícil recuperação, entendemos que a repetição de letras relativa à construção linguística da palavra sexta-feira, conferem ao segmento **a**, marcas de oralidade típicas dos gêneros textuais digitais que transmutam uma conversa face a face e, nesse sentido, corroboram essa observação, os posicionamentos de Castilho (2007) a respeito da configuração estratégica dos marcadores conversacionais prosódicos de alongamento. Em um gênero textual digital marcado pela imbricação entre a fala e a escrita, como é o caso em análise, notamos que a repetição das letras são a representação linguística encontrada pelo locutor para, prosodicamente, alongar um enunciado a fim de dar-lhe ênfase e também marcar sua posição favorável frente ao que enuncia.

O segmento **b**, *ai simmm man!*, também é construído pela repetição de letras, mas, nesse caso, a consoante “m”. Além disso, nota-se a presença do sinal exclamação como sinal de pontuação, o que direciona o interlocutor tanto sua utilização em uma dimensão da oralidade, já que o próprio ato de exclamar indica uma pronúncia em voz alta a respeito de diversos sentimentos por parte do locutor, como em sua dimensão sintático-semântica, ao designar o fim de uma frase. Nessa direção, notamos também que a presença de uma palavra estrangeira, “*man*”, por um processo de recuperação por conhecimento prévio e compartilhado, direciona o interlocutor ao equivalente “cara” em nossa língua, que pode ser considerada uma expressão informal e gíria também recorrente na interação face a face de interlocutores próximos.

A presença do sinal da repetição de letras em **a** e **b** e do sinal de exclamação em **b**, podem contribuir positivamente para o que é enunciado em **a+b**: o fato de ser sexta-feira; de ter acabado a semana e de esse dia anteceder o final de semana, ou seja, um período dedicado ao descanso e lazer.

Ao que acabamos de expor, coaduna-se o segmento **c**: *#vemqtem*. Em forma de *hashtag* escrita de modo semialfabético por trazer em si uma abreviação do conectivo “*que*”, podemos também compreender que esta tem por finalidade encerrar o *tweet* que examinamos por meio

de uma afirmação irônica e bem-humorada por parte do locutor. Isto porque, a expressão “vem que tem” representa uma oposição a outra expressão bastante utilizada em Língua Portuguesa: “não vem que não tem”. O duplo sentido que a *hashtag* constrói, pode ser percebido como uma paródia em relação às falas cotidianas em nossa língua que procuram representar, de modo bem-humorado, a disponibilidade frente a algo, por parte daqueles que enunciam “vem que tem”. Como vimos, essa afirmação é possível por meio da construção da coerência textual que permite identificar essa paródia mediante o acesso a conhecimentos prévios.

Em relação à presença de elementos coesivos de progressão textual, observa-se que o *Tweet 15* é composto por, aparentemente, três segmentos fragmentados. Entretanto, é possível asseverar que tanto o segmento **b**, *ai simmm man!*, como o segmento **c**, *#vemqtem*, podem ser compreendidos como remas-comentários que exprimem a aprovação do locutor diante do tema proferido no segmento **a**: *sexta feiraaaaaaaaaaaaa*, o que nos permite dizer que no *tweet* que analisamos, também é possível perceber que há progressão textual por meio da recuperação da coerência sequencial que se construiu mediante a análise dos constituintes desse texto, bem como pela construção de sentido que a repetição de letras nos permitiu recuperar.

Tweet 16

No *Tweet 16*, apresentam-se três elementos:

- 1) O nome do perfil do locutor: *Ev Grupo 4*
- 2) O nome do locutor: *@EvGrupo4*, separado por hífen da data de publicação, *15 de nov de 2012*.
- 3) O texto produzido pelo locutor que, coadunado ao nome do locutor, deve obedecer à regra de escrita em até cento e quarenta caracteres: *Deprimente ----- apenas (tweet abaixo)*

Consideramos que no texto produzido pelo locutor há quatro segmentos:

- a) *Deprimente*
- b) -----
- c) *apenas*
- d) *(tweet abaixo)*

Na formulação do *Tweet 16*, observa-se a presença do segmento **a** separado pelo sinal gráfico ----- dos segmentos **c** e **d**.

Para que se proceda à análise do gênero em questão, é preciso, primeiramente, recuperá-lo contextualmente, o que é possível, nesse caso, uma vez que o segmento **d** (*tweet abaixo*), deixa explícita essa necessidade.

Nessa direção, na *timeline* do locutor *@EvGrupo4*, é possível observar a seguinte sequência em que os *tweets* foram postados em ordem cronológica:

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012 "@Estadao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi 'horrível', mas também reclama do gramado. migre.me/bRT6O" não sabe jogar e culpa td Expandir Responder Retweeter Curtir Mais	A
Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012 Se depender dos gols do neymar o brasil não ganha a copa. Perder no país, sendo que tem gnt com fome e s/ escola e o \$ investido em estádios Expandir Responder Retweeter Curtir Mais	B
Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012 Deprimente ----- apenas (tweet abaixo) Expandir Responder Retweeter Curtir Mais	C

Assim, não resta dúvida de que o *tweet* que analisamos, **C**, encontra-se cronologicamente e sequencialmente, relacionado com dois outros *tweets*:

- A) “@Estadao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi “horrível”, mas também reclama do gramado. Migre.me/bRT6O” não sabe jogar e culpa td
- B) Se depender dos gols do neymar o brasil não ganha a “copa. Perder no país, sendo que tem gnt com fome e s/escola e o \$ investido em estádios
- C) Deprimente----- apenas (tweet abaixo)

Pelo ordenamento cronológico na *timeline* do locutor, percebe-se que o primeiro *tweet*, **A**, possui quatro segmentos:

A1) “@Estadao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi “horrível”,

A2) *mas também reclama do gramado.*

A3) *Migre.me/bRT6O*”

A4) *não sabe jogar e culpa td*

Os segmentos **A1+A2+ A3** são marcados pela presença de várias aspas em que as primeiras indicam tratar-se de um *RT* que o locutor @EvGrupo4 inseriu à sua *timeline* como modo de exposição de sua organização *inflow* e *outflow* para seus seguidores, ou seja, que está tornando público algo publicado pelo locutor @Estadao. Em **A3**, há a indicação que corresponde à inserção de um *link* a um *hipertexto* do locutor @Estadao, que nos permite afirmar que **A1 + A2**, correspondem à manchete da notícia:

FIGURA 6 – Hipertexto 3

Sendo o locutor @Estadao um perfil institucional de uma empresa jornalística, o jornal O Estado de S. Paulo. No que diz respeito aos conhecimentos prévios de mundo, pode-se afirmar, que as aspas que delimitam o elemento linguístico “*horrível*”, representam o que foi dito por Neymar e que os segmentos **A1+A2**, Neymar diz que cobrança de pênalti foi “*horrível*”, mas também reclama do gramado, tratam-se de um tema (no caso, uma manchete) que será desdobrado pelo rema que constitui o segmento **A3**, o *hipertexto*.

O segmento **A4**, *não sabe jogar e culpa td*, por não estar entre aspas, é por nós entendido como o comentário de avaliação negativa do locutor @EvGrupo4 em relação ao que se

apresenta em **A1+A2+A3**, no que tange, principalmente, à fala de Neymar. Isto porque, a reprovação do locutor *@EvGrupo4* não está direcionada ao locutor *@Estadao*, mas sim, às palavras de Neymar, uma vez as aspas “*horrível*” assumem a função de introduzir o que foi proferido por esse jogador de futebol.

Entendemos que o *RT* em **A1+ A2 + A3**, “*@Estadao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi “horrível”, mas também reclama do gramado. Migre.me/bRT6O*”, corresponde a um tema proposto pelo *@Estadao* e que tem por rema-comentário o segmento **A4**, *não sabe jogar culpa td*. Desse modo, o locutor “*@EvGrupo4*” produziu um texto com a introdução da voz do locutor *@Estadao* para dar-lhe uma resposta ao mesmo tempo em que marcou sua reprovação a esse conteúdo, por meio de uma organização informacional *outflow* dirigida a seus seguidores.

Após a análise do *Tweet A*, passamos a descrever o *Tweet B*, tendo em vista a necessidade de compreendermos toda a sequência formulada pelo locutor *@EvGrupo4*.

Entendemos que o *Tweet B*, possui quatro segmentos:

- B1) *Se depender dos gols do neymar*
- B2) *o brasil não ganha a copa.*
- B3) *Perder no país,*
- B4) *sendo que tem gnt com fome e s/escola e o \$ investido em estádios*

Primeiramente, nota-se que esse *tweet* não se constitui em um *RT*, uma vez que não há a marcação de um outro locutor, seja pelas aspas, seja por seu símbolo, mas é possível de ser recuperado contextualmente por meio da presença na *timeline* do locutor *@EvGrupo4*, do *Tweet A*, *@Estadao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi “horrível”, mas também reclam”a do gramado. Migre.me/bRT6O” não sabe jogar e culpa td*.

Nesse direcionamento, essa recuperação contextual foi possível por meio da análise linguística dos segmentos do *Tweet B*. Isto porque, deve-se levar em consideração que seus quatro segmentos relacionam-se ao tema proposto no *tweet* anterior, A: “*@Estadao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi “horrível”, mas também reclama do gramado. Migre.me/bRT6O” não sabe jogar e culpa td*”. Essa relação funda-se em dois critérios:

- a) Os segmentos **B1 + B2**, *Se depender dos gols do neymar o brasil não ganha a copa.* possuem uma relação lógico-semântica estabelecida pelo operador argumentativo “se” que, subjetivamente marca um posicionamento de reprovação do locutor frente a uma relação “se p [(...) *depende dos gols do neymar o brasil* “] então q (“*o brasil não ganha a copa.*)”, subordinando p a q de modo a conferir-lhe um silogismo que promove a coesão sequencial frástica de caráter argumentativo, segundo orientações de Marcuschi (2012, p. 109-118 [1983]).
- b) Em **B3 + B4**, *Perder no país, sendo que tem gnt com fome e s/escola e o \$ investido em estádios* nota-se um comentário negativo por parte do locutor @EvGrupo4. No entanto, é preciso observar que o segmento **B3**, *Perder no país*, possui conexão sequencial com os enunciados **B1+B2**, *Se depender dos gols do neymar o brasil não ganha a copa.* por meio da paráfrase marcada em *Perder no país* relacionada a *o brasil não ganha a copa*. O mesmo ocorre entre os segmentos **B3 – Perder no país** e **B4 – sendo que tem gnt com fome e s/escola e o \$ investido em estádios**. Isto porque, o conectivo *sendo que* adquire a função de operador argumentativo que estabelece uma relação causal entre esses enunciados. Entretanto, a coerência entre esses segmentos não pode ser construída, uma vez que não há relação de causa entre perder a Copa do Mundo no país *sendo que* há pessoas morrendo de fome, por exemplo.

Todavia, por mais que os aspectos linguísticos entre os segmentos **B3** e **B4** não possuam identidade referencial, é justamente o acesso aos modelos cognitivos que estabelecem *frames* pelo acesso aos conhecimentos de mundo, que nos permite interpretar e compreender o que quis proferir o locutor @EvGrupo4 ao relacionar sequencialmente os enunciados que mencionamos. Para a efetivação da construção da coerência, pode-se acessar o descontentamento de grande parte da população brasileira diante da realização da Copa do Mundo no país, principalmente quando ativamos na memória a lembrança dos protestos de junho de 2013. Assim, é possível afirmar que o operador *sendo que* estabeleceu uma relação argumentativa que indica a possibilidade de relacionar dois argumentos: a) já que o Brasil realizará a Copa do Mundo, mesmo diante de tantos problemas sociais e políticos b) é melhor que ganhe.

No que tange ao *Tweet 16*, C, *Deprimente* ----- apenas (*tweet abaixo*), como vimos no início desta análise descritiva, compreendemos que sua formulação baseia-se em quatro segmentos:

- a) *Deprimente*
- b) -----
- c) *apenas*
- d) (*tweet abaixo*)

Em princípio, notamos que sua construção de sentido depende da recuperação contextual dos outros dois *tweets* presentes na *timeline* do locutor @EvGrupo4, principalmente porque, como já mencionado, o próprio segmento d, direciona o interlocutor para essa necessidade. Diante do que expusemos nos *Tweets A* e *B*, que referenciam o exame do *Tweet 16*, observamos que o locutor @EvGrupo4 posiciona-se contra as palavras de Neymar, o jogador de futebol da Seleção Brasileira, bem como, de modo ambíguo, contra a realização da Copa do Mundo no Brasil. Desse modo, o *Tweet 16* marca o mesmo posicionamento do locutor. Isto pode ser aferido pela coadunação entre as presenças do modalizador *Deprimente*, do sinal gráfico ----- , o modalizador *apenas*.

O modalizador *Deprimente* assume, o caráter de operador argumentativo com valor de marcação do posicionamento do locutor, adjetivando-o, nesse caso, como negativo – que é explicado pela sequência dos segmentos **b+c+d**.

O sinal gráfico em **b**, -----, atua, no contexto do enunciado do *Tweet 16*, como o sinal de dois pontos, que tem por função sintática, separar dois constituintes no qual o segundo tem por finalidade esclarecer o primeiro. Nesse sentido, o sinal gráfico possui tal função sintática, uma vez que o segmento **a** é formulado pelo modalizador “*Deprimente*” – que assume, por sua vez, o caráter de operador argumentativo com valor de marcação do posicionamento do locutor, adjetivando-o, nesse caso, como negativo – que é explicado pelo enunciado “*apenas (tweet abaixo)*”, que direciona o interlocutor para a necessidade de leitura de outro texto.

Nesse sentido, o sinal gráfico também assume um caráter semântico quando enfatiza a necessidade de leitura de outro texto, uma vez que é formulado por vários traços pontilhados,

identificando, como uma seta, a direção que precisa ser seguida pelo interlocutor na relação entre os enunciados que separa. Como bem apontaram Araújo e Biasi-Rodrigues (2007) a respeito do estilo em gêneros textuais digitais como os *chats* abertos, é constante a presença da paralinguagem quando em situações de conversas mediadas por dispositivos móveis, o locutor necessita representar gestos, barulhos ou sentimentos comuns às situações de interação face a face. Essa acepção permite-nos identificar que, no *Tweet 16*, a informalidade e a ênfase são marcadas, exatamente pelo fortalecimento do que seriam os simples sinais de pontuação, resignificados, nesse contexto.

Além disso, para recuperar a funcionalidade do modalizador “*apenas*” nesse contexto, uma vez que ele se encontra entre o segmento **b**, sinal gráfico, e o segmento **d**, (*tweet abaixo*), é preciso que se compreenda sua utilização de forma irônica, uma vez que não opera com valor excludente, mas sim com valor de adição, que, por sua vez, indica uma reprovação por parte do locutor. Essa ressignificação, é muito comum em *tweets*, justamente para marcar, estrategicamente, a ironia de uma situação contraditória e, conseqüentemente, orientar argumentativamente o locutor para uma reprovação.

Diante do que acabamos de expor, percebemos que o alinhamento entre o elemento gráfico e modalizadores, bem como a referência explícita à necessidade de leitura de um outro *tweet* já postado, configuram-se em um encadeamento sequencial de segmentos. Desse modo, observa-se que a organização desse *tweet* sob análise parte de uma sequência estabelecida na conjugação de elementos linguísticos e não-linguísticos, por meio da também presença da coesão sequencial frástica promovida pelo encadeamento de conexões lógico-semânticas com valor argumentativo.

Tweet 17

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

#olimpiadas presidenta fazendo acordo com o comando vermelho pra nenhum gringo sair morto...QUE PAIS É ESSE? #SOCORROBRASIL #ridiculo

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

No *Tweet 17*, há a presença de três elementos:

- 1) O nome do perfil do locutor: *Grupo 1 -1-A*
- 2) O nome do locutor: *@grupo21A*, separado por hífen da data de publicação, *6 de nov de 2012*.
- 3) O texto produzido pelo locutor que, coadunado ao nome do locutor, deve obedecer à regra de escrita em até cento e quarenta caracteres: *#olimpiadas presidenta fazendo acordo com o comando vermelho pra nenhum gringo sair morto...QUE PAIS É ESSE? #SOCORROBRASIL #ridiculo*, possui cinco segmentos:
 - a) *#olimpiadas*
 - b) *presidenta fazendo acordo com o comando vermelho pra nenhum gringo sair morto...*
 - c) *QUE PAIS É ESSE?*
 - d) *#SOCORROBRASIL*
 - e) *#ridiculo*

No *Tweet 17*, não se observa a presença de *links* a *hipertextos*, a menção a um outro interlocutor, seja pelo símbolo @, seja por aspas, não se configurando e nem inserindo um *RT* ao texto produzido pelo locutor *@grupo21A*. Sendo assim, a recuperação contextual do *tweet* sob análise não é fácil por ele estar “solto” na *timeline* do produtor do texto e depende da observação da relação dos elementos linguísticos e não-linguísticos presentes em a+b+c+d+e.

O segmento **a**, configura-se em uma *hashtag* que, nesse caso, marca um assunto que será desdobrado pelo tema constante em **b**, *presidenta fazendo acordo com o comando vermelho pra nenhum gringo sair morto....*. O segmento **b**, embora contextualmente difícil de ser recuperado, pode direcionar o interlocutor para alguma notícia que tenha sido veiculada, mas sem detalhamentos acerca disso.

O assunto marcado pela *hashtag*, no segmento **a**, é desenvolvido sob a forma de tema *presidenta fazendo acordo com o comando vermelho para nenhum gringo sair morto...* que, com a presença das reticências, marca um silêncio do locutor frente ao que enunciou. Silêncio este que, no posicionamento de Aquino (op. cit.) sobre o uso desse sinal de pontuação como uma estratégia argumentativa em interações polêmicas, pode, no *Tweet 17* configura em desaprovação por parte do locutor.

O segmento **c**, *QUE PAÍS É ESSE?*, é formulado em torno de um questionamento grafado em letras maiúsculas. Entendemos que esse questionamento configura-se em uma pergunta retórica, uma vez que está de acordo com os postulados por Fávero, Andrade e Aquino (2006) que versam sobre a não necessidade de ser respondida, tendo em vista que corresponde a uma afirmação do locutor. Para tanto, retomamos, também, os posicionamentos de Blair (s/d), presentes no Capítulo 3 (p. 138) desta pesquisa, acerca de as perguntas retóricas embasarem-se em saberes partilhados e pré-concebidos acessados pelos interlocutores. Nesse sentido, a construção da coerência pela recuperação contextual deu-se em função do que foi enunciado no segmento **b**, *presidenta fazendo acordo com o comando vermelho para nenhum gringo sair morto...*, no sentido de criticá-lo, ironicamente e de marcar argumentativamente o posicionamento de reprovação do locutor e constituindo-se em rema -comentário.

Em seguida, há no segmento **d**, uma outra *hashtag*, “*#SOCORROBRASIL*” a qual compreendemos constituir-se em um comentário sobre **c**, com consequente orientação argumentativa irônica do posicionamento do locutor, uma vez que reafirma, por meio da representação prosódica de um falar típicossocial relativo a uma manifestação prosódica de apresentadores de televisão que, por serem populares e estarem diante de um veículo de grande alcance nacional, utilizam-se do cumprimento “Boa tarde, Brasil” o “Boa noite, Brasil”, por exemplo. Nessa direção, a construção da coerência dá-se pela ativação de um *script* acerca da caracterização bem-humorada muito utilizada nas redes sociais a respeito de tornar público e de modo abrangente, algo a que se concorde ou não. É comum que o usuário de redes sociais, uma vez que possui muitos amigos, como no caso do *Facebook*, ou seguidores, como no caso do *Twitter*, principalmente em perfis abertos e, portanto possíveis de serem seguidos por um incontável número de usuários, lance mão dessa estratégia que, com bom humor, procura direcionar seu interlocutor para um grande alcance. â

Além disso, a *hashtag* em **c**, quando grafada com letras maiúsculas, também adquire um sentido de entonação mais forte e desse modo configurada, permite-nos imprimir ao seu direcionamento argumentativo, a ironia. Essa construção da coerência é possível em virtude do que Marcuschi (2002) e Biasi-Rodrigues (2007) preconizaram a respeito da materialização linguística dos gêneros textuais digitais quando a utilização de letras maiúsculas têm por finalidade, recuperarem entonações típicas das interações face a face.

Em tal acepção, compreendemos que o segmento **d**, configura-se em um elemento de coesão sequencial frástica por relacionar-se, diretamente, com **c**, em forma de rema-comentário, no qual a coerência do texto, em um primeiro momento, é construída a partir da conjunção entre os conhecimentos prévios do interlocutor acerca da pergunta retórica e de sua escrita por letras maiúsculas que corroboram pela construção de sentido que atua na compressão da entonação mais forte, o direcionamento argumentativo e a irônico desse segmento.

O segmento **e**, *#ridículo*, também uma *hashtag*, relaciona-se com **b + c + d**, de modo a comentá-los de maneira definitiva, constituindo-se, também, em um rema-comentário.

Salientamos que a relação de progressão textual do *Tweet 17*, faz-se pela relação tema/remas em todos os seus cinco segmentos, a partir de **b**. Assim, a coerência desse *tweet* sob análise é construída a partir de elementos não-linguísticos de coesão sequencial que estabelecem a relação tema/remas e, nesse sentido, há o primeiro segmento, **a**, *hashtag – olimpíadas* que ressaltamos ser o assunto do texto desdobrado no tema anteriormente descrito, e coadunado as demais segmentos.

4.4 Considerações sobre as análises efetuadas

As análises realizadas neste capítulo, permitiram-nos observar, primeiramente, que a maioria dos *tweets* analisados e selecionados na *timeline* dos locutores, encontram-se “soltos” e desconectados de outros textos. Como vimos, a recuperação contextual de textos produzidos em redes sociais e, especialmente no *Twitter* – que organiza de maneira cronológica e sequencial na *timeline* dos usuários os *tweets* produzidos por meio de uma seleção *inflow* e *outflow* a que recorre um usuário desse ambiente – é muito difícil, já que os usuários dessas redes sociais

são movidos a escrever de acordo com o que pensam em um determinado momento, podendo não construir, à primeira vista, sentido algum para um interlocutor.

Nesses casos, em nossas análises, observamos que a marcação de um *RT*, seja por aspas, seja pela presença simbólica de um outro locutor – “@nome”, assim como a presença de *links* a *hipertextos*, tornaram-se ações o que nos permitiram recuperar o contexto de alguns deles.

Diante disso, na construção de um *tweet* argumentativo coerente, os locutores utilizam os mecanismos de coesão textual frásticos, tanto para estabelecer a sequencialidade entre os enunciados por meio do uso de operadores argumentativos que promovam relações lógico-semânticas e argumentativas, tanto para marcar a relação tema/remã.

Nesse direção, observamos que a *hashtag* constitui-se como um elemento particular do ambiente que é utilizado para delimitar o remã-comentário, de modo a marcar estrategicamente a posição do locutor frente ao que é enunciado no tema. Além da *hashtag*, a produção de remãs deu-se também por meio de enunciados linguísticos ligados a temas proferidos pelos próprios locutores, ou por *RTs* de perfis institucionais.

Para tanto, muitas vezes, também foram utilizadas, estrategicamente, a ironia (46%), as *hashtags* (26%), as perguntas retóricas (24%), a repetição de letras (18%), os sinais de pontuação como exclamação (14%) e de reticências (12%), a utilização de letras maiúsculas (8%), elementos gráficos (6%) e as *emojicons* (8%).

As *hashtags* foram utilizadas como estratégia argumentativa em sua função remã/co-comentário em 26% dos cinquenta *tweets* analisados, o que aponta para uma significativa apreensão do recurso em uma dimensão estratégica de marcação do ponto de vista do locutor.

Notamos, igualmente, que a formulação de perguntas retóricas foi um recurso estrategicamente muito utilizado no sentido de direcionar o interlocutor para o posicionamento do locutor frente a um enunciado, totalizando seu uso em 24% dos cinquenta *tweets* analisados.

Muitas vezes conjugados, o uso da humor foi utilizado em 18% dos *tweets* observados, enquanto o da ironia, foi utilizado em mais da metade dos cinquenta *tweets* analisados: 46%.

A partir disso, estabelecemos uma outra tabela (Tabela 9) que nos direcionasse, estatisticamente, para a coadunação das estratégias mais utilizadas para marcar o ponto de vista do locutor. Nesse sentido, observamos que a *hashtag* irônica como rema-comentário aparece em 18% dos casos analisados, a *hashtag* somente como tema/comentário em 22% e que, a formulação de uma pergunta retórica irônica em 24% . Não consideramos significativos os outros números frente à diferença percentual que estabeleceram com os demais.

Nessa direção, muitas vezes recorremos aos modelos cognitivos propostos por Marcuschi (2012 [1983]) e Van Dijk (1992, 2012) para recorrer à memória que forma *scripts* a partir de conhecimentos prévios, tanto de mundo, como do próprio ambiente.

Desse modo, escolhemos descrever *tweets* que de alguma forma contivessem a conjunção dessas estratégias, ressaltando que não descrevemos *tweets* com *emoticons*, uma vez que essas são categorias de análise amplamente estudadas na constituição e materialização linguística dos gêneros textuais digitais.

Frente ao que acabamos de apresentar, passamos, a seguir, às conclusões desta pesquisa no que se refere à produção ajustada à Língua Portuguesa, na produção de *tweets* argumentativos produzidos por alunos do 1º ano do EM de uma escola particular da cidade de São Paulo.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por proposta estudar a produção e organização de *tweets* argumentativos produzidos por alunos do 1º ano do EM, para localizar e identificar as estratégias utilizadas, bem como para observar a presença e a funcionalidade das marcas de oralidade nesse contexto, com o objetivo de compreender como se configura a organização textual argumentativa em um espaço delimitado de escrita e quais recursos linguísticos são acionados para organizar o *tweet*. Além disso, buscamos considerar quais são as estratégias argumentativas utilizadas para tal finalidade, com o escopo de observarmos se esses alunos conseguem, ou não, produzir textos ajustados à argumentação em uma configuração espacial restrita.

Considerando que o gênero indicado neste trabalho pertence à esfera da *Internet* e, especificamente ao *Twitter*, para responder às perguntas de pesquisa, buscamos, por meio do Teorema do Limite Central, selecionar intencionalmente, dentro de duzentos *tweets* produzidos pelos referidos alunos, cinquenta *tweets* que nos permitiram, por uma análise quantitativa referente à frequência do uso das categorias de análise como, coesão referencial, coesão sequencial (pelo uso de mecanismos textuais para promovam a progressão sequencial e a relação tema/rema), argumentatividade/ argumentação: estratégias argumentativas como o humor, ironia, entonação, expressões faciais do locutor e perguntas retóricas, materializados em variáveis linguísticas e não-linguística de posicionamento de ponto de vista por meio de operadores e modalizadores, *hashtags*, pontuação (reticências, sinais de interrogação e exclamação, aspas, travessão), utilização elementos gráficos, utilização de letras maiúsculas, repetição de letras presença de semioses por *emoticons* ou *hipertexto* e coerência –, observar e descrever em cinco *tweets* correspondentes a exemplos das categorias de análise de maior frequência observadas na amostra, como se manifesta e se organiza linguístico-textualmente um texto cuja única regra consiste em ser escrito em até cento e quarenta caracteres, bem como relacionar a este contexto de produção quais são e como operam as estratégias argumentativas que tenham como objetivo marcar um posicionamento do interlocutor.

Em tal direcionamento, por se tratar da análise de um gênero textual digital, julgamos procedente recorrer aos estudos bakhtinianos acerca da constituição e transmutação dos gêneros e aos postulados de Marcuschi (2002, 2008, 2010) referentes aos estudos sobre formação e materialização linguística dos gêneros textuais que circulam em ambientes digitais. Nesse

sentido, foram também fundamentais as considerações de Lévy (1993, 1996, 1999) a respeito das características das interações efetuadas no meio virtual e Santaella e Lemos (2010), sobre a constituição da cognição conectiva do *Twitter*.

Com o objetivo de analisar as relações estabelecidas entre a organização e materialização linguística destes gêneros e as estratégias voltadas a um direcionamento argumentativo, em um meio cuja velocidade constitui-se em elemento essencial nas interações, inscrevemos esta pesquisa sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista da Linguística Textual, fundamentando-nos, principalmente, nos estudos de Marcuschi (1983, 2002, 2008, 2010, 2012), Koch (1990, 2002, 2004, 2010, 2011, entre outros) e Koch e Elias (2009) quando das observações relativas à presença e funcionalidade de elementos e mecanismos de textualização que concorrem para a construção de sentidos nos gêneros textuais. As referências de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958 [2005]) sobre estratégias argumentativas aliadas à concepção de instâncias argumentativas propostas por Amossy (2007), foram, também, importantes contribuições em tal direcionamento teórico.

Logo nas primeiras análises do *corpus* selecionado, observamos que o gênero *tweet* pode-se configurar em mais de um tipo textual. Assim, como aponta Marcuschi (2002, 2008), um gênero textual, de acordo com sua finalidade comunicativa, condiciona-se à ordem do argumentar, narrar, expor, descrever ou injungir e, nessa concepção, verificamos que um *tweet*, também se perfaz dessa maneira. Por meio do estabelecimento de relações análogas aos estudos de Paiva (2010) acerca do gênero *e-mail*, concluímos que o *tweet* constitui-se em um gênero específico que agrega características tipológicas predominantes a outros gêneros, tais como as sequências narrativas dos contos, por exemplo.

Diante disso, avaliamos ser necessário o estabelecimento de tais possibilidades tipológicas para selecionarmos apenas os *tweets* do tipo argumentativo. Feitas tais ressalvas, a partir das caracterizações genéricas referentes à materialização linguística nos gêneros textuais digitais apontadas por Marcuschi (2002, 2008), observamos que, no *tweet*, ocorre uma imbricação entre as modalidades falada e escrita da língua, a qual pode se constituir em uma aparente não-linearidade do gênero. Apoiados na noção de a progressão textual estar subjacente ao conceito

de coesão sequencial, ou seja, aos aspectos estruturantes do texto, a também aparente falta de elementos coesivos em sua organização textual, dificultaria a efetivação da coerência na construção de um sentido.

Nosso *corpus* permitiu observar, então, que a presença de um elemento específico do ambiente *Twitter*, denominado *hashtag*, pode ser compreendido como um *rema*, mecanismo de coesão sequencial frástica que, em sua relação com o *tema*, permite a linearidade textual. Ademais, e em conformidade como Koch e Elias (2009) e Marcuchi (2012), que indicaram a presença do valor argumentativo em elementos de coesão sequencial, observamos que, em nosso objeto de análise, a *hashtag*, além de operar como rema e assim estabelecer a progressão textual, configura-se, também, como um comentário com orientação e valor argumentativo, tanto pelo encadeamento entre os enunciados, como em relação à progressão temática, caracterizando-se, desse modo, em um posicionamento do interlocutor em relação a um tema apresentado.

Assim, foi imprescindível que analisássemos a representação das estratégias argumentativas típicas do ambiente *Twitter*, para que observássemos se esse elemento específico do gênero *tweet* conformava-se como tal.

Neste percurso, a concepção de instâncias argumentativas indicadas por Amossy (2007), coadunadas à noção de orientação argumentativa estabelecida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958 [2005]), mostraram-se importantes fontes teóricas de embasamento das análises. Isto porque, atentamo-nos para a possibilidade de a Argumentação instaurar-se mesmo em dimensões nas quais não ocorra necessariamente um debate e, assim, observamos a possibilidade de estabelecer-se em uma instância a qual denominamos primária, qual seja, a de posicionamento de ponto de vista do interlocutor. Em tal direção, além de possuir tal caráter, à *hashtag* também notamos ser possível a imputação de ironia. Esta, como apontou Aquino (1997), configura-se em uma estratégia argumentativa que conta com os conhecimentos prévios do interlocutor para a construção de sentido.

Diante do exposto, concluímos que, sob a perspectiva de condicionamento de um gênero textual à situação comunicativa pretendida, os *tweets* argumentativos estão circunscritos a um contexto de experimentação da língua que se adapta às regras espaciais estabelecidas no

ambiente *Twitter*. Por meio da utilização de recursos específicos deste, como as *hashtags*, que podem funcionar como rema com valor de comentário irônico, ou não, os mecanismos de textualização estão presentes e operam tal como em qualquer outro gênero textual, ou seja, a partir do acesso a conhecimentos prévios que colaborem na construção da coerência.

Ainda sob tal observação, no *corpus* selecionado, contemplamos que a produção destes no que tange a uma instância primária de argumentação, circunscrita à marcação do locutor quanto ao seu posicionamento ou modo de ver, as análises nos direcionam para o entendimento de que tais construções constituem-se ajustadas a seu propósito. Nesse sentido, os resultados permitem afirmar que o valor dos elementos linguísticos presentes nos enunciados e em seus encadeamentos organizam-se no sentido de indicar o posicionamento do locutor que, em função da necessidade de uma economia de escrita, circunscreve seu “querer-dizer” a determinada dimensão estética, possibilidade que está circunscrita à regra de um jogo em que cada participante busca, por meios persuasivos, aumentar seu número de seguidores, ou seu auditório particular dentro de um auditório universal, a partir do condicionamento diretivo do seu querer-dizer.

Tais procedimentos partem do reconhecimento da língua e de seu respectivo manuseio em outra situação comunicativa que não corresponde, particularmente, à produção acadêmico-escolar. Assim, têm-se mostrado adequadas as produções efetivadas especificamente no ambiente *Twitter*, as quais contribuem positivamente para o domínio da Língua Portuguesa, diferentemente da expectativa escolar referente às produções textuais efetivadas no meio virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.M. *A Linguística Textual: Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Textualité et séquentialité*. L'exemple de la description. *Langue Française: la typologie des discours*. Paris, Larousse, no 74, p. 51-71, maio, 1987.

_____. *Cadre théorique d'une typologie séquentielle*. *Études de Linguistique appliquée: Textes, discours, types et genres*. Paris, Didier Érudition, nos 83, p. 7-18, juillet-septembre, 1991.

_____. *Les textes: types et prototypes*. Edition Nathan, 1992.

_____. *A Análise Textual dos Discursos: entre Gramáticas de Texto e Análise do Discurso (UNIL)* Conferência realizada durante a Jornada em homenagem a Patrick Charaudeau: "A análise do discurso nas ciências da linguagem e da comunicação", Lyon II, 2010. Tradução de Michelle Valois (UFPE) e Dóris de Arruda C. da Cunha (UFPE).

ADAM, J.M.; LORDA, C.U. *Lingüística de los textos narrativos*. Barcelona: ARIEL, 1999.

ADAM, J.M.; REVAZ, F. La estructura de la composición en los textos. In: *Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura*, n. 10, p. 9-22, 1996.

ALBUQUERQUE, S. R. S.M.. *Em busca de uma ressignificação para os sinais de pontuação: um estudo semântico pragmático das funções de pontuação operante na enunciação do discurso em gêneros de hipertexto*. In.: IV Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Comunidades Aprendizagem em Rede. Recife, 2012. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/SandraReginadaSilvaMartinsdeAlbuquerque-Em-buscadeumaressignificacaoparaossinaisdepontuacao....pdf>>

AMOSSY, R.(Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *O lugar da argumentação na análise do discurso*, 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP9/Amossy.pdf>>. Acessado em 30/03/2013.

_____. *Argumentation in Discourse: A Social Approach to Arguments*. *Informal Logic*, v. 29, n. 3, 2009.

ANSCOMBRE, J-C.; DUCROT, O. *L'Argumentation dans la langue*. Liège: Mardaga, 1988.

ARAÚJO, J. C., de. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. Questões de estilo no gênero *chat* aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet & Ensino: novos*

gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARISTÓTELES. *Organon*. Trad. J. Tricot. Paris: J.Vrin. vol. V, Topiques. Vol. VI, Lés refutations sophistiques. 1950.

_____. *Rethorique*. Trad. M.Dufour. Paris: Les Belles Letres, 1932.

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior. Lisboa. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

_____. *Metafísica*. Trad. de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Arte Retórica e Arte Poética*. R. J.: EDIOURO. (s/d).

AQUINO, Z. G. O. *Conversação e Conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas* – Tese de Doutorado – FFLCH/USP, 1997.

AUSTIN, J. *How to do things with words*. URMSON, J.; SBISÁ. M.(Eds) Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1975.

BAKHTIN. M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 6ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1992, pg. 90 – 109; 110 – 127.

BARBISAN, L. B. *Uma proposta para o ensino da argumentação*. Letras de Hoje, 42 (2):111, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2415/0>> Acesso em: 20/01/2014.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (orgs). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba : Ed. Da UFPR, 3ª ed.; 2001.

BEAUGRANDE, R. de. *Text, Discourse, and Process: Toward a Multidisciplinary Science of Texts*, 1980. Disponível em: <<http://www.beaugrande.com>>. Acesso em 13/11/2012.

_____. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, N.J.: Ablex. 1997.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981. Disponível em: <<http://www.beaugrande.com>>. Acesso em 13/11/2012.

_____. *Introducción a la linguística del texto*. Barcelona: Ariel, 1997.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006.

BEZERRA, C. A. R. *Articulação hipotática adverbial e argumentação: uma análise do uso de*

orações concessivas em artigo de opinião e editorial. 2006. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

BHATIA, V. K. *Analysing Genre: Language use in professional setting*. London/New York: Longman, 1993.

BITENCOURT, H.R., VIALI, L. Contribuições para o ensino da distribuição normal ou Curva de Gauss em cursos de graduação. In.: *III Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Águas de Lindoia, S.P. 2006. Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/planilhas/Sipem_06.pdf. Acesso em 21/03/2014.

BLAIR, H. *Leçons de rhétorique – et de belles-lettres*. Paris: Imprimerie Panckoucke. (s/d)

BOLTER, J. D. *Writing Space. The Computer, Hypertext, and the Hystory of Writing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates. 1991.

_____. *Writing space, a hypertext* [Diskette]. Hillsdale, NJ: LEA Software and Alternative Media, Inc. 1990.

_____. *Writing space: Computers, hypertext, and the remediation of print*. Mahwah, NJ and London: Erlbaum. 2001.

BRANDÃO, H. N. Escrita, Leitura, Dialogicidade. In: *Bakhtin, Dialogismo e construção do sentido*. BRAIT, B. (Org.) Campinas, SP.:Ed. Unicamp. (Mimeog.) [sd]

_____. *Subjetividade, argumentação e polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNES, 1998.

_____. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas, S.P.: Ed. Unicamp, 2002.

_____. *Estilo, gêneros do discurso e implicações didáticas*. III Seminário da Análise do Discurso, Universidade Católica de Salvador. Salvador, BA, 2005. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand003.pdf>. Acesso em: 25/11/2014.

_____. A articulação: gêneros do discurso e ensino. In: FÁVERO, Leonor L. (org.). *Língua portuguesa, pesquisa e ensino*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007. v. II.

_____. *Analisando o discurso*. Museu da Língua Portuguesa, 2009. Disponível em < http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf > Acesso em 22/03/2013.

BREMOND, C. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, Roland (org.). *Análise estrutural da narrativa*. São Paulo: Vozes, 1973.

BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.

BRUN, E.P.; DANIEL, M. E. *Tipos textuais e intertextualidade genérica*. In XI Simpósio Na-

cional de Letras e Lingüística. I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística. Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/silel2006/caderno/resumo/EdnaPagliariBrun.htm>>. Acesso em 05/12/2012.

CANONICE, B.C. F. Redação X Produção Textual. In: *Cadernos de Apoio ao Ensino*, no 05, dezembro/98.

_____. *O texto dos formandos de Letras: Um estudo sobre a coesão e a coerência*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCH Departamento de Letras – DLE Mestrado em Linguística Aplicada – MLA, 1999. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/bcfcanonice.pdf> acessado em 13/11/2012.

CARDOSO, C. J. *A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

CASTILHO, A. T. de. *Para o estudo das unidades discursivas no português falado: o problema dos marcadores*. Mimeo, 1988.

_____. *A língua falada no ensino de Português*. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALCANTE, M. C. B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI; XAVIER (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido* 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.163-169.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: *O texto: escrita e leitura*. CHARLOTTE G. (Org.). Campinas: Pontes, 1988, p. 39-85.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In: _____.; RIBEIRO, A. E. (Orgs). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Cea-le; Autêntica, 2007.

_____. Entre textos e hipertextos. In: _____. (Org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 1ª.ed., São Paulo: Contexto, 2009, p.113-126.

CREUS, S. de Q. Estudos sobre texto e discurso. In: *Pesquisa em Letras*, Aguiar, V. T; Pereira, V. W. PUC/RS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/pesquisa/pesquisa/pesquisaemletras.html> acessado em 12/11/2012.

CRYSTAL, D. *Language and Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. *How Is The Internet Changing Language Today?* Disponível em <http://www>.

youtube.com/watch?v=P2XVdDSJHqY. Acesso em 30/10/2013.

DELEUZE, G. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, E. *Deleuze filosofia virtual*. Trad. por Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B., Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. In: *Gêneros e escritos na escola*. Campinas. Mercado das Letras, 2004.

_____. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: *Gêneros e escritos na escola*. 1997. Campinas. Mercado das Letras, 2004.

DORSEY, J. *Entrevista* publicada em 21/03/2011 e disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/rodrigo-martins>

DUCROT, O. (2004) Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In: *L'argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle.

_____. *O Dizer e o Dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes 1987.

ENEM. Exame Nacional do Ensino Médio. *Habilidades e Competências para a área de códigos e suas tecnologias*. Disponível em: <<http://www.infoenem.com.br/competencias-para-linguagens-codigos-e-suas-tecnologias/>; Competência 7. Disponível em <www.infoenem.com.br/competencias-para-linguagens-codigos-e-suas-tecnologias/> Acesso em 25/10/2012.

FARIAS, A. da C. *A leitura e o uso das mídias em ambientes virtuais de aprendizagem*. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/293.pdf> data de acesso: 01/12/2012.

FÁVERO, L. L. *Linguística textual: introdução*. 4. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Coesão e Coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2003.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. de. O par dialógico pergunta – resposta. In: JUBRAN, C. S.; KOCH, I. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p.133-166

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

FIORIN, J.L. *Astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 1999.

_____. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, J.L.; SAVIOLI, P. F. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 2006.

FOLTZ, P. W. *Comprehension, Coherence, and Strategies in Hypertext and Linear Text*. In:

Rouet et alii (eds), pp. 109-136. 1996.

GALEMBECK, P. de T. A Linguística Textual e seus mais recentes avanços. In: *Cadernos do IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, IX:05, p. 68-76 (UERJ-RJ). Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/index.htm>>; Acesso em: 16/01/2010.

GALDEANO, P. *Los conectores y la competencia textual*. 2000. Disponível em: <<http://www.centroalpha.com.ar/publicaciones.htm#ART2>> Acesso em 15/11/2012

GALVES, C. et alii (org). Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas.” In: *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988.

GERALDI, J. W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.

GRILLO, S.V. de C. (1995). *Escrever se aprende reescrevendo: um estudo da interação professor/aluno na revisão de textos*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP/IEL.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Austrália: Edward Arnold, 1985.

HALLYDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, Context, and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____. *Cohesion in english*, London: Longman, 1976.

HOLZMANN, V. N., *A interação virtual em diálogos da internet: novas possibilidades para a análise do discurso*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo.

ISENBERG, H. Cuestiones fundamentales de tipologia textual. In: BERNARDES, E. (org.). *Linguística del texto*. Madrid, Asco/libros, 1987, p.97-129.

KARNOPP, L. B. Linguística Textual. In: FLORES, O. (Org.). *Teorias do Texto e do Discurso*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006, p. 17-60.

KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986. p. 98.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 4. ed., Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, I. G.V. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *A articulação entre orações no texto*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*.

Campinas: (28), 9-18, Jan./Jun.1995.

_____. *Linguística Textual: Quo Vadis?*. In: Revista Delta, edição especial, 2001.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Inter-Ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Hipertexto e Construção do Sentido. In: *Revista Alfa*, n.51, 2007.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I.G.V.; FÁVERO, L. L. *Contribuições a uma tipologia textual*. Letras & Letras. Uberlândia: EDUFU, V.3, no 1.p.3-10.junho,1987.

KOCH, I.G.V; MARCUSCHI, L. A. *Processos de referenciação na produção discursiva*. DELTA. São Paulo, v. 14, número especial, p. 169-190, 1998.

KOCH, I.G.V; TRAVAGLIA, C. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

KOMESU, F.C. *A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói / leitor*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

_____. As relações intergenéricas constitutivas da escrita das *home pages*. In: ABAURRE, M.B.M.; MAYRINK-SABINSON, M.L.T.; FIAD, R.S. (Orgs.) *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas (SP): Komedi, 2003. p.223-263.

_____. Blogs e práticas de si na internet. In: *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010 [2005].

LAUSBERG, H. (1972) *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Gulbenkian.

LÉ, J. B., Hipertexto e Fluxo Informacional: Considerações sobre o Dado e o Novo na Web. In: *Anais do III Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Belo Horizonte: Minas Gerais, 2009. Disponível em: <http://www.hipertexto2009.com.br/anais/g-l/hipertexto-e-fluxoinformacional>.

LÈVY, P. *As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. Trad. por Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. (Coleção TRANS).

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, M. N. de, *Linguística Textual e Seus Avanços*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/16368/1/LINGUISTICA-TEXTUALESEUSAVANCOS/>

LOPES, M. C. C. *Considerações sobre a redação em sala de aula*. In: Letras & Letras, Uberlândia, 1(1): 39-44, maio/1985.

MACHADO, I, L. *A ironia como fenômeno linguístico-argumentativo*. In.: Revista de Estudos Linguísticos, ano 4, v.2. p. 144-145. Belo Horizonte, 1995.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola, 2012 [1983].

_____. *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática, 1996.

_____. *Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos*. Texto digitado, apresentado em mesa redonda no II Encontro nacional sobre fala e escrita. Maceió, novembro de 1995. P.1-11.

_____. *Referência e Cognição*. O caso da Anáfora sem Antecedente. Apresentado no Encontro de Linguística em dezembro de 1998, UFJF, Juiz de Fora. 1998.

_____. *Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido*. In: Revista do Gelne, ano 1, n. 1, 1999.

_____. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. 1999.

_____. *A coerência no Hipertexto*. 2000. Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/Marcuschicoerhtx.doc> . Acesso: 18/11/2012.

_____. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: *Linguagem e Ensino*, vol. 4, nº 1, 2001, p. 79-111. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~fontes/ln-2sem2006/17Marcus.pdf> . Acesso: 15/11/2012.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade In.: DIONÍSIO, A. *et al.* (Org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. In: PRETI, Dino (Org). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005. VOL. 7.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDESCZKA, B.; e BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. *Produção textual, análise dos gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, realizado entre os dias 23-25 de maio, 2002.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In.: *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010 [2005].

MATTAR, F. *Pesquisa de marketing*. São Paulo, Ed. Atlas. 1996.

MODESTO, A.T.T. A estrutura conversacional nas conversas mediadas por computador: o caso do MSN Messenger. In.: VIII Encontro nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal, 2007, São Paulo. *Anais do VIII Encontro nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal*. São Paulo: FFLCH-USP, 2007. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/58_Artarxerxes_Tiag_%20TM_revisto_.pdf>. Acesso em: 02/03/2012

MOSCA, L. S. *A subjetividade no editorial: uma análise retórico-argumentativa da adjetivação*. 406 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. São Paulo: 1990.

_____. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas. 1997.

_____. A teoria perelmaniana e a questão da afetividade. In: OLIVEIRA, E. C. (org). *Chäim Perelman: Direito e Retórica e Teoria da Argumentação*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/ Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia, 2004a. p.129-140.

_____. (Org.) *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006, p.15-20.

NADER, V. H. *A interação virtual em diálogos da internet: novas possibilidades para a análise do discurso*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de São Paulo. 2001.

OLIVEIRA, T. P. de. Coerência: marca de textualidade in: *Revista Symposium* ano 6 nº 1/2 janeiro-dezembro 2002.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 1987.

SILVA, J. Q., *As tipologias textuais e a produção de texto na escola*. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1995. Dissertação de Mestrado.

PAIVA, V. L.M.O., E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XA-

VIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. et alli. Repensando o Curso de Letras. In: *ANAIS DA 49a*

PEREIRA, R. F. A produção textual: perspectivas de mudança a partir das novas concepções de linguagem. In: *ANAIS DA X SEMANA DE LETRAS*, Maringá, 1997, pp. 34-36.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

PESSOA DE BARROS, D. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo : Ática S.A., 1990.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RIBEIRO, M. F. et alli. Cenários do ensino da língua portuguesa no 3o grau. In: *Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa*. DELL'ISOLLA, R. L. e PIRES, E.M.(Org) Campinas: Pontes, 1997.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O., URBANO, H. Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: Ingedore Koch (org.). *Gramática do português falado*. v. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996. p.21-59.

RUIZ, E. M. S. D. *Como se corrige redação na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

PRETI, D. (org). *Análise de textos orais*. São Paulo, FFLCH/USP, 2ª ed. 1995.

ROBRIEUX, J. J.. Éléments de Rhétorique et d'Argumentation. Paris:Dunod, 1993. p. 97-205.

ROJO, R. H. R. *Interação em sala de aula e gêneros escolares do discurso: um enfoque enunciativo*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 199-. (Mimeogr.).

_____. *Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas*. LAEL/PUC – S.P., 200-. (Mimeogr.).

_____. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: ROJO. R.H.R. (org.) *A prática de linguagem em sala de aula. Praticando os PCNs*. Mercado de Letras. EDUC. 2001.

_____. Apresentação: Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modos de pensar, modos de fazer. In: SCHNEUWLY, B. ; DOLZ, J. e colaboradores . *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Mercado das Letras. Campinas, 2004.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. *A cognição cognitiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, E. M. dos. *Chat: E agor@?* Novas regras – nova escrita. In: COSCARELLI, C.V.;RI-

BEIRO, Ana Elisa (Orgs). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2.ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

SANTOS, E. M. dos; TEIXEIRA, E. R. *Práticas de letramento digital para crianças: fatores de diversidade e possibilidades pedagógicas na aquisição do português escrito*. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba. 2011. Disponível em: < <http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-curitiba-2011>> Acesso em: 02/02/2013.

SCHNEUWLY, B., Genres et types de discours: Considérations psychologiques et ontogénétiques. In: REUTER, Y. (org.). *Les interaction lecture-écriture*. Berna, Peter Lang, p. 155-173.

SHEPHERD, T.G.; SALIÉS, T.G. (Orgs.) *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, J.F.D; FERREIRA, S.P.A. *O uso de marcadores conversacionais e a compreensão textual no programa MSN Messenger: um estudo etnográfico com duas adolescentes*. (UFP). 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem. Anais Eletrônicos. Disponível em: < <http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Janaina-Fernanda-Dias-Silva&Sandra-Patricia-Ataide.pdf>> Acesso em 14/10/2012.

SILVA, J. Q. *Gênero discursivo e tipo textual*. Belo Horizonte: Editora PucMinas, V. 1, n. 1, 1999, pp. 87-106. Disponível em <http://www.ich.pucminas.br/posletras/06.pdf> Acesso em 07/11/2012.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L. C. *Uma introdução ao estudo do humor pela linguística*. Delta. v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

_____. *O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão*. *Leitura – Estudos linguísticos e literários*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, n. 5, v. 6, p. 42-79, 1992.

_____. Contribuições do verbo à coesão e à coerência textuais. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: no 27, p. 71-84, Jul./Dez.1994.

_____. *A coerência textual*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TOULMIN, S. E. *Os Usos do Argumento*. Trad. Reinaldo Guarany e Marcelo Brandão Cipolla. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

URBANO, H. Marcadores Conversacionais. In: Preti, D. (org). *Análise de Textos Orais*. 3ª ed. São Paulo. Humanitas Publicações – FFLCH/USP. Vol I, p.81-101, 1997 _____ *O seu trabalho está bom, mas....*Delta. Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Vol 14. Nº especial, p. 269-276. 1998.

VAL, M. G. C. Texto, textualidade e textualização. In: *Pedagogia cidadã*. Cadernos de Formação – Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP, 2004. v. 1. p.113-124.

_____. *Redação e Textualidade*, 2^a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VAN DIJK, Teun. *Text and context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. New York: Longman linguistics Library; n. 21, 1977.

_____. *La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinário*. Buenos Aires, Barcelona, Paidós, 1983.

_____. *A cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Texto y contexto*. Madrid: Cátedra, 1995.

_____. *Cognição, discurso e interação*. In: Ingedore Villaça Koch (Org.). São Paulo: Contexto, 1996.

_____. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.

_____. *Discurso e Conhecimento*. Conferência realizada em 26/11/2012, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo para o GEDUSP – Grupo de Estudos Discursivos da USP.

WALLACE, P. *The psychology of Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968. (1975).

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI; _____(orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.170-180.

_____. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). *Alfabetização e Letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 – Duzentos *tweets* produzidos pelos alunos

-

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 9 de nov de 2012
lamento muito a cidade de sp n ter sido escolhida para sediar a copa das confederações, culpa da CBF que proibiu o morumbi

Expandir Responder Retweeter Curtir Mais
-

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 6 de nov de 2012
Corria desesperadamente. Não via o que procurava. Sabia o que procurava? Não. Escutou sua respiração. Entendeu, sobreviveu e seguiu caminho.

Expandir Responder Retweeter Curtir Mais
-

Nem me fala... @grupo11b · 8 de nov de 2012
Em um mar de its.. vale a leitura neste it texto! aredacao.com.br/artigos/20853/ ... hahaha

Expandir Responder Retweeter Curtir Mais
-

Nem me fala... @grupo11b · 8 de nov de 2012
Essas blogueiras tão fazendo mais propaganda do que mostrar mesmo á moda, seu estilo.

Expandir Responder Retweeter Curtir Mais
-

Nem me fala... @grupo11b · 8 de nov de 2012
Cada um tem sua escolhas a seguir, n é pressionado por ninguém, mas creio que Priscila tem que criticar elas com menos agressividade.

Expandir Responder Retweeter Curtir Mais
-

Nem me fala... @grupo11b · 8 de nov de 2012
Quando escolhe-se o que irá fazer na vida, é preciso saber que terá elogios e críticas! Mas a Priscila tá pegando pesado com as blogueiras!

Expandir Responder Retweeter Curtir Mais
-

Nem me fala... @grupo11b · 7 de nov de 2012
Se as blogueiras de moda são tão vigaristas quanto a Shame defende, ao abrir a VOGUE de novembro você n encontraria uma matéria sobre elas..

Expandir Responder Retweeter Curtir Mais
- Retweetado por grupo21B

grupo41b @grupo41b · 6 de nov de 2012
keep calm and...[youtube.com/watch?v=D9_qcj...](https://www.youtube.com/watch?v=D9_qcj...) #calmaae

Ver conteúdo multimidia Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Quais outras enquetes vcs queriam no nosso blog? Lembrem-se de responder a do #ABORTO evg41a.blogspot.com.br

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 17 de nov de 2012

A pureza e a simplicidade tocando tão forte, soando como maldade.

Expandir

13:42 - 17 de nov de 2012 der Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 17 de nov de 2012

sangue renovado, vampiro curado

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

#BreakingDawnLive e eu aqui na escola, #vidaloka

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 17 de nov de 2012

E talvez um ponto final agora seja melhor do que colocar vírgulas pra não sofrer.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 16 de nov de 2012

Maluf finalmente vai pagar o q deve! #jornalhoje

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

Globo.com estadoao, so postam coisas aleatorias p ter ibope!!!! Ahnfhj

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

Deprimente ----- apenas (tweet abaixo)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

"@Estadoao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi 'horrível', mas também reclama do gramado. migre.me/bRT6O" não sabe jogar e culpa td

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

Se depender dos gols do neymar o brasil não ganha a copa. Perder no pais, sendo que tem gnt com fome e s/ escola e o \$ investido em estadios

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

"@g1: BlackBerry lança recurso de ligações gratuitas por serviço de mensagens glo.bo/SOUeLH" nova modinha.....

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

Liberdade só é bom pra passarinho que sabe voar.

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Quem se recusa de servir de inspiração chega a ser protagonista de histórias e nem sabe.

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Se eu capotar no teclado e me sentir culpada de não digitar, quem posta por mim, o que só eu fui capaz de pensar?

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Quantos tweets por dia posta seu ídolo? Já parou para pensar?

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Muito bom! : youtube.com/watch?v=HxqKxn...

Ver conteúdo multimídia

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Vejam esse grande exemplo de superação: youtube.com/watch?v=oaAJpm...

Ver conteúdo multimídia

Responder Retweeter Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Viva En Cia @evgrupo31A · 13 de nov de 2012
A vida é bela, a gente que estraga ela !

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Viva En Cia @evgrupo31A · 13 de nov de 2012
@EvGrupo4 vamo viver a vida sempre como se fosse nosso último dia!! =)

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012
hahaha nossa, se minha mae ver o livro que eu estou lendo.....

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012
post novo: o livro que esta causando

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012
O FIM DO MUNDO AQUI evg41a.blogspot.com.br/2012/11/21-de-...

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012
evg41a.blogspot.com.br/2012/11/o-livr... - APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA, SERÁ?

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012
mtooo ansiosa amanha!!! vai ser o melhor filme de todos!

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Queijo Brie @evgrupo11A · 13 de nov de 2012
A cidade está um caos.

Expandir Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Na chuva professor não pode dar aula porque tá trânsito, a cidade desestruturada. Que tristeza. VAMOS REAGIR SÃO PAULO?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Queijo Brie @evgrupo11A · 13 de nov de 2012

São Paulo mal preparada para receber a chuva, imagina os eventos como COPA e Olimpíadas.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 11 de nov de 2012

Embalagem de sabonete: tira todas as impurezas. Depois do banho, o medo, as preocupações e as tristezas permanecem.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

"@Estadao: Operação Delivery descobre tráfico internacional de pessoas no Acre: migre.me/bln40" depois que a novela revela...soltam td

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

Mas é igual na novela "quando se precisa ninguém aparece, depois vem com copo d'água". Isso ai Morena! O theo faz mil promessas e larga agr?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

@evgrupo31A mas que tem prevencao tem! Isso n tira o direito da mulher escolher

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

LAERTE MAIS QUE UM ROSTINHO BONITO -> Notícia que vale a pena: br.noticias.yahoo.com/blogs/blog-ult...

Ver resumo

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

Você entra no globo.com; entretenimento, daí "mulher melão fez isso", pera aquilo, Mas e aí? Machismo! Pq de homem n falam NADA!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

Geisy Arruda só causa primeiro o "vestido" depois a plástica lá e agora até o fucinho? br.omg.yahoo.com/blogs/celebrid...

Ver resumo

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

Difícil é achar alguém interessante que compartilhe uma boa dose de identidade conosco no paper.li

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

@geraldoalckmin_ Ao invés de ir pra fábrica da Hyundai vai ajudar a cuidar do Brasil. Você sempre no discurso, mas tem gente PRECISANDO.

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 9 de nov de 2012

G. Arruda e seu brocolis, aspargo, couve flor, e desde quando isso devia ser notícia? Absurdo galera!!!!!!!!!!!!!!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

Sou a favor do aborto, quando a mulher acha que não pode criar uma criança. Melhor não ter uma criança, do que ter e n poder mante-la p ex.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

"@VEJA: Enem: candidata pode ter sido eliminada por engano goo.gl/rrsfm" agora eu quero ver

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

"@Estadao: Médico britânico é suspenso após mais de mil cirurgias de mama desnecessárias: migre.me/bG6Xa" pensei que fosse no BR ja.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

"@g1: Combates matam 26 perto da fronteira entre Síria e Turquia glo.bo/SP9ydu" isso é humano? --'

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

Detesto pensar na quantidade de pessoas que existem que não prestam.

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

"@Estadao: Roberto Carlos faz show picante em SP e 'passa o rodo' no público feminino: migre.me/bG6Tw" falta de sucesso ou excesso?

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 7 de nov de 2012

"@twittzendo: status: precisando de uma massagem" ai sua operadora envia uma sms: seu saldo é insuficiente

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 7 de nov de 2012

Pra quem ta acostumado com o barulho, e ouve a voz das pessoas sem ruidos em uma rua de SP, e um momento tao estranho e unico.

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 7 de nov de 2012

As pessoas assombradas por opiniões sobem rapidamente sem perfeição as escadas que aparecem, acham que enfrentam...Depois cara no chão.

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 7 de nov de 2012

Triste é ver que a tristeza de muitos e felicidade de alguns, pq ne.

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 7 de nov de 2012

Uma briga inesperada circula pela manhã. Um casal quebrado, sorrisos armados. Que tristeza.

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Viva En Cia @evgrupo31A · 6 de nov de 2012

Furacão Sandy tinha que ter nome de mulher mesmo, passa, leva seu dinheiro, sua casa, seu carro.... rs

Expandir

↳ Responder ↻ Retweeter ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

@evgrupo11A @evgrupo31A de fato, mas existe a possibilidade do pai não assumir, etc, a vida da MULHER também está no assunto.

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

@evgrupo31A MAS ANTES DE PENSAR EM ABORTAR SERIA BOM PENSAR EM SE PREVENIR #RecadoDado #ÉoPapo #DiretoeReto

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Viva En Cia @evgrupo31A · 6 de nov de 2012

@EvGrupo4 acho que as pessoas (no caso mulheres) tem que ter direito a ESCOLHA, pois se trata não so da vida o bebe como da vida DELAS!

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

@EvGrupo4 @evgrupo31A #polemico #achoquesim

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

NOSSO PAPER LI, ATUALIZADO paper.li/EvGrupo4/13521... #CLICAAQUI

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

Governo federal vai oferecer vagas em prisão de Mossoró para líderes do PCC: migre.me/bChTK ESSA É BOA, INFRAESTRUTURA É OBRIGAÇÃO!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

Obamma e Romney VAI OBAMA NOIS TE AMA, VAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAI

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Viva En Cia @evgrupo31A · 6 de nov de 2012

mto humanistas vcs q acham que a mulher tem q ter um filho fruto de estupro, pq o unico humano e envolvido é o bebe, a mulher que se foda!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

Vejam nosso blog! 100sacional

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

@evgrupo31A depende do caso o aborto pode ser algo "melhor" do que uma mãe que não saiba cuidar... #jessica

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

Cotas raciais não ajudam em nada, apenas estimulam o ato do racismo-Ana

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 5 de nov de 2012

O filme 2012 não começa com inundacoes em nyc? Sera?? Pq... Ja inundo!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 5 de nov de 2012

Ninguem quer saber porque o Haddad criticou tanto serra e kassab e ta usando do projeto deles? Engracado! Tiririca? Pior que ta FICA.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 5 de nov de 2012

Os brasileiros desacreditam tanto desse pais que se preocupam mais c as eleicoes dos EUA do que com os politicos e eleicoes que tivemos...

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 5 de nov de 2012

As nuvens parecem algodão doce, da vontade de tirar um pouquinho do céu.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 5 de nov de 2012

"@g1: Homem é flagrado fingindo ser deficiente para ganhar esmolas no DF glo.bo/RLe2id" e isso vai ser mais polemico que os politicos

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 4 de nov de 2012

"@g1: Prova do 2º dia do Enem cita Picasso, Drummond, Mutantes e J. K. Rowling glo.bo/SGDMzO" FInAlmente cultura!!!!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 4 de nov de 2012

"@g1: Ministro quer punição para quem divulga boatos contra o Enem glo.bo/SGBXTx" Boatos? Ou verdades escondidas.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 4 de nov de 2012

"@Estadao: Arco do futuro, de Haddad, terá 10 projetos de Kassab migre.me/bzLf2" MAS ELE NÃO ERA CONTRA?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 4 de nov de 2012

"@g1: AO VIVO: ministro da Educação comenta a edição deste ano do Enem g1.globo.com/educacao/enem-..." la vem problema e discurso pronto

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 4 de nov de 2012

"@g1: Corpo de PM morta a tiros na frente da filha é enterrado em SP glo.bo/RiILBn" e o trauma dessa menina quem cuida?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 4 de nov de 2012

O personagem do livro O Duplo de Dostoiévski, vive uma crise da autoconsciência, se referindo ao protagonista como "nosso herói".

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 3 de nov de 2012

#ENEM2012cancelado mas já?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 3 de nov de 2012

paper.li/Grupo21A/13512... #paperli #dificildemexer #dandotrabalho #vamoseditar #jornaldiario

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 3 de nov de 2012

Enem cancelado fulano de tal roubou as questoes ---> sempre assim <---

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 3 de nov de 2012

"@g1: Portões do Enem já estão abertos; siga a cobertura em tempo real do G1: g1.globo.com/educacao/enem-... #G1Enem" e daqui a pouco: vao falar +

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 3 de nov de 2012

"@operamundi: Presidente do Paraguai diz que não permitirá nova candidatura de Fernando Lugo bit.ly/VmrzTD" O planeta é democratico?!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 3 de nov de 2012

Cansada - nada contra as pessoas, mas prefiro os animais.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 2 de nov de 2012

Um absurdo os trend topics do twitter não tem nenhummm assunto que e importante de se debater, que que isso minha gnt?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 2 de nov de 2012

Enem no fds e eu nem sei a materia da escola realidade de um sofrimento

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 2 de nov de 2012

"@JNTVGloboBrasil: Brasileiros estão mais atentos ao peso dos impostos, diz Fecomércio: glo.bo/RxmMsl #JN" AtE QUE EnFim

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 31 de out de 2012

Todos os momentos que ele passava acordado pensava em quão feliz estaria se estivesse dormindo.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 31 de out de 2012

Sono é quando a sua alma diz pra onde quer voltar: cama.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 27 de out de 2012

Um copo de leite de manhã. De refrigerante, a tarde. De noite? Ops, nem me lembro o que tomei ontem.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 27 de out de 2012

Pilhas de papéis, 3 canetas. E 2 mãos. Uma vida a ser escrita. Preguiça de contar os detalhes. Melhor não escrever.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 13 de nov de 2012

g1.globo.com/mundo/noticia/... HAHAHAHA " Brothers become sisters, then beauty queens"

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 13 de nov de 2012

HOMEM-GATO morreu!!! [#genteestranhavaiproceu?](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 13 de nov de 2012

<http://evgrupo21a.blogspot.com.br/2012/11/blog-post.html> [linemnachina](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 12 de nov de 2012

Até que enfim esse José Dirceu foi condenado a prisão! Quem sabe depois dessa condenação do Mensalão esse país vai pra frente. [#forçaBrasil](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 12 de nov de 2012

A Globo paga 6 milhões pro Ronaldo emagrecer, mas fica pedindo grana no final do ano! Porque não pega esse dinheiro e doa?! Hahah palhaçada!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 7 de nov de 2012

9gag.com/gag/5779869 hahahahahahaha

Ver foto

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 7 de nov de 2012

emociona o jeito que os americanos vibram com a re-eleicao do Obama... É realmente o país mais orgulhoso e patriota que existe! grande festa!

Expandir

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

Eletrofunk não dá! Edy lemond, mc mayara? uó! [#fikadik](#) [#uiadoro](#)
[#aicomoeutobandida](#) [#sóplágio](#)

Expandir

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

[#olimpiadas](#) presidenta fazendo acordo com o comando vermelho pra nenhum gringo sair morto...QUE PAIS É ESSE? [#SOCORROBRASIL](#) [#ridiculo](#)

Expandir

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

@evgrupo31A acho a lady gaga [#exagerada](#) e [#desnecessaria](#), ela é lady nada [#rs](#)

Ver conversa

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

[#VoltaRBD](#)???? ACHO QUE NÃO

Expandir

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

Se o Brasil é um país que consiste na democracia, não deveríamos ser obrigados a votar.

Expandir

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

[#aff](#) [#ngosto](#) "@MittRomney: We know we can bring this country back, but we need your help. Find out where to vote today: mi.tt/UtXKer"

Expandir

Responder Retweeter Curtir ... Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

São Paulo em guerra e Nova Iorque desmoronando... É o fim está próximo...

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

torcendo pelo Obama, tomara que os estados unidos façam uma decisão boa..

#obama #ansiosa

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 3 de nov de 2012

paper.li/Grupo21A/13512... #paperli #difícil demexer #dandotrabalho

#vamoseditar #jornaldiario

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 3 de nov de 2012

Não coube um resumo total em 140 caracteres... ops!...#FestanoColvil

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 26 de out de 2012

Visitem nosso blog!!! evgrupo21a.blogspot.com #escolaviva #nossoblog

#polemico

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 1 de nov de 2012

Funk viro coisa de playboy, Mc Catra ira se apresentar na formatura do Porto Seguro #palhacada

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 1 de nov de 2012

Tudo q começa com C vicia.. Cocaína coca cola conhaque crack chocolate cocodrilo café e CATRA

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 6 de nov de 2012

aaa que saudade do findiis

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 6 de nov de 2012

no camaras ela dança p mim..

#novinhavemquem

@grupo31B

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 6 de nov de 2012

[#vaibamaaaaaaaaaaaaaaaaa](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 9 de nov de 2012

sexta feiraaaaaaaaaaaaa, ai simmm man! [#vemqtem](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 6 de nov de 2012

quem tive precisando de um dj da um ligaaaoo

[#djnandex](#)

só fortalecenuuu.... contato para shows [@grupo31B](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 6 de nov de 2012

[youtube.com/watch?v=FG2buA...](https://www.youtube.com/watch?v=FG2buA...) que saudadaaaaaades da suelen papaiiii!

Ver conteúdo multimidia

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 8 de nov de 2012

aeeee e viva obamaaa

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 8 de nov de 2012

[@grupo41b](#) isso eh racismo! vc esta em pleno sec 21 e tem a cara de pau de posta isso!? todos somos iguais..

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 8 de nov de 2012

[@grupo41b](#) e ninguem sabe escrever!! o que é lee?

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 9 de nov de 2012

dezembro ta chegando..... RUMO AO BI! VAAAAAAI CORINTHIANS !!!!!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 13 de nov de 2012

estadao.com.br/noticias/geral...

#palhafrita!!! querem acabar c baile funk

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 13 de nov de 2012

youtube.com/watch?v=TohuJy...

#chupaCris

Ver conteúdo multimidia

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 23 de nov de 2012

Sao paulo empatou ontem agora e so ta facil ganhar no morumTRI e garantir a vaga na final

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 23 de nov de 2012

Quando vai acabar essa entre policiais e bandidos. Ja morreu inocente pra c@R@Lhø

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 22 de nov de 2012

"@JornalOGlobo: Ministério Público denuncia dona de pet shop acusada de agredir animais." É um absurdo nos dias de hoje ainda ter isso!

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 17 de nov de 2012

"@Estadao: Mais um líder do PCC é enviado para cadeia federal em Rondônia migre.me/bUIEM" graças a Deus estao dando um jeito nisso!

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 13 de nov de 2012

outro video lucas dias !! ?

basketeria.com.br/pt/videos/view...

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 12 de nov de 2012

Chuva+São Paulo=caos total

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 9 de nov de 2012

Brasil gastando bilhões de reais nas mudanças para a Copa de 2014 enquanto não resolvem o real problema do país, que é a pobreza.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 9 de nov de 2012

Deveria ser proibido ter aula sexta feira! Ainda mais prova.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 8 de nov de 2012

A copa de 2014 vai causar trânsito, um transtorno para o Brasil ao olhar mundial.

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Cacatuas Mansas

Grupo21C @Grupo21C · 6 de nov de 2012

Muito sono para pouco eu...

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 6 de nov de 2012

Antes da prova, há smp aquele nervosismo, mas o pior é qnd td acontece de errado...e o + inesperado ocorre, você entra em trabalho de parto!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 5 de nov de 2012

"@Estadao: ENEM: aluna pede ajuda via celular, mãe denuncia e desclassifica filha migre.me/bBdtn" Não sei qual é pior, a mãe ou a filha

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Cacatuas Mansas

Grupo21C @Grupo21C · 2 de nov de 2012

Feriado é a melhor coisa do mundo!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 2 de nov de 2012

Tentando fazer isso aqui ficar mais interessante. [#preocupada](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 2 de nov de 2012

0km de tráfego em São Paulo neste feriado! As pessoas podiam viajar sempre né?

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Cacatuas Mansas @grupo31B · 2 de nov de 2012

Bom dia! Sexta feira é sempre melhor quando é feriado!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Cacatuas Mansas @grupo31B · 2 de nov de 2012

@Grupo21C hahahahahah vc esta sendo polemica! Acho que isso é um trabalho a ser feito com seu grupo ou individual.. Você esta no EM!

[Ver conversa](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Cacatuas Mansas @grupo31B · 26 de out de 2012

Segundo a Rafa carinhas não são polêmicas :(

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 23 de nov de 2012

É só o Haddad ser prefeito de SP que o pcc aparece! Hilário!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 23 de nov de 2012

O Obama poderia ser presidente do mundo!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 23 de nov de 2012

Para que serve uma escola se os professores não comparecem?

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 18 de nov de 2012

boa tarde ! hoje já é domingo :-(

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 18 de nov de 2012

As vezes tenho vontade de burlar as regras, mas ultimamente não ser má educada já é acessão a regra.

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 18 de nov de 2012

Tenho muita coisa pra falar, mas não sei se suportam ouvir, eu posso resumir, mas não posso mudar o conteúdo!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 12 de nov de 2012

@BehCorrea nao com o nosso, com o outro que esta com o mesmo plano de fundo :-S

[Ver conversa](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 16 de nov de 2012

Esse feriado prolongado está passando muito rápido... Só acho.

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 9 de nov de 2012

E os loucos, nos consideram normais?

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 9 de nov de 2012

As vezes as pessoas acham que o mundo esta contra elas.....espera então chegar na adolescencia.....

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 9 de nov de 2012

Ai ai Nana... nananadesgraca.tumblr.com

[Ver resumo](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 9 de nov de 2012

Não sei se sou eu que estou mudando o tempo todo, ou o mundo que está ficando sereno demais. '-'

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

Um "curtir" de um fotógrafo é sempre melhor!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Retweetado por Epaminondas

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 8 de nov de 2012

Ser bom é ruim? [#duvidasmatinais](#)

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

É claro que o mundo vai acabar, porque achão que está acontecendo tanto desastre, por exemplo a Dilma presidente!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

@evgrupo41c Ué é o que ele mais falava ^.^

[Ver conversa](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

Ultimamente tudo está virando bullying.... Não é?

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

"Festa no Covil" - Uma leitura "de uma sentada só"... VOCÊ NÃO CONSEGUE PARAR DE LER !!!!!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

[#AprendiComLuanSantana](#) a ser vesgo '-'

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

OK a liberdade de imprensa, mas jornal deveria ser so para informar, e não para mudar ou formar a opinião de alguém sobre alguma coisa!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Epaminondas @evg11c · 8 de nov de 2012

Odeio quando quando dizem ter uma opinião só para agradar!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 23 de nov de 2012

Varios bafafas no enem de novo, e ainda pra ajudar mais um poquinho, menina sente contrações e pede para ir ao banheiro e da a luz a um bb

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 23 de nov de 2012

Falando com meu amigo cowboy... E pensei que... Rodeio e cultura! Deixa acontecer!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 23 de nov de 2012

Haddad e eleito pois tem fama de quem ajuda os pobres . Sera mesmo? Aumentar a passagem do onibus nao e ajudar os pobres , pensem bem :)

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 22 de nov de 2012

Amanha já é sexta!!!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 22 de nov de 2012

Com o próprio povo brasileiro, onde está o respeito hoje em dia? [youtube.com/watch?v=KZJuZg...](https://www.youtube.com/watch?v=KZJuZg...)

[Ver conteúdo multimídia](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 9 de nov de 2012

evg41c.blogspot.com.br/2012/11/univer... Obaaaaaaa Poste muito loco sobre magica1

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 9 de nov de 2012

aproveira para errar e aprender quando voce e crinaça ou adolente por depois que cresce os erros passam a ser mais serio .

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 9 de nov de 2012

Barack Obama ganha as eleições!! Oque no meu ponto de vista é uma coisa muito boa, acho que ele só fez mudanças positivas para a sociedade

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 8 de nov de 2012

boa sociedade , elegeram o Haddad pra ajuda os "pobres " e ele aumenta a passagem ? grende ajuda não é mesmo ?

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 9 de nov de 2012

bom dia (:

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Retweetado por Tem que ser polêmico

Grupo21C @Grupo21C · 7 de nov de 2012

E mais uma vez os inocentes são culpados e os culpados são inocentados

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 5 de nov de 2012

Flow twitter, manda bjo pro blog que ta dormindo desde sexta. PartiuCaminha

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 1 de nov de 2012

Indios Guarani Kaiowa

colunas.revistaepoca.globo.com/felipepatury/2...

Triste verdade, ou se matam ou são mortos.

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 5 de nov de 2012

Fisica é fisicamente impossivel

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 1 de nov de 2012

O aumento de glicose no sangue causa, cc

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 1 de nov de 2012

Artigo de opinião: Acho que cada cuidar da sua opinião e pronto

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 1 de nov de 2012

Sabe aquela sençao de que esqueveu augo erado? Nunca tive...

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 26 de out de 2012

Eu acho que as aulas deveriam começar as 8 da manha, dizem que o adolescente tem que dormir 8 hrs, mas nenhum consegue dormir isso!
MatheusR

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 18 de nov de 2012

Não coloque na salada o que você nao colocaria na pizza.

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 11 de nov de 2012

é por causa de crianças como ESSAS q o Brasil tá perdido, não por causa dos "marginais" que roubam para SOBREVIVER migre.me/bLIVV

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 10 de nov de 2012

É bonitinha, mas postou no Face "mtas sdds do MSN"

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 9 de nov de 2012

lamento muito a cidade de sp n ter sido escolhida para sediar a copa das confederações, culpa da CBF que proibiu o morumbi

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 7 de nov de 2012

furacão sandy em NY?nao vi,apenas ouvi assobios de ventos e cochichos sensassionalistas,abram os olhos!ele passou pelo caribe,entendo-os

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 8 de nov de 2012

Chuva grossa de 30min ou garoas constantes? Brigas grossas de 30min ou brigas constantes? e necessario brigar pelas coisas certas, à conquistar

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 8 de nov de 2012

9gag.com/gag/5784946 as vezes você não precisa de uma plateia de pessoas

Ver foto

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 7 de nov de 2012

Nos somos feitos para dizer sim, em uma escolha, vc nao diz um ou outro vc diz sim ou nao, vc aceita ou reprovaa as ideias, diga sim p votar bem

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 7 de nov de 2012

Qual seria sua reação ao dar de cara com a própria mediocridade?

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 7 de nov de 2012

para bom entendedor,

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 6 de nov de 2012

sendo politicamente correto: pic.twitter.com/TCz0ph07

Ver foto

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 4 de nov de 2012

Por que ainda devemos classificar os "smartphones" como "smartphones" se eles não vendem nenhum outro tipo de celular nas lojas? [#fato](#)

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 4 de nov de 2012

James Bond gay.... inovação inusitada

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Retweetado por chovendonomolhado

minicontos @minicontos · 3 de ago de 2012

Hoje a lua está como eu: cheia de tudo. JT

[Expandir](#)

[Responder](#)

[Retweeter](#)

[★ Curtir](#)

[... Mais](#)

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 4 de nov de 2012

Por mais que tecnologia agilize os processos, quando quebra ferra tudo.

[Expandir](#)

[Responder](#)

[Retweeter](#)

[★ Curtir](#)

[... Mais](#)

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 3 de nov de 2012

Sempre tem um atrasado para o ENEM.... acho que na véspera eu nem dormiria!

[Expandir](#)

[Responder](#)

[Retweeter](#)

[★ Curtir](#)

[... Mais](#)

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 3 de nov de 2012

Preparem seus guarda-chuvas, papelarias: amanhã vai chover monografia!

[Expandir](#)

[Responder](#)

[Retweeter](#)

[★ Curtir](#)

[... Mais](#)

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 2 de nov de 2012

O flu é tão ajudado pelo apito q outro dia vi uma pessoa cair no chão e achei q dariam falta p flu

[Expandir](#)

[Responder](#)

[Retweeter](#)

[★ Curtir](#)

[... Mais](#)

chovendonomolhado @EvGrupo31C · 26 de out de 2012

@CitouAndre agora sim! :)

[Ver conversa](#)

[Responder](#)

[Retweeter](#)

[★ Curtir](#)

[... Mais](#)

ANEXO 2 – Cinquenta *tweets* analisados

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 13 de nov de 2012
HOMEM-GATO morreu!!! [#genteestranhavaiproceu?](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 1 de nov de 2012
Funk viro coisa de playboy, Mc Catra ira se apresentar na formatura do Porto Seguro [#palhacada](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 12 de nov de 2012
Até que enfim esse José Dirceu foi condenado a prisão! Quem sabe depois dessa condenação do Mensalão esse país vai pra frente. [#forçaBrasil](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012
torcendo pelo Obama, tomara que os estados unidos façam uma decisão boa.. [#obama](#) [#ansiosa](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012
[#BreakingDawnLive](#) e eu aqui na escola, [#vidaloka](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012
@EvGrupo4 @evgrupo31A [#polemico](#) [#achoque](#)sim

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012
[#aff](#) [#ngosto](#) "@MittRomney: We know we can bring this country back, but we need your help. Find out where to vote today: [mi.tt/UtXKer](#)"

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012
@evgrupo31A acho a lady gaga [#exagerada](#) e [#desnecessaria](#), ela é lady nada [#rs](#)

Ver conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

Eletrofunk não dá! Edy lemond, mc mayara? uó! #fikadik #uiadoro
#aicomoeutobandida #sóplágio

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 3 de nov de 2012

paper.li/Grupo21A/13512... #paperli #difícildemexer #dandotrabalho
#vamoseditar #jornaldiario

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Retweetado por Cacatuas Mansas

Grupo21C @Grupo21C · 6 de nov de 2012

Muito sono para pouco eu...

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Epaminondas @evg11c · 23 de nov de 2012

Para que serve uma escola se os professores não comparecem?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

#VoltaRBD???? ACHO QUE NÃO

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 4 de nov de 2012

Por que ainda devemos classificar os "smartphones" como "smartphones" se eles não vendem nenhum outro tipo de celular nas lojas? #fato

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 3 de nov de 2012

#ENEM2012cancelado mas já?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Nem me fala... @grupo11b · 8 de nov de 2012

Em um mar de its.. vale a leitura neste it texto! aredacao.com.br/artigos/20853/
... hahaha

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 13 de nov de 2012

g1.globo.com/mundo/noticia/... HAHAHAA " Brothers become sisters, then beauty queens"

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 7 de nov de 2012

9gag.com/gag/5779869 hahahahahahaha

Ver foto

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

evg41a.blogspot.com.br/2012/11/o-livr... - APOS LER 50 TONS DE CINZA MULHER LONDRINA SE DIVORCIA, SERÁ?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

"@VEJA: Enem: candidata pode ter sido eliminada por engano goo.gl/rrsfm" agora eu quero ver

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

grupo21B @grupo21B · 9 de nov de 2012

sexta feiraaaaaaaaaaaaaa, ai simmm man! [#vemqtem](#)

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 2 de nov de 2012

Um absurdo os trend topics do twitter não tem nenhummm assunto que e importante de se debater, que que isso minha gnt?

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

mtooo ansiosa amanha!!! vai ser o melhor filme de todos!

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 6 de nov de 2012

Obamma e Romney VAI OBAMA NOIS TE AMA, VAAAAAAAAAAAAAAAAAAAI

Expandir

Responder Retweetar Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 2 de nov de 2012

Enem no fds e eu nem sei a materia da escola realidade de um sofrimento

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 2 de nov de 2012

Um absurdo os trend topics do twitter não tem nenhummm assunto que e importante de se debater, que que isso minha gnt?

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

Deprimente ----- apenas (tweet abaixo)

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

Se depender dos gols do neymar o brasil não ganha a copa. Perder no pais, sendo que tem gnt com fome e s/ escola e o \$ investido em estadios

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 15 de nov de 2012

"@Estadao: Neymar diz que cobrança de pênalti foi 'horível', mas também reclama do gramado. migre.me/bRT6O" não sabe jogar e culpa td

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 3 de nov de 2012

Enem cancelado fulano de tal roubou as questoes ---> sempre assim <---

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Cacatuas Mansas @grupo31B · 12 de nov de 2012

Chuva+São Paulo=caos total

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Viva En Cia @evgrupo31A · 13 de nov de 2012

@EvGrupo4 vamo viver a vida sempre como se fosse nosso último dia!!! =)

Expandir

Responder Retweeter Curtir Mais

Retweetado por Ev Grupo 4

Viva En Cia @evgrupo31A · 13 de nov de 2012

A vida é bela, a gente que estraga ela !

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)
Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Quantos tweets por dia posta seu ídolo? Já parou para pensar?

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)
Epaminondas @evg11c · 9 de nov de 2012

E os loucos, nos consideram normais?

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)
Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 6 de nov de 2012

#olimpiadas presidenta fazendo acordo com o comando vermelho pra nenhum gringo sair morto...QUE PAIS É ESSE? #SOCORROBRASIL #ridiculo

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)
Epaminondas @evg11c · 16 de nov de 2012

Esse feriado prolongado está passando muito rápido... Só acho.

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)
Grupo 2 - 1A @Grupo21A · 26 de out de 2012Visitem nosso blog!!! evgrupo21a.blogspot.com #escolaviva #nossoblog #polemico

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)
Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 8 de nov de 2012

"@g1: Combates matam 26 perto da fronteira entre Síria e Turquia glo.bo/SP9ydU" isso é humano? --'

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)
Cacatuas Mansas @grupo31B · 26 de out de 2012

Segundo a Rafa carinhas não são polêmicas :(

Expandir

[Responder](#) [Retweetar](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 6 de nov de 2012

Corria desesperadamente. Não via o que procurava. Sabia o que procurava? Não. Escutou sua respiração. Entendeu, sobreviveu e seguiu caminho.

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

chovendonmolhado @EvGrupo31C · 9 de nov de 2012

lamento muito a cidade de sp n ter sido escolhida para sediar a copa das confederações, culpa da CBF que proibiu o morumbi

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 23 de nov de 2012

Varios bafafas no enem de novo, e ainda pra ajudar mais um poquinho, menina sente contrações e pede para ir ao banheiro e da a luz a um bb

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 23 de nov de 2012

Haddad e eleito pois tem fama de quem ajuda os pobres . Sera mesmo? Aumentar a passagem do onibus nao e ajudar os pobres , pensem bem :)

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 22 de nov de 2012

Amanha já é sexta!!!

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 23 de nov de 2012

Sou contra a pena de morte no BR pq tem mt inocente que e preso, enquanto for uma justica mal feita, ninguem tem q condenar ninguem.

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 8 de nov de 2012

boa sociedade , elegeram o Haddad pra ajuda os "pobres " e ele aumenta a passagem ? grende ajuda não é mesmo ?

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Tem que ser polêmico @evgrupo41c · 5 de nov de 2012

Fisica é fisicamente impossivel

[Expandir](#)

[Responder](#) [Retweeter](#) [★ Curtir](#) [... Mais](#)

Retweetado por Ev Grupo 4

Bom Dia Brasil @bomdia_brasil · 13 de nov de 2012

Veneza está afundando. Com a chuva insistente, a cidade inundou e a prefeitura está preparada para decretar calamidade: glo.bo/ZAeVER

Expandir

↩ Responder ↻ Retweetar ★ Curtir ... Mais

Ev Grupo 4 @EvGrupo4 · 13 de nov de 2012

Veneza está afundando. Com a chuva insistente, a cidade inundou e a prefeitura está preparada para decretar calamidade: É O FIM DO MUNDO?

Expandir

↩ Responder ↻ Retweetar ★ Curtir ... Mais